

4

DA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO  
E SAÚDE PÚBLICA

# Revista do Ensino

## S u m m a r i o

### COLLABORAÇÃO

AFONSO DOS SANTOS --  
*Theorias da História do Brasil*

GLAUCIA MARIA DE CARVALHO  
*Literatura infantil (Exercícios escolares)*

MARIA SUZEL DE PADUA --  
*Bibliotheca infantil*

ABEL FAGUNDES -- *Educação sanitária*

DIUMIRA CAMPOS DE PAIVA  
*Educação Física na Escola Primária*

JOSÉ AMÉRICO DA COSTA --  
*Criança e Adulto*

CLELIA D. DE BEZENDE -- *A importância do desenho como auxiliar do professor*

GIBERTO GUARACY -- *Hora de histórias*

GUIOMAR SILVA -- *Excursões Escolares*

M. DA CONCEIÇÃO CABRAL DE VASCONCELLOS -- *Plano de Excursão*

MARIA DO ROSÁRIO OLIVEIRA -- *Auditorio*

LYGIA DE ARAUJO -- *Um trabalho em duas classes do 1.º ano*

ALICE MOIRA -- *Actividades proveitosas*

LEOPOLDINA MAIA -- *Estudos interessantes*

FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO -- *Visita de professores às classes*

(Conclue no verso da pagina)

SUMMARIO (conclusão)

TRADUÇÕES

JULES ISAAC — *O Ensino na Alemanha*

TRANSCRIPÇÕES

ORMINDA IZABEL MARQUES — *Contribuição para o Ensino da Escripta na Escola Primaria*

ANISIO TEIXEIRA — *Civilização e Escolas*

CHARLES BAUDOVIN — *Psychologia viva*

MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT — *O Ensino Científico das Linguas Modernas*

JOHN DEWEY — *Para ler e reler*

JOSÉ VIDAL — *Universidade Nacional de Ensino Technico Profissional Rural*

— *Cordialidade argentino-brasileira*

— *Índice geral do 2. trimestre*

REVISTA DO ENSINO

**ADVOCACIA E PROCURATORIOS**

**Dr. Antonio Jorge de Faria**  
**Orlando Thomaz Garcia**

Executam com presteza e pontualidade qualquer serviço perante as repartições publicas

Remettem os vencimentos de seus constituintes logo após o recebimento dos attestados de exercicio  
Informações gratuitas — Exactidão de contas

— HONORARIOS MODICOS —

Rua S. Paulo, 387 - Sala, 107 - Caixa Postal, 260 - Phone, 3106

**BELLO HORIZONTE**

**REVISTA DO ENSINO**

Da Secretaria da Educação e Saúde Pública

**Theorias da Historia do Brasil**

Afonso de SANTOS



A Historia do Brasil deve ser estudada á luz de uma theoria systematica, que a esclareça e explique.

Ao contrario resultará arida e inutil.

Entre as theorias mais notaveis, que se têm apresentado para a interpretação de nossa civilização, lembraremos as de Martius, Buckle, a positivista e a de Rocha Pombo.

1) Para Martius todo o interesse da Historia do Brasil reside no estudo das tres raças, que se combinaram para formação do brasileiro. "Pode-se dizer que a cada uma das raças humanas compete, segundo a sua indole inata, segundo as circumstancias debaixo das quaes ella vive e se desenvolve, um movimento historico caracteristico e particular. Portanto, vendo nós um povo novo nascer e desenvolver-se da reunião e contacto de tão diferentes raças humanas, podemos avançar que a sua historia se deve desenvolver segundo uma lei particular das forças diagonaes. Cada uma das particularidades physicas e moraes, que distinguem as diversas raças, offerece a este respeito um motor especial e tão maior será a sua influencia para o desenvolvimento commum, quanto maior for a energia, numero e dignidade da sociedade de cada uma dessas raças. Disso necessariamente se segue que o portuguez que, como descobridor, conquistador e senhor, poderosamente influíu naquelle desenvol-

vimento", o portuguez que deu as condições e garantias moraes e physicas para um reino independente se apresenta como o mais poderoso e essencial motor. Mas tambem de certo seria um grande erro para todos os principios de historiographia-pragmatica si se desprezassem as forças dos indigenas e dos negros importados, forças estas que igualmente concorreram para o desenvolvimento physico, moral e civil da totalidade da população". (1)

A theoria de Martius é, como se está vendo, exclusivamente ethnographica e unilateral.

Salienta apenas um dos poderosos factores de nossa civilização.

A Historia do Brasil, em toda sua complexidade, não pode e não deve ser apreciada tão sómente sob o aspecto racial.

## II — A segunda theoria é a de Buckle.

Um estreito determinismo geographico preside á theoria do celebre autor da Historia da Civilização na Inglaterra. Elle exaggera pasmosamente a influencia do meio physico sobre as civilizações. "Si no recherchous quels sont les agents physiques qui exercent l'influence la plus puissante sur la race humaine, nous trouverons qu'ils peuvent être divisés en quatre classes: le climat, la nourriture, le sol et l'aspect général de la nature..." (2)

No que interessa particularmente ao Brasil é que, então, mais imperfeita e oblusa se revela a construção do chamado historiador inglez.

De accordo com Buckle o desenvolvimento de uma civilização qualquer depende de quatro factores: clima, nutrição, solo, aspecto geral da natureza. Ora, segundo o proprio Buckle, nosso paiz apresenta-se como verdadeiro paraizo ter-

(1) — Martius "Como se deve escrever a Historia do Brasil", dissertação na Rev. do Inst. Hist. e Geog. vol. III.

(2) — Henrez Thomas Buckle "Historia de la Civilisation en Angleterre" trad. franceza de Baillot — 1831 — vol. I, pag. 45.

restre, enriquecido pela floresta exuberante, recortado de rios caudalosos, emoldurado por montanhas altissimas, habitado por uma quantidade de animaes venenosos, bravios, corpulentos, formidaveis...

Logo a conclusão deveria necessariamente formar-se em nosso favor.

Entretanto, não o foi. Ao contrario, de accordo com esse infallivel pontifice do materialismo physiographico, nós, os brasileiros, estamos irremediavelmente condemnados a vegetar eternamente, mergulhados em um inveterado barbarismo!

E porque?

Porque as condições geographicas no Brasil são favoraveis demais.

Em meio ás pompas e magnificencias do meio physico, em pleno viço e esplendor de uma natureza virgem e exuberante, não sobrou logar para o homem...

"au millieu le cette pompe, de cette splendeur de la nature, il n'y a de place pour l'homme". (3)

A theoria de Buckle, além de exclusivamente cosmologica, exaggerada e incompleta, está errada em relação ao Brasil.

Aqui não crescem sómente as grandes florestas, ha tambem extensas regiões de campos.

No Brasil não reinam exclusivamente os climas equatoriaes super-humidos; ha igualmente climas temperados, semi-humidos e até semi-aridos.

Não sabemos onde o autor da Historia da Civilização na Inglaterra foi descobrir montanhas altissimas, animaes de grande porte e outras tantas caraminholas que teve a coragem de escrever sobre o Brasil, sem conhecimento elementar do nosso relevo, da nossa fauna e climatologia.

III — Passemos á theoria dos positivistas. Augusto Comte não escreveu directamente sobre o Brasil; mas os seus

(3) — Idem — idem — vol. I, pag. 123.

discipulos brasileiros crearam o que pomposamente denominaram theoria da patria brasileira, que Sylvio Romero assim synthetisou:

"A nação brasileira é uma patria colonial, pertencente ao grupo das patrias occidentaes. Logo ao sahir da luta brasileira hollandeza, o Brasil reunia em si as condições d'uma patria: solo continuo, governo independente e tradições communs. O destino brasileiro pode formular-se assim: "o prolongamento americano da civilização iberica, a que cada vez mais se assimilarão, até unificação total, os indios e os negros importados, ou os seus descendentes.

"Na guerra hollandeza venceu definitivamente o elemento iberico, representante da civilização latina; dest'arte o Brasil escapou á acção dissolvente da Reforma, do deísmo e está em melhores condições para adoptar a doutrina *regeneradora* (o grypho é de Romero) do que o Estados Unidos, por exemplo". (4)

Quem, pois, pretender penetrar os segredos de nossa civilização e acompanhar-lhe as diretrizes, ha de primeiro estudar a origem e desenvolvimento da civilização catholica e latina da Iberia.

Assim como a theoria de Martius é exclusivamente ethnographica e a de Buckle exaggeradamente cosmologica, a synthese positivista é singularmente sociologica.

Como as duas primeiras, é, pois, unilateral, incompleta.

IV — Sylvio Romero, em sua Historia da Literatura Brasileira, affirma que Oliveira Martins, em seu livro "O Brasil e as colonias", "enxerga todo o interesse dramatico e philosophico da historia nacional na luta entre Jesuitas e os indios de um lado e os colonos portuguezes e os negros do outro". (5)

Não encontrei formulada expressamente tal theoria no citado livro de Oliveira Martins.

(4) — Sylvio Romero — Historia da Literatura Brasileira — vol. I, pag. 19.

(5) — Idem — idem — vol. I, pag. 18.

É certo que os Jesuitas foram os primeiros educadores de nossa nacionalidade; constituiram, na phrase de João Ribeiro, o elemento moral nos tempos colonias. Sua pedagogia, seu devotamento na catechese dos indios e na instrução dos colonos; seu zelo na obra da defeza contra as pressões do elemento estrangeiro entram como elemento decisivo na obra de nossa formação historica.

V — Finalmente Rocha Pombo, no capitulo:

"Como escrevemos a nossa historia", mostra que toda a civilização resulta da acção conjuncta dos grandes factores: a terra e o homem.

Dedica, por isso, parte de sua grande Historia do Brasil ao estudo de nosso meio physico, sem esquecer as condições sociaes e politicas da Europa á época da descoberta do Brasil.

Demora-se no estudo dos tres elementos formadores de nossa nacionalidade e só então passa a desenrolar aos olhos de seus leitores o quadro animado e colorido dos acontecimentos que compõem a nossa Historia tão formosa e suggestiva.

A theoria de Rocha Pombo é mais completa, mais comprehensiva dos diversos factores de nossa historia.

\*

Aproveitando-nos dos ensinamentos contidos em todas essas theorias, poderemos orientar o nosso estudo de Historia do Brasil de accordo com as seguintes diretrizes:

I — Estudo da situação social, politica, economica e religiosa da Europa, á época dos descobrimentos maritimos.

II — Uma synthese do que tinha sido a civilização na Peninsula Iberica.

III — A grande era dos descobrimentos maritimos.

IV — O meio physico em que se vae desenvolver a civilização brasileira.

V — Estudo de cada uma das tres raças e das condições em que se moldaram na elaboração de nossa nacionalidade.

VI — Papel do Jesuita como elemento formado de nossa civilização.

VII — Pressões externas e influencias de alguns povos estrangeiros.

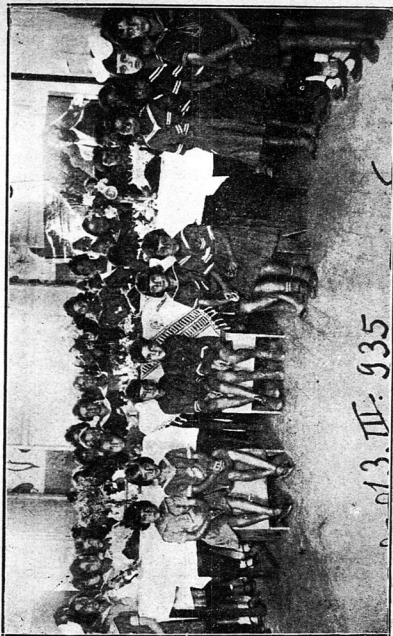
VIII — Ideologia phylosophica do sec. XVIII e sua influencia em nossa formação politica.

IX — Desenvolvimento de nossa civilização no que ella tem de mais proprio, mais original.

AFONSO DOS SANTOS

PEDIMOS PERMUTA ÀS PUBLICA-  
ÇÕES CONGENERES DOS ESTADOS  
E DO ESTRANGEIRO

VIDA ESCOLAR EM MINAS GERAES



Grupo escolar de Guanabara. — Distribuição da merenda.

# Exercícios escolares

## LITERATURA INFANTIL

Gláucia Maria de CARVALHO

(Do 2.º anno de Applicaçãõ da Escola Normal  
Modelo, de Belo Horizonte)

A historia mais antiga do mundo foi uma historia para creanças. Escreveu-a o escriba egypcio Ananna, para o principe Seti Menephtah, filho do pharaó Ramsés Miamum. Essa historia, cuja traducçãõ pôde ser encontrada na Bibliotheca Internacional de Obras Celebres, vol. I, fls. 49 a 60, acha-se actualmente, no Museu Britannico, segundo o informa o livro acima citado.

Isso não quer dizer, porém, que a preocupação de escrever historias exclusivamente para a infanciã tenha existido desde a mais remota antiguidade. O primeiro a se lembrar disso, foi, talvez, Charles Perrault, na França, em 1697.

Colleccionando os mais bellos contos populares, transmittidos oralmente a gerações successivas de creanças, Perrault reuniu-os sob o titulo de "Contos da Tia Gansa".

\*

Actualmente a literatura infantil se desenvolveu de um modo consideravel, em todos os paizes civilizados. Foram explorados, com maior ou menor felicidade todos os generos de historias: historias de fadas, historias de viagens, historias de aventuras, historias humoristicas, historias que têm por fim trazer certos conhecimentos.

Nem todos os livros que vão surgindo correspondem aos fins que se deve ter em vista, introduzindo a literatura na escola, como um factor poderoso da educaçãõ.

Na minha opiniãõ, esses objectivos devem ser:

- a) desenvolver o gosto artistico;
- b) desenvolver bons sentimentos;

- c) concorrer para a aquisição do gosto pela leitura;
- d) trazer certos conhecimentos;
- e) proporcionar um divertimento são e agradável.

Façamos uma rápida analyse dos tres primeiros e do ultimo objectivos, visto que o quarto não é, de todo, indispensavel.

*Desenvolver o gosto artistico* — Creio não ser necessario insistir muito sobre a importancia desse objectivo. Pensando, com Sara Bryand, que a historia deve ser, antes de tudo, uma obra de arte, esclareço, desse modo, o meu ponto de vista.

Uma boa historia para creanças deve ser escripta num estylo simples e harmonioso. Mas *simplicidade* não significa *vulgaridade*. Escrever de um modo vulgar é facil, ao passo que ser simples é o que existe de mais difficil, não só em litteratura, como em muitos outros pontos de vista.

Por isso, acho melhor, sempre que possivel, recorrer ás obras primas de litteratura infantil, escriptas por autores de competencia indiscutivel. Porque, um assumpto qualquer, por mais banal que pareça, um homem de talento poderá transformal-o numa pagina de arte.

Deixar a creança ler todos os livros que lhe venham ter ás mãos, poderá prejudicar a formação desse gosto pelo bello, não só na escola, como, mais tarde, na idade adulta.

b) *Desenvolver bons sentimentos* — A historia não deve ter o fim ostensivo de pregar moral (moral muito theorica na maioria das vezes). Todos os que fomos creanças sabemos, por experiencia propria, a inutilidade de tal preocupação: a historia perde metade do encanto que poderia possuir, e da lição não se aproveita quasi nada.

Mas a historia para creanças deve conter, em si mesma, uma boa moral pratica, que transpareça, naturalmente, nas acções boas praticadas pelos heróes do conto e no castigo merecido pelos personagens maus, que faça a creança amar a belleza do bem por si mesma, sem precisarmos insistir sobre isso.

Ha ainda outras historias que, embora não encerrem na moral, não são, comtudo, *anti-moraes*. Estão nesse caso as boas historias humoristicas, cujo fim exclusivo é fazer rir. E a alegria é um tónico poderoso para o espirito, sobretudo para um espirito em formação, como o é o da creança.

*Desenvolver o gosto pela boa leitura* — Desde o inicio do primeiro anno, a historia pôde servir de estímulo para o ensino da leitura. Vendo os livros de onde são tiradas as historias que convém contar ou ler, as creanças ficam ansiosas por aprender a lel-as por si mesmas.

Depois de terem com certa facilidade, ampliando o seu conhecimento com os livros bem escriptos, ellas adquirirão o habito de ler, habito esse que se conservará mais tarde, terminado o curso primario.

*Proporcionar um divertimento são e agradável* — Todos os outros objectivos são importantes. Mas esse o é mais ainda, por motivos tão evidentes que não precisam ser encarecidos.

\*

Nem todas as historias precisam satisfazer a todos esses objectivos reunidos. O criterio para a selecção dellas deverá basear-se em que ellas satisfçam a um desses objectivos, pelo menos.

*As historias contadas* — As creanças menores, em geral, e mesmo as maiores, algumas vezes, preferem ouvir contar historias do que lel-as, ou escutar a leitura dellas. Isso porque a linguagem falada, mesmo a mais correcta, é sempre mais natural e expressiva do que a linguagem escripta.

Para Bryant, no seu "Comment racontes des histoires a nos enfants", explica de um modo completo todas as technicas dessa arte "muito bella e muito antiga", que é a de contar historias. Que poderia eu dizer, além e melhor do que ella já disse?

Ha pouco tempo pude, por experiencia propria, constatar a veracidade de um exemplo citado por aquella autora para demonstrar a influencia da historia contada sobre a disciplina de uma classe. Tive que tomar conta de uma classe de 4.º anno, cuja professora faltou.



Algumas creanças aproveitaram-se da minha situação de alumna para perturbar a disciplina da classe. Eram quasi todos meninos de 12 annos, sem muito bons principios de educação. Temendo não ser obedecida, não quiz chamar-lhes a attenção, e procurei outro meio de interessal-os. Resolvi, então, contar-lhes uma historia: e o resultado foi optimo, porque todos se comportaram muito bem.

★

A professora de hoje precisa não só saber contar historias, como tambem possuir um repertorio variado dellas. E' aconselhavel, por isso, o uso das fichas, de grande utilidade e pratica.

Póde-se organizal-as do seguinte modo: toda historia lida e julgada propria para ser contada deverá ser resumida num cartão rectangular, trazendo, na parte de fóra, o nome da historia e do livro de onde foi tirada.

Já organizei algumas fichas de historias, entre ellas a que se segue, reproduzido para exemplo:

#### A PATA, O GANSO, O PORCO E O LOBO

Sara Bryant — Comment lacortes des histoires a nos enfants

Verso da ficha

##### SUMMARIO

A pata, o ganso, o porco e o lobo resolvem construir uma casa. A pata fez uma casa de palhas, o ganso uma de madeira e o porco uma de tijolos, com cacos de vidro sobre o telhado. O lobo bate á porta da pata e pede para entrar. A pata não deixa. O lobo derruba a casa, e a pata foge para a casa do ganso. O lobo vae á casa do ganso em procura da pata. O ganso não o deixa entrar. O lobo derruba a segunda casa. A pata e o ganso foram para a casa do porco. O lobo sobe no telhado da casa do porco para entrar pela chaminé, mas fere-se nos cacos de vidro. Desce e fica espiando pela fechadura o que fazem os tres lá dentro.

O que aconteceu depois com o lobo.

Reverso da ficha (reverso da historia).

★

Desse modo, simplificar-se-á o trabalho da professora. Para a escolha das historias a ser contadas, será levado em conta o anno em que os alumnos estão.

#### *Critica dos principaes livros de literatura infantil que conheço*

Temos, actualmente, boas traducções dos melhores livros de historias, além de muitos outros escriptos especialmente para as nossas creanças. Sobre esses ultimos, terei que falar um pouco mais adiante.

Na literatura estrangeira destaca-se Perrault, que póde ser considerado como o pac da literatura infantil. Não conheço os contos de Perrault no original, nem uma traducção do livro que elle escreveu. Conheço quasi todas as suas historias, mas dispersas em outros livros, principalmente nas collecções de Arnaldo Barreto.

Perrault é um dos mais populares (para não dizer o mais popular) dos escriptores para creanças, não só na França, seu paiz natal, como em muitos outros paizes do mundo. "O gato de botas", "O chapéozinho vermelho", "A bella adormecida", "A bella e a fera"... quem não os conhece e não se lembra de haver sentido um prazer immenso ao ouvil-os?

Condessa de Segur — Dessa autora, conheço "As meninas exemplares", "Os desastres de Sophia", "Ursão" e "O bom Henriquinho".

Os dois primeiros, li-os aos 9 annos de idade. Tornei a lel-os uma porção de vezes.

Hoje, apesar de achar os personagens das historias um pouco afastados da nossa época e até um tanto ridiculos, ás vezes, penso que esses livros ainda serão apreciados pelas nossas creanças.

#### LITTERATURA INGLEZA

Carlos Kingsley foi um ministro protestante e um grande romancista inglez. Escreveu um conto muito bonito para creanças: "Os bebés d'agua", de que se encontra um resumo no "Thesouro da Juventude".

Appareceu, ha pouco, uma traducção desse livro, sob o titulo: "Os nenés d'agua". Não posso dar minha opinião a respeito della, porque não a conheço.

São muito interessantes as figuras que entram em scena: Grimes, o velho limpa-chaminés, sempre impertinente; Tom, o personagem principal; lady Harthover, as fadas *Como fizeres assim te será feito e Faça aos outros o que quizeres te façam* e os maravilhosos bebês d'agua, na sua vida não menos maravilhosa no fundo do mar.

\*

*Ruskin* não foi, como sabemos, escriptor de historias maravilhosas.

Um dia resolveu escrever um conto para u'a amiguinha, que se hospedára em sua casa: e escreveu a obra prima, que é "O rei dos rios de ouro", uma das historias mais bellas, para mim, assim pelo enredo como pelo estylo primoroso em que foi escripta.

Póde-se encontrar essa historia no original em um dos volumes do "The Class Room Teaches", na traducção franceza do livro de Sara Bryant e no vol. XII, do "Thesouro da Juventude".

Antes de mandar as creanças lerem essa historia, convém dar-lhes algumas explicações a respeito, porque algumas poderão encontrar um pouco de difficuldade em comprehendel-a.

\*

"Alice no paiz das maravilhas" é um livro já celebrado pela critica. *Lewis Carrol* escreveu-o para creanças. Mas, na minha opinião, só as creanças mais desenvolvidas sabem apreciar-o.

Nos sonhos, acontecem, de facto, muitas cousas disparatadas como as que aconteceram com Alice. Mas algumas creanças com quem conversei a respeito desse livro, disseram-me achal-o muito confuso.

Monteiro Lobato deu-nos uma traducção esplendida dessa obra, em dois volumes: "Alice no paiz das maravilhas" e "Alice no paiz do espelho".

"O livro da jangle", de Kipling, é uma obra prima no genero. "Mowzali, o menino lobo", foi traduzido por Monteiro Lobato.

Quem o não leu ainda, deverá fazel-o o quanto antes, para se certificar do valor da obra.

\*

Tratemos, agora, de um livro aconselhado pelo proprio Rousseau, para o seu discipulo, o celebre Emilio. Digo pelo proprio Rousseau, porque o nosso conhecido philosopho não era muito amigo de outros livros além da Natureza, o livro aberto que póde ser lido até pelos analfabetos.

Refiro-me ao "Robinson Crusoe", de *Daniel Defoe*. É um livro de merecida fama universal. Raras são as pessoas que não o conhecem.

\*

"O principe feliz", de *Oscar Wilde*, embora não faça parte da literatura infantil, póde ser dado a ler a meninos do quarto anno, e mesmo a alguns do terceiro, mais desenvolvidos. As creanças vão, assim, adquirindo o gosto pela boa literatura.

\*

#### LITTERATURA ALLEMA

*Jacob Luiz e Guilherme*, "os irmãos Grimm", como são mais commumente conhecidos, colleccionaram, juntos, os "Contos populares", adaptados pelo primeiro á comprehensão ingenua das creanças. Alguns desses contos são os mesmos já colleccionados por Perrault. "Contos de Grimm" e "Novos contos de Grimm" são os titulos com que Monteiro Lobato traduziu essas historias tão nossas conhecidas, adaptando-as á comprehensão das creanças brasileiras. Ha outras traducções, que não conheço bem.

\*

O livro "Contos orientaes", de *Guilherme Hauff*, o celebre escriptor allemão, que, apesar de ter morrido aos 25

annos, deixou uma obra relativamente grande, é um livro optimo, sob todos os pontos de vista.

São seis historias independentes, mas relacionadas entre si por serem contadas pelos personagens principaes da verdadeira historia: o acolhimento do maior bandido do deserto pelos 5 chefes de uma caravana hospitaleira.

#### LITERATURA DINAMARQUEZA

*Andersen* pôde ser comparado a Perrault e aos irmãos Grimm, sob o ponto de vista da popularidade de que goza entre o mundo infantil. Suas historias, um pouco tristes, ás vezes, mas sempre encantadoras, terminam de um modo suave e bom.

Quem ouve falar em Andersen, lembra-se logo d'“O patinho feio”, “Os cysnes selvagens”, “O pinheiro”, “A pequena vendedora de phosphoros”, reminiscencias que renovam a felicidade de um tempo que já passou.

\*

Passando para a literatura irlandeza, vamos encontrar *Francisca Browne*. Já ouviram falar em Francisca Browne? Era uma cega, cuja infancia foi muito triste, nuas que escreveu lindos contos infantis.

A Dama Carafria foi a principal personagem creada pela sua imaginação. Dama Carafria tinha um netinha chamada Branca-flôr e uma cadeira maravilhosa, que sabia contar historias feito gente grande.

Um dia, a avózinha partiu para uma grande viagem e deixou Branca-flôr em casa, dizendo-lhe para deitar-se na cadeira e pedir uma historia, sempre que estivesse triste.

Muitas historias que Francisca Browne escreveu foram contadas pela cadeira maravilhosa á netinha da Dama Carafria. Uma dellas é “A menina Caridade”.

\*

*Apologos indús* — Que é um apologo? Procurem no dictionario, e acharão a seguinte definição: “Apologo é uma narração em que se introduzem a falar irracionaes, ou ainda cousas insensiveis, para se tirar alguma moralidade”.

A definição é, como vêem, sufficiente. Não ha necessidade de entrar em explicações. Os apologos, cuja origem não está ainda estabelecida, não foram feitos para creanças. Pelo contrario: os adultos é que encontram nelles verdades necessarias, nem sempre agradaveis de ouvir, como o são as verdades em geral. Mas as creanças tambem podem ler apologos, e delles tirar algum ensinamento proveitoso.

Dentre os apologos indús que conheço e julgo serem bons para as creanças, destacam-se: “O chacal e o lagarto”, “O tigre, o brahmane e o chacal”, “O elephante furioso”.

\*

*Fabulas de Buddha* — Muitas dessas fabulas, ditas de Buddha, não foram, com certeza, da autoria do grande philosopho hindú. Mas isso não tem importancia.

Dentre essas fabulas, as que acho mais interessantes são: “O ser mais poderoso do mundo”, historia de uma ratiinha transformada por um feiteiro bom numa princeza encantadora. Serve para demonstrar que a felicidade está, na maioria das vezes, bem perto de nós, enquanto vamos procurá-la pelo mundo afóra. “As fadas prudentes e as estúpidas”, mais ou menos semelhante á parábola de Christo: “As *virgens prudentes e as virgens loucas*”: “O grou e o caranguejo”, que as creanças compreenderão com a facilidade, descobrindo a moral que contém.

\*

*Hebreus* — Do “Talmud” podem ser tirados alguns contos, taes como: “O herdeiro e o testamento”, “A distribuição da comida”, “Os guardas do rei”, e outros.

Algumas passagens da “Biblia”, taes como a historia de Moysés, a salvação de Noé, o nascimento de Jesus, a parábola do Filho Prodigio, convêm ser conhecidas pelas creanças.

Esses trechos precisam ser um pouco modificados, mas deve-se, tanto quanto possível, conservar a simplicidade de estylo e a poesia magestosa que encerram.

*Gregos* — Nem todas as lendas da Mythologia grega são acessíveis á comprehensão das creanças. Algumas, porém, soffrendo uma ampliação, como a aconselhada por Sara Bryant, poderão ser transformadas em boas peças de literatura infantil.

Taes são, por exemplo, a lenda dos argonautas, a historia do cavallo de Troia, o episodio de Ulysses e os Cyclopes e outras. Ha ainda as fabulas de Esopo.

Esopo, cuja existencia talvez fosse, apenas, legendaria, nada escreveu, provavelmente. Entretanto, foi considerado como o introductor do apologo.

Dentre as fabulas que lhe são attribuidas, destacam-se: "As gallinhas gordas e as magras", "As rãs pedindo um rei", "Quem põe o guiso ao gato", fabulas já muito conhecidas por todos nós.

\*

Terminando essa noticia summaria a respeito das principaes obras estrangeiras, proprias para creanças, ia me esquecendo de fazer referencia a dois autores italianos: *Edmundo de Amicis* e *C. Collodi*, que escreveram, respectivamente, "Coração" e "Pinocchio", livros que nada têm de commum, mas que são citados juntos por terem brotado da imaginação de dois conterraneos.

"Coração" é um dos livros mais bellos que conheço, pela delicadeza de sentimentos manifestada nas suas historias que embora não sejam reaes, são passíveis de realização.

"O enfermeiro de Tatá" e "Dos Appeninos aos Andes", são, para mim, as melhores paginas desse livro admiravel.

"Pinocchio" é um livro originalissimo. Pertence ao genero daquellas historias que não têm por fim pregar moral, mas que contêm exemplos muito uteis para as creanças. E' cheio de episodios inesperados, que concorrem para augmentar, progressivamente, o interesse do leitor.

Monteiro Lobato deu-nos, ha pouco tempo, uma nova traducção do "Pinocchio".

O livro que contém a melhor selecção das historias infantis escriptas em todo o mundo, é, finalmente, o "Thesouro da Juventude": contos chinezes, hebraicos, gregos, historias das "mil e uma noites", apologos hindús, fabulas de Esopo, Buddha e Lafontaine, os mais bellos contos de Perrault, Grimm, Andersen e outros autores já citados, constituem o "Livro dos Contos".

Além disso, no "Livro das bellas acções" e nos "Livros famosos", as creanças terão occasião de ler, respectivamente, as historias veridicas, ou pelo menos verosimis dos personagens, cuja vida foi um exemplo de abnegação e sacrificio pelos ideaes mais nobres dessa vida e de conhecer, ainda que em resumo, as obras primas da literatura dos adultos; como "D. Quixote de la mancha", de Cervantes; "David Copperfield", de Charles Dickens; "Tartarin de Tarascon" e "Tartarin nos Alpes", de Daudet; "Os Luziadas", de Camões; a "Divina Comedia", de Dante; e muitas outras, devidamente adaptadas á comprehensão dos pequenos leitores.

\*

#### *A literatura infantil no nosso paiz*

A origem das nossas historias para creanças encontra-se nas lendas dos indios e dos negros que, modificadas e deturpadas pela tradição oral, vieram a constituir o nosso "folklore". Taes são, por exemplo, as historias de kagados, tatús, macacos, que se comportam como gente, as lendas de sacys, lobishomens, mães d'agua e mulas sem cabeça, que servem mais para amedrontar do que para divertir as creanças.

Ronald de Carvalho, na sua "Pequena historia da Literatura Brasileira", transcreveu a historia: "O kagado e a fructa", que, soffrendo algumas modificações necessarias, poderá ser lida pelas creanças.

"O kagado e a festa no céu", "A onça e o cabrito", são outros contos, da collecção de Sylvio Romero, muito conhecidos pelas nossas creanças, em geral.

A literatura infantil tem se desenvolvido bastante, no Brasil, nesses ultimos tempos, principalmente. Muitos dos livros que vêm apparecendo não correspondem aos objectivos já discutidos anteriormente. Em compensação, ha outros comparaveis aos melhores livros das outras literaturas.

\*

*Principaes livros brasileiros*

*Tycho Brahe* — Historias Brasileiras e Arvore de Natal.  
*Gondin da Fonseca* — Contos do paiz das fadas e “O Reino das Maravilhas”. Algumas das historias do primeiro são adaptações de historias já muito conhecidas.

\*

Os livros editados pelo “O Tico-Tico”, de que conheço, apenas “Historias Maravilhosas”, de *Humberto de Campos*.

“Contos da Mãe Preta”, de *Oswaldo Orico*.  
“No mundo dos bichos”, de *Carlos Magalhães*.  
“Quando o céu se enche de balões”, de *Leonor Posada*.  
“Minha Babá”, de *J. Carlos*.  
“Zé Macaco e Faustina”, de *Alfredo Storni*.

\*

A collecção de *Arnaldo Barreto* contém as melhores historias dos bons autores de que já falei.

Collecção de *Thales de Andrade* — E' menos interessante que a precedente. Mas traz algumas historias boas.

*Bibliotheca Escolar Recreativa* — E' uma collecção ainda em começo. Os livros são do mesmo tamanho dos de *Arnaldo Barreto* mas suas illustrações são bastante inferiores. Cada um delles contém uma historia, apenas.

\*

*Bilac e Bomfim* — Através do Brasil — E' geralmente adoptado como livro de leitura nas classes de 4.º anno. E' um livro optimo, quer sob o ponto de vista literario, quer sob

o ponto de vista patriotico. A viagem dos dois meninos, *Carlos e Alfredo*, é um motivo para a aquisição de varios conhecimentos a respeito do nosso paiz.

\*

*Viriato Corrêa* — “Arca de Noé” e “Historia do Brasil para creanças”.

O primeiro é bom; mas o segundo é muito melhor, porque veio contribuir para fazer que as creanças amem a Historia do Brasil, ao envés de encaral-a como uma obrigação que precisa ser cumprida para se obter promoção no fim do anno.

\*

*Yantok* — “O lombrigo plano do professor Pipoca” e “Um passeio em Petisopolis”.

*Yantok* é um escriptor essencialmente humoristico. Mas seus livros não servem apenas para fazer rir. Os dois acima citados incutem, tambem, noções de moral e de hygiene, aprendidas sem esforço e com alegria.

\*

*Os livros de Monteiro Lobato*

*Monteiro Lobato* é, entre nós, quem mais tem feito pelo desenvolvimento da literatura infantil no Brasil, ora traduzindo as melhores obras dos autores estrangeiros, ora escrevendo livros inteiramente originaes, que o transformaram no autor predilecto de grande parte das nossas creanças.

Já li muitos dos seus livros. E, apesar de não ser creança, acho-os admiraveis”.

“*Narizinho arrebitado*”, “*O Marquez de Rabicó*”, “*Via-gem ao Céu*”, “*A penna de papagaio*”, “*Emília no paiz da Grammatica*”, “*Historia do Mundo para creanças*”, “*O Sacy*” e “*As caçadas de Pedrinho*”, são os livros que conheço de *Monteiro Lobato*.

Desses, são os melhores: "Viagem ao céu", "Emilia no paiz da Grammatica", "O Sacy" e a "Historia do Mundo para as creanças".

"Emilia no paiz da Grammatica" é um livro bom para as creanças e ótimo para as professoras, porque facilita-lhes o trabalho em relação ao ensino das noções praticas de grammatica, que as creanças devem adquirir na escola.

E' pena que a "Historia do Mundo" tenha explicado a criação do universo pela doutrina evolucionista, motivo pelo qual foi prohibido pela Igreja.

\*

Para terminar essa palestra, teria que tratar, primeiro, das Poesias para creanças e das Poesias feitas por creanças. Deixarei essa parte para a monographia do fim do anno, pois preciso estudar esse assumpto mais minuciosamente, o que não me é possível fazer agora.

### BIBLIOGRAPHIA

The Class Room Teacher, vols. II, VI e X.

Miss Moore — The Primary School.

Sara Bryant — Comment raconter des histoires a nos enfants.

Halphen Istel — Quelles Histories raconterez vous a vos enfants?

Departamento de Educação — Programma de linguagem.

Afranio Peixoto — Ensinar a ensinar.

Bibliotheca Internacional de Obras Celebres.

Encyclopedia e Dicionario Internacional.

Thesouro da Juventude.

GLAUCIA MARIA DE CARVALHO.

## Bibliotheca infantil

Maria Suzel de PADUA

Maria Carmen — Envio-lhe, como me pede, uma sugestão para a bibliotheca infantil que pretende crear.

*Por falta de capital*, escreve-me você, visto não poder, para esse fim, dispôr do da Caixa Escolar, o seu grupo achase em difficuldade de formar uma, ainda que modesta. Excepto os livros didacticos, adoptados em aula, os seus alumnos não têm outros. Não ha material. Como organizar uma bibliotheca, sin ão ha livros, nem dinheiro para adquiril-os ?

Ocorre-me lembrar-lhe, Maria Carmen, que "querer é poder".

Directora do grupo, sente você que elle necessita da bibliotheca. As professoras pedem-n'a. As creanças querem-n'a. Que mais deseja, si, motivando a sua fundação, está o interesse collectivo, factor este que é a "mola real da vida"?

Desejando auxilial-a na solução desse problema, aproveito, para citar-lhe, a experienciã de um estabelecimento que se achava nas mesmas condições do seu.

Contando já os seus vinte e dois annos de existencia, não possuia ainda a sua bibliotheca para creanças. Mas um dia, 2 de agosto de 1932, reunido o corpo docente, commentava-se o assumpto, salientando-se a grande vantagem que seria para o ensino, a aquisição de livros de literatura infantil e de informações, que pudessem recrear e instruir os alumnos. Então, alguém, notando ser opportuno o momento, apresentou a seguinte proposta: o corpo docente do estabelecimento offereceria 1% de seus vencimentos de agosto, afim de ser obtida a primeira quantia para a compra de alguns livros.

Accepta a mesma, com entusiasmo, foi apurada, no dia 13, a importância de 65\$000, relativa a 1% do ordenado da directora, professora tecnica, auxiliar, quinze professoras e sete estagiarias.

Em 30 de agosto, os clubes de leitura das tres classes do 4.º anno offereceram, por intermedio de seus thesoureiros, os saldos que havia em Caixa: 4\$100, 2\$700 e 20\$000, respectivamente, ou seja um total de 26\$800. Apurou-se, assim, uma somma de 92\$600, com a qual foram comprados os primeiros livros.

Mas, objectar-me-á você, com 92\$600, não é possível adquirir muitos livros. E de que vale uma dezena de compendios para um grupo cuja matricula tem centenas, excede mesmo a 500 creanças?!

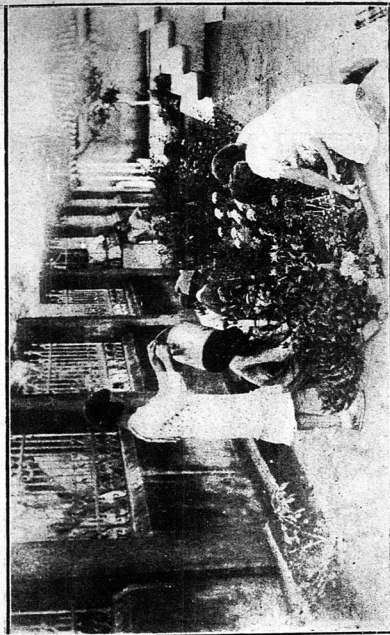
Este problemazinho appareceu no grupo e poude ser resolvido da maneira seguinte:

Foram comprados 8 livros, entre literatura infantil e informações, no valor de 76\$000. O primeiro, contendo 20 historias, por 5\$000; o segundo, com 23, por 7\$000; o terceiro, com 22, por 6\$000; o quarto, com 35 capitulos de informações, por 10\$000; o quinto, com 25 capitulos, por 8\$000; o sexto, com 40, historias, por 15\$000; o setimo, com 37 capitulos, por... 12\$000; e o oitavo, com 38 historias, por 13\$000. Os 16\$000 restantes foram empregados na compra de 40 folhas de cartolina de côr, a \$400.

Cada folha foi dividida em 6 partes, perfazendo, as 40, um total de 240 folhas menores. Os livros foram todos desmembrados, constituindo, cada historia ou capitulo, um livro á parte, com a sua respectiva capa de cartolina.

Tal trabalho foi feito pelos alumnos de 2.º, 3.º e 4.º annos, guiados pelas professoras especializadas de trabalhos manuaes. Como vê, um bello motivo, numa situação real, para um optimo e util projecto. Nas aulas de escripta, em classe, foram feitas, a tinta, as legendas nas capas; titulo, autor e livro de que foi tirada a historia ou capitulo.

Unificando a escola, a noticia corria alegremente de classe em classe, e, aos poucos, passava da escola á casa. E



AS ACTIVIDADES EDUCATIVAS EM MINAS GERAES

outros livros foram doados á bibliotheca, que se viu enriquecida pela mão generosa de alguns alumnos, paes e pessoas extranhas ao estabelecimento.

Até a Caixa Escolar, recordando-se do art. 189 do vigente Regulamento de Ensino, concorreu para a constituição da bibliotheca, contribuindo, annualmente, com 10 % de sua receita.

Suggestido por sua distincta directora, foi unanimemente accêito, para patrocinar a bibliotheca, o nome de dedicada professora, em homenagem aos serviços relevantes prestados ao mesmo grupo, quando auxiliar da primeira directora.

Franqueada á leitura das creanças, desde os primeiros dias, foi a bibliotheca inaugurada a 31 de outubro do mesmo anno, com 318 volumes no valor de 170\$300.

Festejando solennemente o acontecimento realizou-se, na mesma data, um auditorio extraordinario.

Para constar, um dos alumnos lavrou uma acta que foi assignada pela directora e demais funcionarios do estabelecimento. Desde então, 318 alumnos já podiam lêr, pelo menos, um livro por dia.

Porém, o numero de volumes não deveria permanecer estacionario; cumpria que a bibliotheca crescesse em quantidade e qualidade. Era mister dispendêr, continuamente, uma certa importancia na aquisição de novos livros. Havia o auxilio da Caixa Escolar. Mas era pouco. Então, as creanças mais abastadas propuzeram contribuir com \$100 mensaes, reservando-se o direito de retirar um livro por dia, direito este concedido igualmente a qualquer alumno, contribuinte ou não, sem distincção de classe. A bibliotheca se enriquecia, assim cada vez mais, recebendo mensalmente, 3\$000, 5\$000, e ás vezes 8\$000, dádava de seus pequeninos mas entusiastas e sinceres bemfeitores.

Eis, Maria Carmen, como, por iniciativa, cooperação e boa vontade dos corpos docente e discente, creou-se a bibliotheca infantil "Iris de Rezende", do Grupo "Francisco Salles" da Capital.



Fundada em 2 de agosto de 1932, ha quasi tres annos que concorre para o desenvolvimento dos alumnos. Resta-me accrescentar que possui, actualmente, 721 volumes, sendo 606 de literatura infantil e 116 de informações, num valor de 422\$700.

Finalmente, Maria Carmen, se lhe fôr oportuna a idéa, use-a. Não é desdouro algum aproveitarmos a experiencia alheia. Pelo contrario. Podemos e devemos lançar mão della, desde que nos pareça boa e valiosa.

MARIA SUZEL DE PADUA

### Vida escolar em Minas Geraes

Pedimos aos srs. directores de estabelecimentos de ensino publico e particular (escolas isoladas, grupos escolares, escolas normaes e gymnasios) que nos forneçam, para serem publicadas, photographias (instantaneos, de preferencia) documentarias da vida escolar em nosso Estado.

## Educação Sanitaria

Abel FAGUNDES

Seria risivel, se não fôra triste, como é, a maneira como se processa, na maioria de nossas escolas, o ensino de hygiene.

Materia cujo conhecimento tem o unico objectivo de implantar nos individuos habitos tendentes a preservar-lhes e conservar-lhes a saude, não se comprehende que os seus mandamentos sirvam apenas de motivo ás dissertações de mestre ou aos exercicios formaes dos educandos.

E' preciso que, ao passo que novos conhecimentos se vão adquirindo através do programma de hygiene, a conducta dos alumnos se vá modificando no sentido de obedecer aos preceitos sanitarios.

De pouco vale que o professor, zelosamente, reserve no seu horario o tempo que á hygiene concede o regulamento do ensino, e minudentemente exponha aos petizes todos os pontos do seu programma.

O necessario é interessar os pequenos pela materia, e fazer que sua vida decorra segundo os conselhos da hygiene, numa successão continua de praticas uteis.

Desde o 1.º anno, por conseguinte, o professor exigirá que as creanças venham limpas á escola; que conservem pés e mãos limpas; que mantenham assciados os moveis e dependencias da escola, e principalmente seu material de trabalho escolar. Velas para que não merendem de mãos sujas, e tomem a merenda repousadamente, mastigando-a bem.

Fundará no 4.º anno o Pelotão de Hygiene, naturalmente depois de lhe fazer sentir a necessidade.

Mas não só os quartannistas terão deveres de hygiene pessoal e o cuidado de manter a casa e os alumnos em bom nivel sanitario. Todos os educandos devem interessar-se pelo assumpto.

Frequentemente a professora promoverá inqueritos na classe, no sentido de saber quantas creanças tomam banho diario, bi-semanal ou semanal; quaes os que possuem e usam a escova de dentes; que meninos examinam periodicamente suas camas afim de evitarem os ladrões de seu sangue; quaes e quantos moram em casas cujo quintal não tem aguas estagnadas, que são os viveiros das moscas e pernilongos; quaes os pequenos que fazem diariamente, em hora fixa, as dejeções que desintoxicam o organismo; quem dorme de janelas fechadas; quem ouve, enxerga, respira bem.

Organizará a tabella do peso que têm as creanças normaes em as varias edades; submeterá os pequenos a pesagens mensaes; indagará de sua alimentação, para compensar avitaminoses e outras deficiencias ou erros alimentares, que mesmo os pobres podem corrigir mediante o uso de ovos, leite, legumes.

Velará para que toda creança tenha seu lenço e use copo seu, seja de louça ou aluminio, seja uma latinha limpa de massa de tomate ou um gomme de bambu'. Interesse os pequenos pelo uso de agua pura, ou induza-os a só beberem fervida a agua de procedencia duvidosa.

Insista para que defendam seus pés do ataque dos ancylostomos, ainda que seja com a alpercata rustica do nosso carreiro, feita de um pedaço de couro cru' com duas alças mettidas entre os dedos.

Faça, emfim, o apostolado sanitario. O problema brasileiro é o problema educacional. Mas a base do problema educacional é o problema humano numero 1: a saude.

O activo da escola será sempre reduzido emquanto ella não conseguir modificar o estalão de vida de nossa gente. E

o mestre que, mesmo em prejuizo da cultura intellectual de fachada, for capaz de, através do seu curso, enraizar na creança um punhado de bons habitos hygienicos, terá feito uma obra por todos os titulos meritoria.

Que os conselhos hygienicos se tornem, portanto, normas que se traduzam em praticas sanitarias, porque para isto foram elles incluidos nos programmas primarios.

ABEL FAGUNDES

OS ESTABELECIMENTOS DE ENSINO DO ESTADO, (GRUPOS ESCOLARES, ESCOLAS REUNIDAS, ESCOLAS NORMAES E GYMNASIOS OFFICIAIS) QUE NÃO ESTIVEREM RECEBENDO A "REVISTA DO ENSINO" COM REGULARIDADE DEVEM DIRIGIR SUAS RECLAMAÇÕES A ESTA REDACÇÃO, NA SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E SAUDE PUBLICA

# Educação Physica na escola primaria

Dismira Campos de PAIVA

## Introdução

Somos dos que acreditam que o magno problema da nacionalidade reside na Educação. Si incursionarmos no extenso, no vasto campo de nossas mais prementes necessidades, si pesquisarmos, si estudarmos as origens e as causas dellas decorrentes, estaremos sempre ante o mesmo problema: deficiencia de Educação.

Educação implica crescimento, não exclusivamente no sentido physiologico, mas, lembrando Anizio Teixeira, no sentido espiritual, no sentido humano, no sentido de uma vida cada vez mais larga, mais rica, mais bella em um mundo mais proprio, mais bemfazejo, para o homem.

O conjunto harmonioso das tradições classicas de socialismo e pragmatismo que formam a pedagogia de Dewey, nos leva a afirmar, muito acertadamente, que a Educação não é um processo estabelecido a uma norma fixa para viver, é a propria vida; e ante esta moderna concepção da Educação em geral, a Educação Physica não pôde deixar de marchar parallelamente áquella, porque a primeira não tem outros objectivos que os da segunda e os desta ultima não são outros os da propria vida.

A Educação Physica não é um fim, é um meio; é Educação pelo physico, guiada por principios e baseada em factos scientificos. Deste modo, tratada como elemento essencial em toda Educação completa, tem o seu valor proprio, sua autonomia, dentro de um programma de ensino.

Não nos esqueçamos comtudo de que, á luz das theorias modernas de Pedagogia, o principio basico da Educação Physica reside no cuidado em assegurar o desenvolvimento physico em harmonia com o intellectual, moral e social.

A Educação Intellectual, Educação Physica, Moral e Social, intimamente ligadas entre si, visam um objectivo commum de desenvolver todas as aptidões do individuo, tornando-o, na collectividade, um agente efficiente.

*Objectivos.* As finalidades e objectivos tratados na Educação variam segundo o ponto de vista em que se tem a natureza humana, si o homem é considerado como um ser cujos instinctos e tendencias precisam ser canalizados e orientados para melhores realizações, como crêm Mac Dougall e outros psychologos, vamos então dar-lhe oportunidades para que elle possa enriquecer o cabedal de suas experiencias vividas intelligentemente num ambiente proprio e adequado.

A Educação Physica, no melhor conceito moderno, já não significa Educação do physico, mas Educação pelo physico e assim dizemos que seu verdadeiro objectivo é preparar o individuo por meio de actividades physicas para uma vida mais ampla em todas os sentidos: biologico, intellectual, social e moral.

*Objectivos biologicos.* O homem passa por largos periodos de crescimento, praticando uma grande variedade de actividades, que desenvolvem suas capacidades latentes.

As mudançãs que occorem nas capacidades funcçionaes do organismo e em sua estrutura anatomica, podem ser analizadas sob varios pontos de vista:

### a) Desenvolvimento muscular:

Thorandike nos diz que a actividade physica em suas multipas formas é uma tendencia original do ser humano e é pelo exercicio das grandes massas musculares que estas se desenvolvem, ocasionando trocas organicas. Principian-do com movimentos incoordenados e mais tarde caminhan-

do, pulando, correndo, saltando, a criança responde involuntariamente a uma necessidade de actividade, o que assegurou seu crescimento e desenvolvimento.

b) Vigor organico:

Um augmento da actividade muscular traz junto um augmento da actividade organica, desenvolvendo os orgãos e seu funcionamento. Vigor organico indica um desenvolvimento normal dos apparatus respiratorio, circulatorio, digestivo, produção de calor, do processo nutritivo em geral.

c) Vitalidade nervosa:

Para a execução de movimentos complexos e delicados, em cuja realização intervem o cerebro, dirigindo-os, regulando-os, o exercicio physico vae contribuindo poderosamente para o desenvolvimento das cellulas cerebraes, ganhando em capacidade de associação physiologica, e deste modo, ao mesmo tempo que se desenvolve o cerebro, se enrija o musculo e se revigora o organismo. Na expressão exacta de Feré a energia de um movimento está em relação com sua representação mental. Conclue-se dahi que os centros nervosos que controlam os musculos do corpo só podem desenvolver-se pela actividade do musculo e o desenvolvimento deste mecanismo neuro-muscular representa uma condição indispensavel para se obter a vitalidade nervosa do individuo.

d) Saude:

A saude é uma condição do organismo que se conserva por habitos hygienicos e attitudes. Si se considera, como é em realidade, que a Educação Physica organiza e dirige as actividades que são a principal fonte de vida e saude, o interesse de todo individuo deverá estar centralizado nella propria, na sua pratica methodica e organizada.

*Objectivos intellectuaes:*

O psychologo Vermeylen, em sua "Psychologia del Nino", afirma que exist.m poucas actividades physicas que

não pedem uma participação mental, por minima que esta seja; enquanto que Binet e Henry opinam pela existencia de um parallelismo entre os phenomenos physicos e psychicos: o periodo de augmento das funções intellectuaes correspondentes ás accelerações das funções physicas e estas por sua vez ao exercicio dos musculos.

O velho preconceito de antagonismo entre o musculo e o cerebro já não existe. Sabe-se que uma especialização absoluta desenvolve sempre uma faculdade em detrimento da outra, mas a verdadeira Educação deve favorecer a um desenvolvimento harmonico de todas as funções.

Observações clinicas confirmam o principio que as manifestações de anomalias mentaes quasi sempre são acompanhadas por perturbações locomotoras. Si medirmos dinamicamente a força muscular de uma criança de coefferiente mental normal ou superior, por certo, veremos que é superior a de um retardado ou debil mental.

Stanley Hall, Ribot, Binet, lançando os fundamentos da psychologia funccional, attribuem á motricidade um papel fundamental.

O treinamento das actividades physicas requer uma aprendizagem e o processo preliminar de tal aprendizagem tende á formação das coordenações neuro musculares e o ajustamento destas coordenações á situação e exigencias do meio.

Assim não erramos, quando affirmamos que toda aprendizagem envolve pensamentos, creando-se as connexões mentaes, formando os habitos e estabelecendo as habilidades.

Ficou, pois, bem claramente demonstrado quaes as relações que existem entre a intelligencia e o musculo, e a importancia nova que é preciso ligar ao regimen do desenvolvimento physico a par com o aperfeiçoamento das funções mentaes.

*Objectivos sociaes:*

Não se póde conceber a possibilidade de Educação como producto individual. O ideal moral, as regras da vida

escolar, não podem ser deduzidas fóra das relações sociaes, que o individuo terá que supportar na vida real. A escola passa a ter então uma função social inconfundível a que se vêm prender problemas de varias naturezas e ella terá que transformar-se num pequeno meio social, onde a creança apprende o trabalho em cooperação.

"Para que se apprenda agir em sociedade, faz-se mister agir em sociedade" é esta a expressão de um educador.

O meio da creança deve ser portanto o nucleo da mais pura cooperação social. Para se obter tal cousa é indispensavel um entendimento claro das tendencias e manifestações instinctivas da creança e um conhecimento opportuno da época do apparecimento de taes impulsos para desenvolvê-los por meio de actividades adequadas. Essas actividades formam a columna vertebral da Educação Physica.

A escola deve então instruir o alumno, dando-lhe pratica em situações reaes, em discernimento, reflexão, criterio e tolerancia, afim de que veja todos os aspectos de um problema e de tal forma esteja capacitado para participar na sociedade.

Dentre todas as actividades que formam o programma da Educação Physica, faremos notar a parte de jogos. São elles que apresentam constantemente situações que podem ser aproveitadas para lições de moral individual e social.

Educadores como Dalton, Decroly, Fernsham, fazem do espirito de jogo do menino o factor central de sua Educação. E' a actividade mais real em que elle participa. Vive mais completamente no jogo e por meio delle os valores sociaes podem ser mais bem desenvolvidos.

A base psychologica dos jogos que se enquadra aos recursos da Educação Social está precisamente na tendencia gregaria da natureza humana. "O homem é um animal eminentemente social", já affirmava Aristoteles.

Nos primeiros annos da vida da creança, comprova-se um periodo de puro egocentrismo que vae, pouco a pouco,

desapparecendo para dar logar ao sentimento de devoção ao grupo.

E' precisamente neste momento que deve intervir a Educação Physica com as suas varias fórmulas de actividades, para educar os sentimentos infantis, tornando a creança um elemento efficiente em sua pequena sociedade.

#### *Objectivos ethicos :*

Os objectivos da Educação Physica não se limitam ao biologico, ao intellectual, ao social, encerram a finalidade primordial da Educação — a formação do caracter.

Na pratica diaria dos jogos, ha mais que um simples contracto: ha cooperação; essa cooperação, que é um dos melhores meios para desenvolver a perseverança, a justiça, a bondade, a cortezia, a coragem, a iniciativa e o senso da responsabilidade, deverá ser adquirida por uma aprendizagem real e para isto torna-se necessario que se apresentem as oportunidades.

A creança, por certo, sentir-se-á cançada si ouvir falar constantemente sobre o valor da honestidade, mas si lhe apresentarmos uma oportunidade de applicar tal valor, como por exemplo nos jogos, veremos então que a situação favorecerá á sua Educação, pois sua attitude não será boa, enquanto não houver honestidade em seus actos.

A sublimação do instincto da lucta, o sacrificio pessoal para o bem do grupo, a lealdade, o controle emocional, o respeito ás opiniões alheias, são importantes itens educacionais, que offerecem a participação nos jogos.

Nos jogos e provas de competição, o individuo se manifesta tal como é, desfazendo-se da capa social exterior, deixando a descoberto os seus motivos proprios, sua verdadeira personalidade.

Caberia agora a seguinte pergunta: as leis apprendidas e as boas qualidades que se ensinam nos campos de jogos são observadas na vida diaria? E' certo que muitas dellas o são, mas não é menos certo que ellas podem ser empregadas tambem em actividades prejudiciaes para a socie-

dade. Por isto, deve-se ter muito cuidado em desenvolver estas qualidades, tendo em vista ideaes sãos e objectivos que não attentam contra a sociedade.

Pelo que ficou exposto, não se deve considerar que as actividades physicas, de per si, formam bons caracteres. E' um erro pensar que o foot-ball, o volley-ball, dão inevitavelmente á creança coragem, espirito de cooperação e dominio proprio. As actividades physicas offerecem simplesmente opportunidades para lições moraes e para sua applicação.

### PROGRAMMA

#### *Criterio na selecção das actividades*

Não podemos e nem queremos prescindir de um programma, mesmo porque muitos educadores nos têm falado dos perigos que encerram sua suppressão e a practica nos tem demonstrado que a sua necessidade é factio indiscutivel, mas tão pouco queremos estabelecer um molde fixo para todos os grupos.

O programma que nada mais é sinão o conjuncto de experiencias da humanidade, deverá ser organizado de accordo com o interesse infantil, pois o problema é o da creança, são suas capacidades que têm de ser desenvolvidas e exercitadas.

O trabalho livre sem o programma collectivo pôde chegar a uma falsa liberdade e á atrophia das faculdades latentes.

O problema educativo encerra, pois 2 termos: a coisa a ensinar e a quem ella deve ser ensinada — programma e alumno.

Fundamentalmente, a materia do programma não deve ser tratada unicamente, segundo o ponto de vista da utilidade objectiva dos conhecimentos, é preciso ter em conta a capacidade e as necessidades da creança.

"Conciliar (a expressão é de Claparède) os fins objectivos do programma com as necessidades de desenvolvimeto do menino".

Dantes se imaginaram programmas que as creanças *devessem* aprender. Hoje se imaginam programmas que as creanças *possam* aprender, de accordo com suas condições de desenvolvimento.

A questão do programma encerra, pois, aspectos dos mais diversos: encerra o problema das relações da creança com o meio social, deverá obedecer a um plano de evolução dos interesses e por fim considerar os principios de adaptação no que diz respeito ás capacidades e necessidades das diferentes edades, de ambos os sexos e das diferenças entre os individuos.

A organização de um programma de Educação Physica terá então como base a psychologia infantil e a physiologia da creança de modo que sejam consideradas as necessidades physicas e mentaes da infancia.

Em se tratando de programmas de actividades physicas, será opportuno citar a palavra de Demeny: "A lição de gymnastica escolar deve compor-se de movimentos destinados a activar sem violencias e por um methodo gradual, a circulação do sangue, a respiração, desenvolver harmonicamente o systema muscular, corrigir as attitudes defeituosas. Ella deve comprehender ainda exercicios que distraiam o alumno, isto é, executados sob a forma de dansa e jogos e que o tornem dextro, emfim marchas, corridas, a par com a gymnastica que deve ensinar-lhe a ser habil em todos os exercicios uteis. Assim deve ser ella *completa, util, gradual, interessante* e dirigida com ordem e disciplina".

Nosso programma de Educação Physica, cujo desenvolvimento como se pôde observar, está submettido a um plano gradual e progressivo tem a justifical-o os principios da psychologia, physiologia e pedagogia. Elle comprehenderá exercicios naturaes, respiratorios, gymnastica pedagogica, jogos e gymnastica rythmica.

As actividades naturaes, que correspondem áquellas que occorrem durante a vida normal (correr, saltar, andar), entram desde o 1.º até o ultimo anno. Neste caso incluem a marcha que de inicio, para os principiantes, é sem

cadencia, vac-se desenvolvendo pouco a pouco, para chegar no ultimo anno ás marchas de precisão que representam um typo mais complexo, perfeitamente adaptavel ás creanças mais desenvolvidas.

Aos jogos infantis compete um dos primeiros logares na primeira parte da vida escolar.

Claparède, Gross e outros, fazendo um estudo minucioso sobre esse assumpto, põem em relevo a significação biologica dos jogos como auxiliares de desenvolvimentos dos instinctos existentes e seu extraordinario valor educativo, no ponto de vista physico, intellectual, moral e social.

Não podem elles, entretanto, constituir, por si sós, um methodo completo de Educação Physica. Sua influencia, no que se relaciona com a hygiene, se exerce sobre a creança em condições excellentes, será porém, de necessidade continuar e completar a acção dos mesmos por exercicios, cuja technica mais bem estudada, no que tange á mechanica e á physiologica, permittirá que se obtenham effeitos mais intensos e bem determinados sobre as grandes funcções e as fadaldades motoras.

Nos exercicios formaes não se podem encontrar os caracteres alta e intensamente educativos que os jogos possuem; o fim a que elles se destinam é trabalhar pela hygiene e pela humanidade, e alcançar o capital saude, para a realização do equilibrio funcional e morphologico; é um aliçerce indispensavel que na escola pôde e deve ser lançado pela gymnastica pedagogica. E' por esta gymnastica que se obtem o "desenvolvimento correcto do esqueleto osseo, amplifica e conforma a caixa thoraxica, adextra o jogo articular e fortalece e enrija os musculos. E' ella que desenvolve as forças de maneira progressiva, dá ao corpo mais dextreza e ligeireza, aos movimentos mais facilidades e harmonia, á marcha mais segurança e á attitude geral mais firmeza, desembaraço e elegancia" (*Fernando de Azevedo*).

Na Educação Physica completa, não se pôde prescindir dos jogos nem da gymnastica. São elementos que não se excluem, mas que se integram.

Nosso plano não seria equitativamente aquilatado si não lembrassemos que elle presuppõe, para ser rigorosamente applicado, um corpo de professores competentes.

O professor de Educação Physica terá que ser um educador, de funcções e responsabilidades definidas, aperfeiçoado nas sciencias que se prendem á sua profissão. O seu papel é, pois, importantissimo; á medida que a Educação Physica vai tomando novo caracter, augmentam-lhe as responsabilidades. Antes de saber *como*, é preciso saber a *quem* se deve educar; é necessario conhecer as creanças, organizar criteriosamente o programma, que, por sua vez, deve ajustar-se a um systema gradual. A cultura de um professor de Educação Physica deve comprehendêr, pois, conhecimentos de physico-psychologia e de todas as sciencias que formam o substractum scientifico da pedagogia.

E' de sua attribuição dirigir e orientar os exercicios de modo que influam effizacmente sobre todo organismo, ordenal-os em série gradual, harmonizal-os com os periodos de crescimento organico, incutindo prazer e, por fim, constatar pelos varios processos de mensurações corporaes, os resultados do seu ensino.

Dahi a necessidade de um "controle scientifico" do trabalho; as fichas escolares, contendo o exame medico e o exame physico, representam um poderoso auxiliar para o professor, para a direcção technica da Educação Physica na organização de turmas homogeneas e de cantinas escolares.

#### RELAÇÃO DA EDUCAÇÃO PHYSICA COM O SERVIÇO MEDICO-ESCOLAR E COM A ANTHROPOMETRIA ESCOLAR

E' um erro submeter ao mesmo exercicio individuos que nunca foram examinados, de coraçãõ deficiente, de rins que se ignora o funcionamento e systema nervoso que as reacções são desconhecidas. A fadiga não seria a mesma para todos; os resultados não seriam identicos.

A classificação physiologica das creanças, de todos os individuos destinados á pratica dos exercicios physicos, é uma necessidade.

Conhecer a marcha do desenvolvimento physico e o estado de saude de seus alumnos é indispensavel ao professor de Educação Physica. Constitue a base onde elle poderá firmar o ensino, orientando-o por meios racionais afim de chegar a um resultado que maiores beneficios produzirá no alumno.

A adopção nas escolas da anthropometria e a collaboração medico-pedagogica, são soluções que se apresentam para o caso.

A creança, durante o periodo escolar (7-11 annos), passa por phrases de crescimento mais ou menos uniformes, mesmo assim apresentam estas algumas oscillações e si o professor não estiver attento na dosagem dos exercicios, poderão estes occasionar no organismo do menino perturbações de caracter mais ou menos grave, redundando em prejuizo para o educando.

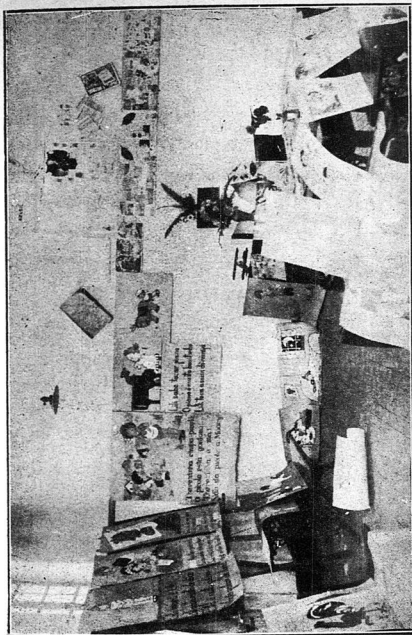
Pelos resultados do exame medico e anthropometrico, o professor poderá tirar deducções cujo objectivo será orientar convenientemente seu trabalho, acompanhando as modificações que porventura surgirem no organismo da creança.

Ao medico, como collaborador que é do professor de Educação Physica, está reservado um papel saliente na escola.

No exame dos alumnos, separando-os em grupos de normaes ou debeis organicos, poderá elle ainda apreciar os efeitos do trabalho muscular sobre o organismo, proporcionando assim meios para a selecção das creanças, de maneira que se possa "pedir e dar a ellas, na expressão de Kerchens-teiner, o que é adequado ao seu desenvolvimento".

O exame anthropometrico, cujo valor Lange, Binet e outros, tanto têm proclamado, é um complemento necessario ao exame medico.

As medições serão periodicas e o confronto entre ellas será feito, podendo assim determinar as differenças de cres-





cimento, no lapso de tempo decorrido, obtendo dahi uma base segura para avaliar si os exercicios têm produzido effeitos beneficos ou não sobre o organismo infantil.

Já em 1904, no Congresso de Hygiene Escolar de Nuremberg, varios medicos e pedagogistas abordaram os problemas de hygiene escolar, preconizando a criação da inspecção medica e o emprego de fichas sanitarias.

Torna-se urgente pois, que essas proposições sejam rigorosamente applicadas para que o ensino da Educação Physica seja uma realidade, de resultados proveitosos e não tratada empiricamente, baseada quasi que unica e exclusivamente na experiencia do professor.

#### A IMPORTANCIA DA EDUCAÇÃO PHYSICA NO CURRÍCULO ESCOLAR

A escola nova se propõe a uma "educação integral, orientada por um fim determinado e em harmonia com os novos ideaes".

Sendo este o seu objectivo primordial e si a função educativa deve ser considerada como um "organismo impossivel de seccionar em partes", comprehende-se que a Educação Physica do individuo constitue um dos elementos essenciaes da nova escola.

A Educação Physica está hoje elevada ao mesmo plano que a Educação Moral e Intellectual e faz parte integrante do systema do processo educativo.

Ademais, si a escola é actividade e trabalho, si n'ella ha um movimento intenso e continuo para tornar a vida mais activa, o que corresponde a maior produção de trabalho, como se sabe póde conceber esse vigor physico e mental, sem o cultivo constante da saude physica a que está estreitamente ligada a saude intellectual?

Esta obra, a que se propõe a escola nova, não póde limitar-se exclusivamente aos cuidados hygienicos. A pratica dos jogos infantis, a gymnastica pedagogica, devem constituir a base necessaria para a conquista da saude.

A pratica dos exercicios, de um modo geral, aperfeiçoa a faculdade de coordenação que possui os centros nervosos. Resulta dahi uma economia no gasto de força e melhor regulamentação do trabalho dos musculos; as contrações inuteis são supprimidas.

Isto se applica aos movimentos musculares. Na ordem dos phenomenos psychicos, a vontade, faculdade que ordena aos musculos agir e fornece a excitação necessaria para que elles entrem em jogo, se desenvolve tambem e se aperfeiçoa pelo exercicio. Um individuo que pratica diariamente exercicios physicos, adquire uma aptidão maior de querer e suas disposições moraes se resentem geralmente no bem.

Tratada desse modo, capaz de fornecer tantas qualidades ao educando, nada mais justo do que collocar-a ao lado das outras materias, dando-lhe a amplitude desejada dentro do ambiente da escola.

#### RECAPITULANDO

O grande desenvolvimento que tem tomado a Educação Physica nesses ultimos tempos, sua solidada base na natureza humana e o indispensavel d'ella na vida, nos faz pensar mui seriamente na oportunidade e responsabilidade que existe de fazer uma vida sã e efficiente.

Por meio do programma deve ella alcançar tres classes de resultados: immediatos, associados e concomitantes, isto é — biologicos e physiologicos como desenvolvimento muscular, attitude correcta e vigor organico; intellectuales como facil percepção e acção immediata, e moraes, desenvolvendo homens de moral sadia.

Em toda situação educacional tres são os factores determinantes: a) hereditariedade, quer dizer, as normas de conducta que determinam a habilidade do individuo para responder de maneira particular em uma determinada situação; b) o meio ambiente, que incluye todos os estimulos aos quaes responde o sêr humano; e c) a actividade que é a

resposta do individuo aos differentes estimulos. Pela natureza do nosso estudo nos interessa particularmente a actividade.

Actividade é movimento, e movimento é vida; as actividades da Educação Physica serão boas ou más de accordo com os objectivos visados, o methodo praticado, com as facilidades encontradas, o conhecimento da natureza humana e com a direcção que se lhes dê.

Os principios basicos da moderna Educação Physica, já citados anteriormente, são orientações salvadoras que permitirão alcançar resultados satisfatorios, porque, em resumo, a actividade physica pedagogica, isto é, racional, methodica, regulada, hygienica e voluntaria, beneficia physica, intellectual e moralmente o sêr humano.

E' necessario então que os directores de Educação Physica se compenetrem destas verdades, afim de que a actividade physica em suas multiplas fórmas não faça degenerar nem os deveres physicos, nem as capacidades intellectuales, nem os valores espirituales da grande familia humana.

#### BIBLIOGRAPHIA:

- Manuel scientifique d'education physique — Boigel.*  
*La Psicologia del niño y del Adolescente — Vermeylen.*  
*Psychologia da Criança — Claparède.*  
*Vida e Educação — J. Dewey.*  
*Da Educação Physica — Fernando de Azevedo.*  
*Novos caminhos e novos rumos — F. de Azevedo.*  
*A Nova Educação Physica — (boletim)*  
*Artigos soltos.*

DIUMIRA CAMPOS DE PAIVA

# Creança e adulto

José Americo da COSTA  
(Assistente tecnico do Ensino)

O bom educador tem, na sua vida espiritual, um pouco de creança e um pouco de adulto. De outro modo, como poderia elle sentir a infancia que o rodeia, e, qual pae bondoso e sabio conselheiro, intervir nos trabalhos quotidianos de seus alumnos? Como poderia, tambem, apreciar os encantos e travessuras da meninice, haurir, com o mesmo prazer e as mesmas esperanças, os ares da idade rosea e, ao mesmo tempo, concertar e melhorar os planos de vida dos escolares, pondo á disposição destes uma grande bagagem de experiencias de adulto, bem ordenadas e de farto rendimento pratico?

Ser creança, para sentir como creança; ser adulto e psychologo, para saber intervir, opportunamente, na educação da infancia; ahi está uma dualidade que caracteriza as possibilidades de um educador.

Pestalozzi foi creança, a vida inteira. Ao lado dos seus pequenos, era um garoto mais velho, a quem não faltavam affectividade e bom humor incessantes, a par dos conhecimentos que tinha da vida e da sociedade.

Não ha incompatibilidade entre o senso pratico de um homem, com toda a sua capacidade analytica e dedutiva, — e a sua infantilidade, como educador. Quem não teve ainda occasião de observar, em casa ou na escola, uma pessoa portadora das bellas credenciaes de individuo serio e efficiente, a brincar e a trabalhar com as creancinhas, a ellas se nivelando, sem, entretanto, perder uma parcella da sua superioridade e da sua auctoridade? E haverá meninos que gostem do contacto das pessoas indifferentes ao scenario infantil, e que se alheiam, por completo, das activida-

des dos pequenos, por instaveis e ruidosas, em excesso? A' creança é-lhe impossivel galgar os degraus que a separam do adulto. Este é que deve descer a ella, si lhe quer ser util e agradável, em qualquer cousa.

Todo aquelle que é propenso a viver o seu rosario de annos, dentro de um educandario, não se deixa distanciar dos albos da vida, dos quaes traz sempre frescas reminiscencias e saudades gostosas, porque é do seu character esse interesse constante e vivo pelo desenvolvimento de uma creaturinha, como é caracteristico, no horticultor, esse gosto pelo crescimento e pela saude da planta que, no seu modo de ver, deverá produzir, no tempo certo, o melhor e o mais farto.

O professor que não se deixa influenciar pelo que seus alumnos têm de mais infantil, gracioso e promissor, e que não exerce influencia benefica sobre seus educandos, não pôde, tambem, fazer obra de educador e limitar-se á ao mister, quasi inutil, de encher os pequeninos cerebros de cousas e de factos que, nem sempre, ajudam o garoto a viver.

Refiro-me á influencia benefica; porque, de qualquer modo, o educador influe na vida do educando.

Não se lhe dispensam, pois, as virtudes moraes e civicas que elle difundirá, inevitavelmente, no seio da classe. Do convívio intimo entre professor e alumnos, não se surgirão as boas oportunidades, em que aquelle estudará a psychologia destes e sobre estes exercerá uma ascendencia tranquillizadora, que encoraja e conforta.

Conheço uma professora que, apesar dos seus 45 annos de idade e da neve incipiente dos seus cabellos, é, na escola e fóra da escola, o que os meninos poderiam desejar de melhor, como companheira e amiga inseparavel. E' um encanto, vê-la, todos os dias, sempre acompanhada de um punhado de garotos que a ficam esperando pelo caminho, ao approximar-se o medio-dia. Uma e outros conversam, discutem, contam proezas da vespera e fazem planos para os trabalhos do dia. Fui á classe dessa professora e pude observar que os alumnos sabem planejar e executar pequenos

projectos, vivendo intensamente a vida escolar; e (para cortar, de vez, as más linguas) sabem ler, assimilando; sabem escrever; sabem fazer contas e resolver seus pequenos problemas arithmeticos; sabem, conscientemente, um pouquinho de cada materia do programma; pouquinho esse que já os auxilia na pratica da vida e os torna maiores e mais efficientes, perante si mesmos e aos olhos do papae e da mamãe.

O verso da medalha, porém, nos mostra um senhor, velho ou moço, guindado á altura de afamado professor, ao nível de um vasto estrado, correctamente sentado á sua mesinha, geralmente de oculos e de testa franzida. Ah! Não desce do seu estrado, por dinheiro algum! Entre os alumnos e elle, ha uma distancia que eu ainda não pude calcular. Intangível, inacessível, insuportável. Sua palavra é um dogma. E o cathecismo abrange todas as materias. E' de ver o silencio da classe e o martyrio dos alumnos. Entretanto, ao lado está um pae que assim se exprime: — "Quem não aprender com o "siô Anacleto" não aprende com ninguém mais. Meu filho estava na escola de "siá Joaninha", perdendo tempo. Passou pra a do "siô mestre" e foi aquelta belleza: num mez, aprendeu todo o ABC; no fim do anno, já sabia ler o livro inteiro, de traz para deante, de cór e salteado".

Mas ... não vim aqui para pintar quadros de uma rotina já derrotada pelo que ha de mais racional num processo novo de educação. Só quero reafirmar o seguinte: o professor, no convívio com seus alumnos, é irmão mais velho, bastante conhecedor da missão insigne de que foi investido; é carinhoso e vigilante. E que não lhe falte, jamais, a auctoridade que os educandos nelle deverão reconhecer, ascendencia advinda do seu maior saber, da sua energia ponderada e dos seus incontestáveis dotes moraes.

Não se distancie da infancia.

O bom educador tem, na vida espiritual, um pouco de creança e um pouco de adulto.

JOSE AMÉRICO DA COSTA

## A importancia do Desenho como auxiliar do professor

Celia D. de REZENDE

Para inteirar-se, quem quer que seja, do inestimável concurso que presta o desenho ao ensino primario, basta acompanhar com algum interesse a marcha dos trabalhos escolares. Evidentemente, entra ella a collaborar em todas as disciplinas do programma, com os mais positivos resultados.

Como as creanças se suggestionam facilmente com os phenomenos exteriores e como tudo o que impressiona a vista grava-se melhor na memoria, é o desenho chamado a collaborar desde as primeiras noções da aprendizagem da leitura. As historietas, sempre que apparecem illustradas no quadro negro ou em cartazes, pela professora, não entendiam os iniciantes; ao contrario, vendo elles, ao lado das expressões, figuras e paizagens perfectamente relacionadas com o assumpto, interessam-se de prompto e sobremodo pelos pequenos enredos.

A surpresa de um desenho adequado e alegremente colorido, ou de uma gravura que surge, quebra logo a monotomia do ambiente: a novidade desperta o interesse e com este se firma a attenção da classe.

Não é intento meu citar, dentro destas poucas linhas, todos os casos em que entra o desenho como auxiliar poderoso da professora, no desempenho de seu programma. Porém, como me propuz salientar a utilidade da disciplina, para aqui traslado um frisante exemplo annotado pelo profundo analysta Gilbert Robin, no seu precioso livro intitulado "*L'enfant sans défauts*".

Ouçamos, pois, a interessante narrativa da cura do mutismo de um menino de nove annos, pela psychanalyse. Até a idade de cinco annos, era menino acessível, alegre, conversador. Depois tornou-se insociável, receioso, esquivo. Na rua, não falava nada e, em casa, apenas conversava com um seu irmão. Continuou, apesar disso, obediente e calmo. Aos poucos, foi o pequeno reduzindo o seu vocabulário e chegou a expressar-se quasi que só por gestos. Assim foi indo até que, certo dia, accentuando-se a causa, o menino deixou por completo de falar. Quantos receios vinha inspirando o estado de saúde da creança! Dahi por deante, de docil que era, transformou-se numa creaturinha instável, desobediente e hostil.

Qual seria a causa do mal?

Até então um enigma insolúvel...

Submettido o menino a rigoroso tratamento medico, obstinava-se em não dar qualquer informação que lhe fosse solicitada. Não perdeu, entretanto, a natural tendencia para o desenho — e desenhava muito. Constatando-se ser o desenho a unica maneira de expressão que lhe restava, deliberou-se que devia ser o meio empregado para o tratamento. Foi quando a talentosa Sra. Morgenstern encarregou-se da importante tarefa: descobrir a causa. Recolhia ella diariamente os desenhos do menino e cuidadosamente os ia interpretando. Representavam taes desenhos scenas de assassinatos, animaes de fórmias phantasticas e em attitudes aggressivas, um homem preso em teias de aranha e não podendo desvencilhar-se do empecilho... e cousas analogas.

As interpretações e ás perguntas da professora ia elle respondendo por signaes de cabeça, ora approvando-as, ora desaprovando-as. Ao cabo de uma série incalculavel de observações, conclue a professora ser o MEDO a causa do mutismo, pois, a seu modo de ver, os desenhos revelavam os horrores que povoavam a imaginação da pobre creança.

Dizia ella, estudando o caso: "Vencidos esses temores, será rompido o mutismo".

Grandemente interessada na cura do seu doentinho, não desanimou a esforçada professora com os insuccessos das primeiras pesquisas. Estudou muito, experimentou mais, até penetrar o intimo da questão — ahi descobriu a causa e combateu-a.

Bellissimo triumpho da tenacidade! Vencidos os terrores, voltou a creança a falar normalmente. Perguntando-lhe a professora que significavam aquelles desenhos tão horripilantes que fazia, respondeu-lhe (mas agora com outro aspecto): "São os lobishomens que giram na lua e atiram as creanças lá de cima cá na terra e vêm depois comel-as... Elles são uns lobishomens máus que comem os meninos..."

E' difficil citar todos os meios e processos pelos quaes conseguiu a dedicada preceptora fazer com que o doente se livrasse dos seus conflictos mentaes.

Eis ahi, em resumo e mais ou menos, sem o sabor do original, o que nos relata o emerito professor Gilbert Robin.

E' justo que, em conclusão, salientemos os dois valores: de um lado, a genial Morgenstern com o seu incomparavel trabalho de psychanalyse — de outro lado, a prestimosa arte, em notavel evidencia, a contribuir para mais um brilhante successo.

CLELIA D. DE REZENDE

### Vida escolar em Minas Geraes

Pedimos aos srs. directores de estabelecimentos de ensino publico e particular (escolas isoladas, grupos escolares, escolas normaes e gymnasios) que nos forneçam, para serem publicadas, photographias (instantaneos, de preferencia) documentarias da vida escolar em nosso Estado.

# Hora de historias

Gilberto GUARACY

(Director do grupo escolar de Carmo do Rio Claro)

Nós, educadores, ao assumirmos as responsabilidades de tão espinhoso cargo, entregamo-nos, conseqüentemente, de corpo e alma, aos seus multiplos misteres. E si assim não fizessemos, dariamos de antemão um pessimo attestado do que seria o nosso trabalho.

O moderno educador é o pesquisador incansavel das cousas que lhe dizem respeito á profissão que abraçou. Hoje, é um processo novo que se applica para o ensino de Geographia; amanhã, uma suggestão de um collega mais experimentado, que se colhe; uns estudos mais sobre tal ou qual assumpto; e assim vamos de pegada em pegada, na rota firme, que a nós mesmos traçámos, em busca de conhecimentos com que melhor nos apparelhemos para o desempenho de nosso sacerdocio.

Mas, não paramos aqui. Vamos um pouco além, para o campo da publicidade. Que importa a critica, si ella é constructora, animadora dos nossos esforços e da nossa vontade de apprender? Ninguem, absolutamente, nasceu perfeito nem sabio. Os sabios tambem tactearam como nós tactearmos, tambem tiveram as mesmas vacillações, sentiram as mesmas duvidas; e, no emtanto, venceram.

Não queiramos, comtudo, ser sabios, porque os sabios soffrem mais. . . Mas, é necessario que não nos desanimemos. O proprio sol, na sua magestade e poder, não cãe de um só jacto sobre a terra. Tenhamos fé e persistencia, proseguindo com enthusiasmo e deixaremos a luz por onde passarmos, mesmo que seja apenas uma pequena restea.

Assim pensando e agindo, é que dou hoje, aos estudiosos e aos criticos algumas suggestões para o ensino de historias, não da Historia do Brasil ou Universal, mas, as historias que se contam ás creanças, as historias que nós ouvimos, muitas vezes, extasiados, da bocca sagrada do negro velho ou da saudosa mamãe-preta, que nos guiou os primeiros passos ou, ainda, da mamãe-branca, tão querida daquelles que a não perderam, como a perdi eu no alvorecer da vida.

Ha quem, erradamente, entenda que as historias não têm outro objectivo que o de simples recreio espiritual. Não nego que ella possa ser um recreio, mas, mesmo recreiando, podemos apprender alguma cousa, alliando, desta fórma, o util ao agradável. As historias, como têm sido contadas, nenhum proveito traz para quem as escutam e muito longe estão do verdadeiro fim a que se destinam. Eis como, no meu modo de entender, devemos proceder, quanto á Hora de Historias:

Primeiro, escolher a historia. A arte de escolher não é das mais faceis, por isso que exige bem desenvolvida a faculdade de discernir, criterio e perfeito conhecimento do meio (neste caso, a classe). Escolher bem já é um passo para o successo. Em seguida, devemos preparar-a convenientemente, removendo-lhe todas as difficuldades, isto é, prepararmo-nos para todos e quaesquer detalhes que se nos possam apresentar ao darmos a nossa aula. Seleccionar as expressões e palavras que a classe desconheça e eis-nos promptos para bem desempenharmos nossa missão. O plano seguinte diz melhor sobre o assumpto.

\*

## PLANO

Nome da historia:

*Objectivo* — Desenvolver, na creança, o habito da boa linguagem e o gosto pela boa leitura, enriquecer o seu vocabulario, tornal-a desembaraçada, e capaz de recontar a historia que ouviu. Aproveitamento do fundo moral, si o houver. Proporcionar ás creanças, momentos de distracção.

*Preparação* — Destacar e escrever, primeiramente, no quadro, as palavras e expressões que a classe não conheça. Explicação das mesmas para que melhor as creanças comprehendam a historia. O leitor (alumno ou professor) deverá ler, sózinho, varias vezes a historia, antes de fazer a leitura á classe, preparando uma leitura a mais perfeita possível.

*Exercícios* — As creanças reproduzirão, oralmente, a historia. Commentarios e julgamento. Cópia das palavras escriptas no quadro. Leitura e explicação, pelas creanças.

GILBERTO GUARACY.

## TABELLA DE ANUNCIOS :

Na capa (lado externo),	1 pagina.....	100\$000
» » »	1/2 » .....	60\$000
» » »	1/4 » .....	35\$000
» » (lado interno),	1 » .....	80\$000
» » »	1/2 » .....	50\$000
» » »	1/4 » .....	30\$000
Em paginas-supplemento,	1 » .....	60\$000
» » »	1/2 » .....	40\$000
» » »	1/4 » .....	25\$000

Para publicação por 3, 6, 9 e 12 vezes, haverá desconto de 10, 20, 30 e 40 por cento, respectivamente.

Os annuncios no corpo da Revista, em fórma de artigos, pagarão preços especiaes previamente combinados.

A tabella acima poderá ser alterada no segundo semestre deste anno. Só se acceptam annuncios que tenham interesse para o ensino ou para os professores.

## Excursões Escolares

Guilomar SILVA

(Palestra realizada no grupo escolar de Brasopelia)

Aqui estou para falar sobre excursões escolares.

Nesta palestra, procurarei expender o que tenho estudado e observado nas diversas vezes que tenho feito excursões com meus alumnos; procurarei demonstrar a grande vantagem das excursões, quando bem organizadas e orientadas.

Fazer uma excursão não é só chamar os alumnos e com elles sahir a esmo, sem plano preconcebido e percorrer este ou aquelle logar.

Isto pôde ser um passeio, porem, não uma excursão, no sentido technico da palavra. Excursionar é interessar a classe e fazer com que os proprios alumnos procurem, com o nosso auxilio, delinear o trabalho que tenham a fazer; excursionar é aproveitarmos a oportunidade que se nos depara, afim de tirarmos os ensinamentos a serem ministrados aos excursionistas. E a excursão, deve ser a mais motivada das aulas e uma aula viva e vivida pelos alumnos. "A parte mais proveitosa e educativa de uma excursão está no periodo de sua organização pelas creanças".

Quaes serão as vantagens que podem advir das excursões?

Servem ellas para desenvolver nos alumnos a sua cultura physica, intellectual e moral, bem como o seu senso artistico.

A sahida dos alumnos, a liberdade plena ao ar livre, a marcha, tudo isto concorre para a formação physica da

creança, realizando assim um dos preceitos da boa pedagogia: um espirito são, num corpo são.

Principalmente agora, na época, do urbanismo, em que as cidades estão super-lotadas e os campos vastos, em que o homem vive como que asphixiado entre quatro paredes de um escriptorio ou de uma fabrica, onde o individuo só tem olhos para as cidades, relegando a plano inferior o campo e portanto a vida ao ar livre, é preciso que nós, educadoras, iniciemos uma ordem nova, ensinando aos nossos alumnos quaes as vantagens que advêm de uma excursão ao campo, onde, em contacto com a natureza, todo o nosso physico se revigora, tomando novas energias.

Em uma palavra, a excursão é um exercicio de cultura physica e de boa hygiene. Ella dá saude á creança e é um tónico para manter sempre em alto gráo, a sua alegria, que é o maior dom da juventude.

Aqui estão, em resumidas palavras, as vantagens da excursão no desenvolvimento physico da creança.

Vejamos, agora, o papel da excursão no desenvolvimento intellectual do alumno. Servirá ella de factor de ensinamento na escola moderna?

Ao espirito atilado não poderão passar despercebidas as vantagens das excursões como fonte directa de ensinamentos. O contacto da creança com a natureza fará surgir no seu espirito, ainda em formação, botão que desabrocha para a lucta da vida, a força da observação, alimentada pelo espirito de curiosidade. Este ha de certamente surgir nella, ao ver, nas excursões realizadas, os objectos, os factos e as cousas.

A professora saberá aproveitá-las para delles tirar as melhores lições. Os objectos observados servirão de experiencia para o estudo dos alumnos, que, escutando e vendo a fonte concreta do ensino, terão, não só um ensinamento theorico, mas tambem pratico, porquanto será acompanhado pela experiencia.

### Exemplifiquemos:

Depois de preparado em classe, entre alumnos e professora, um plano de excursão, sahem os alumnos da sala de aula, percorrendo em seguida as diversas ruas, atravessando um campo, passando ao pé de um outeiro, perto de uma pequena matta e indo até as margens de um rio. Tomemos apenas esta pequena excursão por modelo.

Ao atravessar as ruas, vêmos as casas alinhadas e as praças espaçosas. Não devemos passar indiferentemente, como fazem os simples excursionistas por diletantismo. A boa professora, que segue as regras da moderna pedagogia, procurará, com habilidade, despertar a curiosidade dos alumnos, ou aproveitará qualquer observação ou pergunta feita, para dalli tirar todos os conhecimentos uteis aos educandos. Ensinar-lhes-á como se contrõe uma casa e como se formam as cidades, sobre o seu ponto de vista esthetico e hygienico. Muitos outros conhecimentos podem ainda ser então ministrados. Ao atravessar o campo, as creanças poderão apprender muita cousa sobre a industria pastoril, o modo de criação do gado e suas qualidades, bem como de outros animaes que formam a riqueza do nosso Estado. Ao ver o outeiro, terão oportunidade de apprender como elle se fórma, qual a differença entre um outeiro e uma montanha, emfim, tudo o que entra na sua constituição e que esteja ao alcance do alumno. A mata servirá para o estudo da botanica, bem como para explicar aos alumnos quaes são as principaes madeiras da zona em que habitam.

Finalmente, á margem do rio, facil se torna fazer comprehender ao alumno o que seja um rio, leite, margem, nascente, fóz, affluente, como se forma, entrando ahi não só conhecimentos de geographia, como tambem de evaporação e congelamento da agua, principaes embarcações, navegação fluvial, etc., etc.

Vêm as minhas collegas, que grande somma de conhecimentos pôde ser administrada aos alumnos, nesta pequenissima excursão! E ella poderá ser variada e orientada para o estudo que se pretende fazer.



Depois destas esplanações, poderá alguém, conscientemente, negar o valor das excursões na formação integral da creança?

Estudemos agora as excursões sobre outro ponto de vista:

Quem poderá negar que a creança, em contacto com a natureza, ao contemplar uma verdejante paisagem, ao mirar-se no espelho crystallino das aguas, ao fitar a immensidade do nosso céu azul, não se sinta extasiada com taes phenomenos, embora não os comprehenda?

Isto concorrerá para a formação sensível de seu coraçãozinho e para inculcar-lhe um grande amor á natureza.

Ao contemplar a natureza, nosso coração pulsa mais forte e mais augmenta o nosso poder de vibratibilidade e de admiração, força motora de toda a criação artistica.

Sendo assim, haverá melhor meio de realizar na escola a arte, do que pôrmos sempre a creança em contacto directo com a natureza?

Explicado está outro fim visado pelas excursões: a formação artistica da creança.

Finalmente, temos ainda as excursões agindo fortemente no animo das creanças, formando a sua moral, e criando, entre ellas, os laços de sociabilidade.

Nas excursões estabelece-se uma intima camaradagem entre os alumnos e seus mestres.

E na verdade, numa excursão, temos uma pequena sociedade, onde a professora representa o papel de chefe ou mentor de seus alumnos. E' nos passeios pelos campos, que os educandos aprendem a se estimarem mutuamente e, ás vezes, adquirem o espirito de abnegação, sacrificando-se uns pelos outros.

As excursões offerecem oportunidade para a vida em commum entre os alumnos, estabelecendo assim, laços affectivos, que, de futuro, nem os vendavaes da vida conseguirão romper.

Assim, temos ainda as excursões concorrendo para a educação social dos alumnos, formando, deste modo, para

os vindouros tempos, cidadãos integros e rectos, em uma sociedade perfeita.

Aqui estão, em resumo, as vantagens que trazem as excursões na formação physica, intellectual, moral, social e artistica dos alumnos.

Feita esta esplanação, passarei a falar sobre as actividades de algumas de minhas excursões realizadas neste anno, nas quaes fui competentemente orientada pela professora technica deste estabelecimento, Carlota Pedroso, que me forneceu as explicações de que eu tinha necessidade para a elaboração dos planos.

Pelo interesse despertado nas creanças e pelos resultados colhidos estou satisfeita, pois os meus trabalhos não foram vão, tendo as creanças apprendido muitas cousas uteis e adquirido bons e solidos conhecimentos e habitos.

Fiz as seguintes excursões:

- a) á margem de um rio;
- b) ao Asylo de Invalidos;
- c) á estação ferrea;
- d) á Santa Casa;
- e) ao telegrapho, telephone e correio;
- f) á chacara S. Benedicto.

Ha aqui alguns trabalhos dos alumnos, feitos depois das excursões: cartinhas enviadas a amigos e alguns problemas de arithmetica sobre o assumpto da excursão.

Ha um plano geral que fiz sobre o estudo da vacca; aproveitei o assumpto para a realização de diversas excursões.

Ha um plano de excursão delineado para a observação das vaccas numa fazenda de criação.

Para finalizar e completar o que por mim foi escrito e lido perante as collegas, passarei, para comprovar as vantagens das excursões na moderna pedagogia, a lêr os seguintes trechos de notaveis pedagogos, pelos quaes poderão vêr a alta e relevante importancia do assumpto que ora tratamos:

- a) Artigo da Revista do Ensino — Mario Casasanta;  
 b) Um trecho de Faria de Vasconcellos — “Problemas escolares”;  
 c) “La Educacion activa” — J. Mallart Y Cuto.  
 Apresento os planos das excursões realizadas:

#### EXCURSÃO AO RIO VARGEM GRANDE

Anno do curso: — 2.º anno.

Data da excursão: — 6 de Julho de 1934.

Duração: — 2 horas.

Numero de alumnos que compareceram: — 32.

Objectivo: — estudar os rios, margens, fóz, nascente, afluentes, etc.

Caminho: — Pela ponte de madeira.

Ensino ocasional: — tive opportunidade de ensinar os nomes das diversas embarcações.

Collecções obtidas: — Nada se angariou.

Resultados obtidos: — Todos os alumnos aprenderam a lição ensinada.

Observações varias: — Os alumnos levaram barquinhos de papel para soltar no rio. Houve muita alegria durante a excursão.

O comportamento das creanças foi optimo.

#### EXCURSÃO AO ASYLO DE INVALIDOS

Anno do curso: — 2.º anno.

Data da excursão: — 11 de Julho de 1934.

Duração: — 2 horas e meia.

Alumnos que compareceram: — 32.

Objectivo: — Conhecer as casas de beneficencia publica da cidade.

Caminho: — Rua D'Apparecida.

Ensino ocasional: — Antes de chegarmos ao asylo entramos na Igreja D'Apparecida. Alli falei-lhes do respeito que devemos ter na casa de Deus.

Collecções obtidas: — Nada se adquiriu.

Resultados obtidos: — Os alumnos aprenderam a cultivar o sentimento da caridade e ficaram conhecendo os honras benemeritos daquela Casa.

Observações varias: — Dividi os alumnos em grupos para fazerem o estudo lá no asylo. Deu optimo resultado esta iniciativa. Alguns alumnos fizeram optimos trabalhos sobre o asylo, os quaes foram publicados no jornal da classe.

#### EXCURSÃO A' ESTAÇÃO FERREA

Anno do curso: — 2.º anno.

Data da excursão: — 25 de Julho de 1934.

Duração: — 1 hora.

Alumnos que compareceram: — 30.

Objectivo: — Estudo das vias de communicação — trem de ferro.

Caminho: — Praça da estação.

Ensino ocasional: — Não houve opportunidade.

Collecções obtidas: — Nada se angariou.

Resultados obtidos: — Muito aprenderam sobre as locomotivas, sobre a quantidade de lenha que ellas gastam, preços de passagens, etc.

Observações varias: — O estudo sobre as locomotivas e preços de passagens, durou uma semana, através dos problemas arithmeticos que muito interessam aos alumnos.

O comportamento delles na estação, na chegada e sahida do trem, foi optimo.

#### EXCURSÃO A' SANTA CASA

Anno do curso: — 2.º anno.

Data da excursão: — 1 de Agosto de 1934.

Duração: — 1 hora e meia.

Alumnos que compareceram: — 31.

Objectivo: — Conhecer uma outra casa de beneficencia publica — historia da localidade.

Caminho: — Praça Cel. Henrique Braz, rua D. Anna Chaves.

Ensino ocasional: — não houve oportunidade.

Collecções obtidas: — nada.

Resultados obtidos: — As creanças ficaram conhecendo bem a Santa Casa, seus homens benemeritos, sua fundação.

Observações varias: — Os alumnos tiveram muito medo do necroterio e da sala de operações. Tiveram grande pena dos doentes, principalmente dos meninos que lá estavam.

Fizeram suas orações com muito respeito no altar de Santa Izabel, logo á entrada da Santa Casa.

As creanças para obterem licença para visitar a Santa Casa escreveram uma cartinha ao provedor, dr. Ulysses Gonçalves, pedindo a permissão.

#### EXCURSÃO AO CORREIO TELEGRAPHO E TELEPHONE

Anno do curso: — 2.º anno.

Data da excursão: — 11 de Agosto de 1934.

Duração: — 2 horas.

Numero de alumnos que compareceram: — 30.

Objectivo: — Estudar os meios de comunicação.

Caminho: — Praça Cel. Henrique Braz, rua D. Anna Chaves.

Ensino ocasional: — Não houve oportunidade.

Collecções obtidas: — Sellos, fitas do telegrapho.

Resultados obtidos: — Os alumnos muito aproveitaram desta excursão.

Apprenderam os nomes dos inventores do telegrapho e do telephone, seu funcionamento e vantagens. Compreenderam perfeitamente os trabalhos do correio e sua grande utilidade.

Observações varias: — Uma alumna, interessada pelo estudo do telegrapho, arranjou uma revista com photogra-

phas de muitos inventores mundiaes e trouxe para a classe, o que muito serviu para uma dramatização num auditorio. Diversos alumnos escreveram artigos sobre meios de comunicação, com o intuito de publical-os no jornal da classe.

#### EXCURSÃO A' CHACARA S. BENEDICTO

Anno do curso: — 2.º anno.

Data da excursão: — 31 de Agosto de 1934.

Duração: — 3 horas.

Alumnos que compareceram: — 30.

Objectivo: — Observar a chacara, os bois, as vaccas, a fabricação da manteiga, do queijo, etc.

Ensino ocasional: — Durante o trajecto, tive oportunidade de palestrar com as creanças sobre os diversos animaes vistos e suas utilidades; expliquei-lhes para que serve um viveiro e ao passarmos por uma olaria, respondi a diversas perguntas feitas pelas creanças, a respeito dos tijolos, dos cavallos que lá estava trabalhando para amassar o barro.

Collecções obtidas: — Os alumnos conseguiram dois chifres de bois.

Resultados obtidos: — Tiraram os alumnos grandes resultados desta excursão. Observaram tudo existente na chacara, apprenderam a distinguir as raças de bois, viram como se fabrica manteiga, ficaram conhecendo diversas raças de gallinhas e seus alimentos proprios.

Cada alumno fez um bom resumo sobre a excursão realizada. Alguns desenharam diversas cousas vistas na chacara.

GUTOMAR SILVA

# Plano de excursão

Maria da Conceição Cabral de VASCONCELLOS

Local: — Estrada da Estação de Gaspar Lopes.

Materia: — Sciencias Naturaes.

Assumpto: — “A arvore”.

Objectivo geral — “Aula pratica de Sciencias Naturaes”. A arvore: seu plantio, cuidados devidos para com as arvores, sua grande utilidade, etc.

Objectivos especiaes: — a) pôr a creança em contacto directo com a natureza para melhor conhecê-la, desenvolvê-la o espirito de observação e o gosto pelo bello;

b) enriquecer o vocabulario das creanças;

c) adquirir bons habitos sociaes;

d) não maltratar as plantações, mas antes incentivar o seu cultivo, como ensinamento de moral.

Predisposição — Palestra com os alumnos sobre a projectada excursão, predispondo-lhes o espirito e despertando-lhes o interesse pelo estudo da arvore, conhecimento das varias especies das arvores brasileiras e beneficios que nos prestam, etc. Logo que todos se mostrarem bem interessados pelo assumpto executaremos o presente plano com a realização da excursão.

## RELATORIO

Após termos conseguido grande interesse e muito entusiasmo por parte dos alumnos resolvemos realizar a excursão, o que se verificou sabbado dia 23.

Sahimos do grupo ás 7  $\frac{1}{2}$  horas com destino á Estrada da Estação de Gaspar Lopes...

Reinava grande alegria entre a pequenada, com bastante satisfação para nós professoras, por vermos os nossos objectivos em bella perspectiva de exito.

Puzemo-nos a caminho ás 7 hs. 30 e ás 8 horas chegamos ao ponto visado.

Admiravam todas as creanças o lindo panorama que nos cercava, sendo que uma dellas chamou a atenção dos collegas para uma bonita plantação de eucalyptos, ao lado esquerdo da estrada. Essa observação do alumno offereceu-nos oportunidade favoravel para iniciarmos nossa aula fallando-lhes sobre o plantio e utilidade deste vegetal: explicamos como preparar o terreno, o modo de fazer as sementeiras em balainhos resguardando-a do sol excessivo ou do frio, a transplantação das mudas em época adequada, de como se faz a poda, etc.

Conversamos em seguida sobre a grossura e a resistencia da madeira, edade em que se pode cortal-a; sua utilidade depois de cortada e preparada, para obras, lenha, etc., de sua applicação na medicina, como poderoso remedio contra a grippe e qualquer molestia pulmonar bem como da vantagem de seu plantio proximo ás habitaçoes para saneamento do ar, como preventivo contra a tuberculose.

Cada alumno deu a sua opinião, algumas das quaes bem interessantes e aproveitaveis.

Falamos depois sobre outras especies de arvores conhecidas dos alumnos, principalmente sobre as que iam encontrando e sobre as arvores fructiferas, as medicinaes, as mais empregadas na marcenaria, nas construcções de casa, pontes, matta-burros, etc.

Ensinamos as principaes partes da arvore por meio de dissecação de um pequeno tronco que arrancamos: assim foram estudadas, bem como suas utilidades no proprio local servindo-nos de motivos reaes.

Depois de muito palestrar sobre o assumpto, sentamos á sombra de uma copada arvore onde fizemos a merenda e a seguir a creança se entreteve em folguedos. Duran-

te as varias actividades tiramos algumas photographias que juntamos ao presente relatorio.

Resultados obtidos — As creanças de ambas as classes portaram-se correctamente, demonstrando grande interesse pelas explicações e parece terem adquirido novos conhecimentos. Em classe continuamos a tratar do assumpto, em aulas de verificação da aprendizagem alcançada.

Fizeram alguns alumnos, no proprio local da excursão, o desenho de uma arvore ou da vista em perspectiva, proporcionando-nos dessarte meios de descobrirmos que alguns têm grande aptidão e até certa facilidade para reproduzir do natural, o que se considera de summa importancia. Voltamos pois bem satisfeitas por termos conseguido quasi todos os objectivos visados.

Empregámos phrases e palavras aprendidas na excursão em nossas lições de leitura e escripta, em classe. Conseguimos tambem boas aulas de Desenho, associadas ás de Sciencias Naturaes.

Juntamos ao presente relatorio algumas das photographias tiradas, como documentação das actividades realizadas, as quaes temos o prazer de offerecer á Revista do Ensino.

MARIA DA CONCEIÇÃO CABRAL DE VASCONCELLOS

Pedimos permuta a todas as publicações congeneres dos Estados e do estrangeiro

## Auditorio

(Realizado no 3.º anno misto C. do Grupo Escolar "Minas Geraes" da cidade de Alfenas)

Maria do Rosario OLIVEIRA

Realizou-se a 2 de março, o auditorio do 3.º anno misto C.

É projecto que levarei avante: fazer mensalmente, em classe, dentro do horario escolar, um auditorio, para o qual os paes, além da directora, serão os unicos convidados.

Os preparativos a esse primeiro auditorio, não excederam á execução do plano para o mez de fevereiro. Constou o programma das seguintes partes:

Agradecimento aos paes, pela honra de sua presença a nossa sessão e explicação dos motivos e fins dos auditorios mensaes, pela professora.

1 — Saudação aos paes por Joaquim Honorato de Oliveira.

2 — Homenagem escripta por Gil Natalino Bueno.

3 — A terra e suas linhas — Tito Livio de Castro Alves.

4 — A proposição — José Honorato Oliveira.

5 — Declamação — Arnaldo Vieira e Silva.

6 — A geographia e a terra — João Callori.

7 — Um problema ao quadro — Jorge Costa.

8 — A proposição e seus membros — João Delphino Azevedo.

9 — Um numero transformado em cabeça de chinez — Wagner M. de Paiva.

10 — Declamação: O sapo — Luiz Nascimento.

11 — Os oceanos — Rosario Esteves.

12 — Um problema ao quadro — Victor Esteves.

13 — Descobrimto da America — Antonio Henriques.

14 — Leitura de um trecho allusivo á Mãe — Pedro Rodrigues.

15 — Declamação: No meu jardim — Margarida Fonseca. — Leitura das notas dos alumnos pela professora.

#### RELATORIO DA SESSÃO

No dia 2 de março, sabbado, ás 7 horas e 30, todos os alumnos se achavam presentes á aula.

Ao vêl-os, tinha-se a impressão de que vinham para uma festa: todos em trajes domingueiros, cuidadosamente penteados, tendo no rosto um sorriso de contentamento.

Iniciou-se então o arranjo e ornamentação da sala. Cada commissão em seu posto, compenetrada de seu papel, procurava desempenhar a sua tarefa do melhor modo possível.

A sala, na opinião infantil, ficou maravilhosamente ornamentada. Flores a cada canto, guardanapos (por elles feitos) forrando mesas e armario, almofadas em algumas cadeiras, etc.

Estando tudo prompto, motivou-se uma aula de socialização para habituar os alumnos ao correcto comportamento durante a sessão. Foi-lhes ensinado como proceder dignamente naquelle auditorio.

— A commissão de recepção ficará á entrada. Chegando um convidado, recebê-lo-á com delicadeza e respeito, leval-o-á até a sala de festa designar-lhe-á um logar para se assentar. Em seguida pedirá licença e sahirá indo ficar a mesma commissão novamente a postos.

Emquanto isto, os outros alumnos permanecerão em classe, assentados, em silencio, ou proseando pouco e em voz abafada.

Ao entrar um convidado todos se levantarão. (Dispensando as palmas na chegada dos convidados). Ninguem rirá, nem criticará; pois a critica é prova de pouca educação e além disso é um peccado. Emquanto o convidado permane-

cer em pé, todos estarão igualmente em pé, e só se assentarão depois que o recém-chegado se assentar.

Durante a festa ninguem proseará, e muito menos fará reflexões sobre o collega que desempenha o seu papel. Si um collega errar quando estiver recitando, ninguem rirá, pelo contrario, compader-se-á do collega que cahiu em falta pensando que o mesmo poderia acontecer a qualquer um.

As palmas serão curtas e leves; não se baterá palmas muito fortes ou prolongadas.

Só assim todos os convidados ficarão contentes ao notarem que vocês são meninos dignos, bons e bem educados.

Terminados os avisos, a commissão de recepção foi tomar o seu posto.

Tivemos porém o desprazer de só receber uma alumna do grupo que vinha representar os paes impossibilitados de comparecerem. Essa representante era Maria Rosa de Oliveira, irmã de José e Joaquim Honorato de Oliveira. Recebemos ainda como representante dos paes a estagiaria Delphina Henriques que já se achava no grupo, (irmã de Antonio Henriques). Para dar um pouco de vida a nossa sessão, convidamos a professora Francisca do Rosario Maria e seus alumnos.

A commissão de recepção, foi buscar a vice-directora, D. Maria do Rosario Corrêa, para honrar com sua presença a nossa festinha.

Nesse dia achava-se ausente a nossa directora e não tivemos o prazer de sua presença á nossa primeira sessão.

#### A sessão foi simples

Apezar de sua natural timidez, nenhum alumno recusou cooperar para a realização do auditorio. Cada um, conforme suas aptidões, desempenhou o seu papel.

Os titulos dos numeros do programma, podem levar o leitor a pensar tenha sido o referido auditorio uma sessão litteraria scientifica. Porém será um engano.

Os meninos expuzeram em sua linguagem infantil as noções rudimentares que no mez de fevereiro conseguiram adquirir. E foi, não uma festa, mas uma aula de repetições, em que cada alumno fazia uma synthese de suas noções sobre um assumpto, sem o auxilio de arguições.

Exgottado o programma, li as notas de: comportamento, applicação, polidez, ordem e as medias de Leitura, Lingua Patria, Religião, Arithmetica, Geographia, Historia e Sciencias, merecidas pelos alumnos. Para terminar a sra. vice-directora dirigiu aos alumnos palavras animadoras.

MARIA DO ROSARIO OLIVEIRA

## Sociedade Pestalozzi

Consultorio Médico-Pedagogico

*Para creanças retardadas, nervosas,  
com perturbações da linguagem,  
surdas-mudas, com defeitos de ca-  
racter, anomalias de crescimento, etc.*

As segundas e quartas-feiras de 8 ás 11 horas

Rua Rio de Janeiro, 451

Bello Horizonte

Gratuito para creanças pobres

## Um trabalho em duas classes do primeiro anno

(Trecho de relatório. — Grupo "Desembargador  
..Drumond" de S. José da Lagoa — 1934)

Lygia de ARAUJO,  
(Professora tecnica)

Neste anno, quanto ao rendimento do ensino, as duas classes medias do 1.º anno ficaram bastante prejudicadas. sem que fosse possível satisfazer-lhes as necessidades, apesar de conhecidas e estudadas em varios aspectos.

Procurei, então, vêr de perto as necessidades mais urgentes, ora assistindo as aulas, ora observando a applicação de methodos e processos novos. Mostrando ás professoras como controlar o trabalho, além de explicar-lhes as attribuições que requeriam alguma attenção por parte dos alumnos, dei a orientação que era possível no momento.

Sendo as classes citadas regidas por professoras que não tinham, dos methodos pedagogicos modernos, um conhecimento sufficiente, era de prever que os resultados não fossem bastante satisfatorios.

Assim, para o desenvolvimento da leitura, introduzi, nas classes, cartazes proprios e fichas para exercicios variados, contendo nomes de casas commerciaes, casas de diversões, cidades vizinhas, carros de praça, pessoas com indicação da profissão que exercem, avisos, historietas illustradas, ordens e perguntas. Tal material, confeccionado no proprio estabelecimento, serviu tambem para muitas aulas de leitura silenciosa.

Para o desenvolvimento da arithmetica, promovi meios que facultassem aos alumnos o ensejo de tomarem conhecimento da loja installada no 1.º anno superior. Elles seguiram todo o movimento effectuado na mesma, contribuindo ainda para um trabalho, de collaboração que lhes seria certamente mais efficaz, se tivesse sido introduzido com maior antecedencia. Formulámos jogos para o ensino da somma e subtracção, bem como para o da representação numerica dos valores e quantias elevadas, que excedessem de 50 e 1\$000. Os exercicios foram bem apreciados pelos alumnos e os resultados teriam sido melhores se houvesse mais vida no trabalho e mais opportunidade, não só de pesquisas como de satisfação da preferéncia das creanças, concorrendo para o desenvolvimento de cada uma.

Um factor que contribuiu para prejudicar o resultado foi a falta absoluta de livros didacticos, o que impossibilitava a facilidade de um exercicio continuo e permanente.

Introduzi, portanto, livros diversos, jornaes infantis, revistas, etc., que vieram determinar uma nova orientação nos methodos de leitura adoptados. Por esse motivo, não podendo fazer uma distribuição de leitura em grupos, visto o material requerer um criterio de selecção e se limitar ao exposto na sala, o trabalho da leitura era feita apenas em classe.

Outra cousa com a qual tivemos de lutar foi o estado precario de saude de muitos alumnos, na maioria filhos de familias pauperrimas, não dispondo de conforto nem recursos para enfrentar as doenças da região: opilação e febre palustre. Procurei attenuar o mal, introduzindo no grupo, a applicação de vermifugos, sob a direcção de um medico local, que nos prestou esse serviço, gratuitamente. Medicamos ainda outras molestias, bem como sarnas e demais doenças da pelle. Promovemos, para custear as despesas effectuadas, uma festa, que se realizou com a cooperação de todas as professoras.

LYGIA DE ARAUJO

## Actividades proveitosas

(Trecho de relatório. — Grupo escolar de Arará)  
Alice MOURA

Innumeras foram as actividades desenvolvidas nas diversas classes, das quaes citarei algumas.

Muito interessantes os estudos feitos pela classe da prof. Luiza de Oliveira:

*Homens notaveis* — Os alumnos fizeram algumas pesquisas, procuraram informações em jornaes e revistas, recortaram gravuras, copiaram noticias e confeccionaram, para a classe, um album sobre o assumpto.

*Ornamentação da sala* — Foi feita uma excursão ao lugar denominado "Chorão", de onde as creanças trouxeram mudas de plantas ornamentaes. Prepararam no grupo um viveiro para essas plantas. Fizeram, nos cadernos proprios, desenhos das plantas, tirados do natural.

Trouxeram pedaços de bambu', serraram-n'os no tamanho de um metro, aproveitando-os nas aulas de gymnastica, como bastões. Fizeram uma segunda excursão a uma olaria, de onde trouxeram argilla. Fizeram, em classe, seis vasos grandes para as plantas menores. Fizeram, ainda, dois porta-vasos de madeira. Formularam diversos problemas sobre as despesas effectuadas, e fizeram relatorios sobre a excursão e actividades realizadas, correndo os trabalhos no meio de grande interesse.

Abriram uma subscrição afim de adquirirem o dinheiro necessario para a compra de cortinas, tapetes e toalhinhas a serem bordados e pintados pelas alumnas.

*O café* — A' fazenda do Capão Grosso, a 42 kilometros da cidade, foi feita outra excursão. As creanças pediram in-



formações sobre o café, colheram os dados necessários e concluíram que, na fazenda acima, está a maior lavoura cafeeira de Araxá.

Compraram gasolina e repartiram as despesas para a ida à fazenda, o que motivou os exercícios de arithmetica.

Estudaram depois os meio de transportes. Na fazenda colheram o maximo de informações, em todos os pontos, fazendo interessantes observações sobre a cultura do café. Resultou do estudo um album informativo. Trouxeram as creanças, do trajecto percorrido, copiosos especimens que dem origem á criação do museu da classe.

Os alumnos confeccionaram cartazes, escreveram diversas cartas e fizeram relatorios. Foi improvisada uma estante de madeira e pintada a oleo, tendo os alumnos apprendido antes a preparar a tinta. As amostras de pedras e terra roxa, trazidas da excursão foram aproveitadas. Batrachios, peixes, anelados, etc., foram collocados em vidros brancos e rotulados.

A° classe da profa. Nilza Moura Neves pertencem as seguintes actividades:

*Album de hygiene* — Os alumnos fizeram uma excursão ao Posto, onde receberam variadas informações sobre o tratamento de algumas molestias, meios de evital-as, hygiene, etc.

Fizeram desenhos, cartazes, boletins sobre o assumpto, composições reaes e imaginarias sobre doenças, organizando, a capricho, o album respectivo.

*Cantinho de leitura* — Achava-se a classe em seu funcionamento natural, quando a professora abriu em classe um numero da Revista do Ensino que recebera da directora.

Deparando com a photographia "Canto da leitura", actividade realizada em B. Horizonte, mostrou-a aos alumnos. Estes apreciaram tanto os pequenos moveis da photographia que pediram á professora os deixasse fazer alunos para a classe. Esta resolveu aproveitar o entusiasmo despertado e aplaudiu a idéa. No dia seguinte as creanças trou-

xeram alguns caixotes e compraram os caibros para os pés dos moveis, dizendo que caixotes vestidos não são moveis de arte. Consultaram revistas á procura de gravuras de mobilias. Obtido o material necessario como madeira, pregos, paina, panno, etc., estudando a origem de tudo isto, bem como do algodão, encontraram uma difficuldade: a professora de trabalhos manuaes não sabia marcenaria. Como fazer? Combinaram, então, chamar um operario marceneiro para dirigir os trabalhos, propondo pagar-lhe o serviço. Porém, o pae da professora offereceu-se para auxilial-os, ensinado-lhes, nada aceitando pelo trabalho. Durante duas semanas os alumnos occuparam-se em furar, serrar, apparellhar, lixar e estofar. Conseguiram obter uma graciosa mobilia, composta de sofá, duas poltronas, quatro cadeiras, mesa oval, armario e estante para os livros. Prompta a mobilia, foi collocada na sala.

*Museu* — As creanças organizaram o museu da classe, trazendo insectos, pennas de aves, ovos de ema, caixa de marimbondo, casa de João de Barro, borboletas, amostras de madeiras e mireraes, estudando tudo minuciosamente e fazendo a classificão, dirigidos pela professora.

ALICE MOURA

#### AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES

Afim de evitar interrupção na remessa da "Revista do Ensino", devem os srs. assignantes reformar a tempo as suas assignaturas.

## Estudos interessantes

(Trecho de relatório. — Grupo escolar de Filosofia  
Leopoldina MAIA)

Alguns estudos interessantes foram effectuados durante o anno. Os alumnos de uma classe de 3.º anno fizeram um estudo sobre a agua, motivado pelas faltas de agua e de chuva em nossa cidade. Foi commentado o calor intensivo da época, consultado o thermometro, etc.

O assumpto appareceu devido a um artigo sobre a falta de agua, publicado no jornal local. Depois de muita conversa com a professora e da leitura do artigo, os alumnos desejaram fazer uma excursão ao lugar denominado "Meia-Lua", que é a nascente do correjo que abastece a cidade. Formulado o plano da excursão, foi a mesma marcada para o dia seguinte.

Passando pela caixa d'agua, as creanças verificaram ser esta pequena para fornecer agua á população da cidade, que augmentou consideravelmente desde o anno em que a agua foi canalizada. Isto motivou um commentario sobre a necessidade da Prefeitura procurar outros meios de abastecer a cidade, nascendo a idéa de trazer agua do correjo das Araras, por meio de bombas.

Esse estudo deu origem a varios outros, como: a secca no Ceará, como são feitos os poços artesianos, etc. Finalmente, abrangeu todo o Brasil, sendo concatenadas diversas materias e quasi todo o programma.

Os alumnos escreveram cartas a algumas pessoas das estancias mineraes, pedindo-lhes informações.

Outro estudo proveitoso foi feito sobre os passaros, motivado pela leitura de uma poesia do livro "Os animaes", de

João Kopck. O assumpto motivou uma outra excursão, da qual os alumnos trouxeram ninhos, casas de joão de barro, etc. A classe estudou os passaros uteis e nocivos á lavoura, as cidades productoras de arroz e outros cereaes, fazendo um graphico das mesmas cidades.

Um menino fez a seguinte pergunta: — Porque Diamantina não produz arroz ?

Este problema levou a classe ao estudo dessa cidade, fazendo uma apreciação de seu historico. As creanças procuraram informações, sobre a mesma cidade, com duas professoras do grupo, naturaes de Diamantina; escreveram uma carta á filha de uma dessas professoras, pedindo-lhe photographias, perguntando-lhe pelos costumes e instrucção do lugar e convidando-a a fazer uma palestra sobre Diamantina.

Terminaram o estudo com um auditorio, que elles mesmos organizaram.

Nesse dia a convidada fez a palestra, mostrando photographias, areia e flores (sempre-viva) da localidade. Os alumnos expuzeram um album que confeccionaram sobre passaros e leram diversas curiosidades. Apresentaram ainda o jornalzinho, adivinhações escriptas, materias diversos, etc.

Ainda outros estudos foram feitos, motivados por assumptos da actualidade, como: centenario da morte do Padre Anchieta e fallecimento do Rei Alberto, da Belgica.

O primeiro motivou diversos outros sobre o descobrimento do Brasil, vida e costumes dos indios e invasão hollandeza. O segundo motivou o estudo sobre a Belgica, Hollanda e França. As creanças ficaram entusiasmadas com os costumes hollandezes, os feitos de Napoleão e a historia de Joanna D'Arc. Leram a "Noite illustrada" e outros jornaes, colleccionaram vistas e formaram albums instructivos.

Dos assumptos estudados resultaram diversas perguntas e descrições sobre os passaros, ninhos, ovos, arroz, phosphoro, café, amendoim, laranja, etc. Isto motivou um intercambio de adivinhações entre as classes, melhorando, consideravelmente, a redacção dos alumnos.

Um projecto valioso foi levado a effecto em uma classe de 1.º anno. Motivou-o uma lição do pre-livro adoptado, sobre "A sala de visitas". Devido á illustração e ao assumpto da mesma, os alumnos tiveram a idéa de fazer uma pequena mobilia. Foram ás casas de commercio e pediram caixotes velhos. Ganharam alguns e compraram outros. Dirigiram-se depois a um carpinteiro e pediram-lhe o favor de riscar, para elles, o sofá, banquinhos e poltronas. Em classe foram feitos todos os moveis. Sahiram com a professora e compraram o chitão com que cobriram a mobilia e confeccionaram as almofadas.

Prompto o projecto, fizeram um auditorio, em que apresentaram todos os trabalhos da classe.

LEOPOLDINA MAIA

### LIVROS DE LEITURA DE JOÃO KOPKE

Adoptados oficialmente pelo Governo do Estado de Minas

Nova serie, inteiramente revista e melhorada, de conformidade com a nova orientação pedagogica do ensino primario em Minas, pela Exma. Snra. D. Lucia Monteiro Casasanta, professora de methodologia da Escola de Aperfeiçoamento de Bello Horizonte.

2.º anno: Historias de creanças e animaes.....	2\$500
3.º anno: Historias de meninos na rua e na escola .....	3\$000
4.º anno: Historias que a mamãe contava.....	3\$000

Editores: Livraria Francisco Alves  
Rio, S. Paulo e Bello Horizonte

## Visita de professores ás classes

Francisco Manoel do NASCIMENTO  
(Director do grupo escolar de Santa Rita do Sapucahy)

Pela primeira vez, nesta casa de ensino, puz em execução as disposições do art. 317, do Regulamento do Ensino, aproveitando as estagiarias sem classe.

De ha muito que era meu desejo pôr em pratica essa medida que reputo de muita utilidade; mas, a falta de quem substituisse a professora visitante, impossibilitava-me de o fazer.

Agora, porém, tenho feito e noto bons resultados. As proprias professoras hoje acham de grande vantagem não só para a visitante, como para a professora visitada.

Além dos resultados pedagogicos, essas visitas concorrem para desembaraçarem as docentes que, no geral, ficam acanhadas e perturbadas, todas as vezes que recebem uma visita em classe.

Peço ás visitantes fazerem um relatorio de tudo que virem, ouvirem e observarem durante as aulas, e isso com toda a imparcialidade e sem idéas preconcebidas.

\*

### Relatorio da professora Maria Marques de Carvalho

Visitei, no dia 30 de julho de 1934, a classe de 4.º anno, regida pela docente d. Odette Carvalho.

Após a chamada em que compareceram 16 alumnos dos 20 matriculados, a professora iniciou suas aulas com uma palestra sobre os costumes chinezes, visto ser a China o centro de interesse tomado para esse dia. Explicou ás cre-

anças que esse paiz é um dos mais antigos do mundo, e que foi Imperio até 1912 e, dahi por deante, passou a ser Republica.

Falou sobre a indolencia de seu povo, motivada pelo uso do opio, fazendo os alumnos saberem que apesar disto, são de grande pericia em trabalhos manuaes pela destreza das mãos.

Passando á aula de Geographia, á vista do mappa da Asia, ensinou a situação da China, sua capital, suas cidades principaes, suas produções e commercio, citando a porcellana e a seda, como suas principaes industrias.

Ao falar sobre Pekim, fez os alumnos saberem ser esta capital a mais sem hygiene do mundo, falando sobre as molestias que dizem a sua população pela falta de asseo. Passando para a aula de Historia do Brasil, a professora falou sobre o Saneamento da Capital Federal, fazendo uma comparação entre a capital da China e a capital do nosso paiz. Fez esclarecimentos á classe, que o saneamento consistiu em extinguir a febre amarella, o typho e a variola, citando os meios empregados, como: o alargamento e o prolongamento das ruas e avenidas, o calçamento e arborização das mesmas, captação d'agua potavel, ajardinamento das praças, rede de exgotto e destruição dos mosquitos.

Disse que o saneamento da Capital Federal se deu no governo do dr. Rodrigues Alves, auxiliado pelo engenheiro dr. Paulo de Frontin e O. Passos.

Da aula de Historia, a professora passou á de Hygiene, tendo o cuidado de relacional-a com as outras materias antecedentes, falando sobre as febres e a sua transmissão pelos mosquitos. Explicou os meios de extinguir os mosquitos e outros insectos nocivos á saude, ensinando tambem aos alumnos que o grande inventor da vaccina contra a variola, foi o dr. Eduardo Jener.

Afim de aproveitar a oportunidade, citou o thermometro como o aparelho destinado a medir a temperatura em geral, falando tambem sobre o thermometro de maxima e de minima, proprio para avaliar a temperatura do tempo.

Terminada esta aula, d. Odette passou á de Arithmetica, que versou sobre o "Systema metrico", formulando problemas referentes ao metro, que os alumnos raciocinaram e resolveram oom promptidão, mostrando, assim, terem facilidade para calculos.

Em seguida, mandou que os alumnos formulassem problemas referentes aos productos da China e passassem uns para os outros resolverem. Havendo sido dado o signal para o recreio, foram interrompidas as aulas. Após o recreio, a professora iniciou uma aula de leitura silenciosa, que foi feita do seguinte modo: foi escripta previamente no quadro negro uma historieta referente á China, e coberta com dois mappas. Logo á entrada e após 5 minutos de descanso, a professora retirou-os, dando 10 minutos á classe para fazer a leitura silenciosamente.

Terminada a mesma, distribuiu folhas de papel com perguntas sobre a lição, que os alumnos responderam satisfactoriamente.

Desta aula passou á de Lingua Patria, aproveitando a occasião para mandar fazer a interpretação da leitura, que foi primeiramente oral e depois escripta.

Obedecendo o horario, seguiu a aula de Desenho, e a professora suggeriu aos alumnos que desenhassem quaesquer objectos feitos pelos chinezes, como: cortinas, leques, "abat-jours", etc.

Finalmente, foi dado o signal para a sahida. Durante a visita, tive occasião de observar que a sala de aula apresenta bom aspecto e que os preceitos de hygiene são observados, tanto pelos alumnos, em si mesmos, como no que se refere aos objectos da classe.

Apreeci sobremodo o methodo e a attitude da professora, tratando os alumnos carinhosamente, e sendo o ensino ministrado com proveito, porquanto as creanças apresentam real aproveitamento.

*Relatório da professora Rosalina dos Santos, em visita á classe do 2.º anno, regida pela professora Jurandy Cabral, no dia 11 de julho de 1934*

Alumnos presentes no dia da visita, 27, dos 45 matriculados.

Foi iniciada a aula pela professora d. Jurandy, com uma palestra sobre materiaes para trabalhos manuaes; e em seguida, com a presença da professora da cadeira, d. Emerita do Prado, começou a aula de trabalhos. Esta trabalhava com as meninas em bordados e crochet, enquanto os meninos, com sua professora, trabalhavam em madeira, para terminarem uma estante para sua classe.

Terminada esta aula, a professora passou para a de Língua Patria. Conversando com os alumnos, apresentou-lhes uma gravura e, guiada por perguntas, a classe descreveu-a oralmente. A gravura era bastante expressiva e prendeu a atenção de todos os alumnos, os quaes queriam responder e dar nomes ás personagens da gravura.

Assim, a professora motivou a aula de escripta; passando os alumnos a escreverem o que viram na gravura, ou formando historietas sobre a mesma.

A professora, relacionando-a com a gravura, motivou a aula de arithmetica, fazendo diversos exercicios oraes de somma, subtração e multiplicação. Como os alumnos estavam muito interessados e falavam todos de uma vez, a professora, para acalmal-os, passou um problema no quadro, para ser resolvido escripto em seus cadernos. Os meninos fizeram-no com bastante rapidez, não acontecendo o mesmo com as meninas, que demoraram a entregar os cadernos.

Como nessa hora foi dado o signal para o recreio, a professora recolheu os cadernos dizendo ás creanças que os entregaria no dia seguinte.

Depois do recreio e dos cinco minutos de descanso, a professora palestrou com os alumnos, sobre a aula que ia

seguir-se e como ia fazer a leitura. Lembrando aos alumnos que era a Semana da Attenção, elogiou-lhes o comportamento e atenção nas aulas anteriores. Apreciei muito esta aula de leitura, feita em grupos.

A professora dividiu a classe em dois grupos. Enquanto um alumno lia, observado e criticado pela professora e alumnos do seu grupo, o outro grupo fazia copia da mesma lição. Depois, o 1.º grupo fazia a copia e o 2.º lia. A professora, sempre com delicadeza e elogios, corrigia os alumnos.

No final da aula, a professora, pedindo opinião da classe sobre as melhores leituras dos grupos, escreveu no quadro os nomes dos alumnos que mais se distinguiram, e marcou um capitulo para o dia seguinte, que todos prometeram estudar.

Passando á aula de Geographia, a professora falou sobre a nossa cidade, citando seus nomes antigos, nome actual, onde está situada, os homens benemeritos da localidade, nomes dos rios, corregos, etc. Fez depois umas perguntas dessa lição no quadro, para serem respondidas por escripto pelos alumnos.

A professora explicou-me que dava muitos exercicios escriptos, por achar sua classe bastante fraca nessa disciplina. Notei que todas as creanças escreviam com atenção e boa vontade, devido á motivação e tambem ao modo carinhoso com que a professora os tratava.

Não sei si devido á pequena frequencia, o comportamento de todos os alumnos foi bom, excedendo minha espectativa.

Observei que nessa classe são ensinadas as regras de hygiene, porque os alumnos estavam limpos e com boa apparencia, com excepção de tres alumnos, devido a sua extrema pobreza. A sala tambem tem bom aspecto, notando-se em suas paredes quadros adequados ás disciplinas do dia.

*Relatorio da professora Isaura G. de Lima, em visita á classe do 1.º anno, regida pela professora d. Zilah Pereira Pinto*

Alumnos presentes no dia da visita: 16 meninos e 19 meninas.

Notei muita ordem na entrada dos alumnos; cumprimentaram a professora com muita delicadeza, tomaram seus logares, e uma das alumnas trouxe uma cadeira para eu me assentar. A sala, com aspecto muito bonito, ostenta em suas paredes muitas gravuras.

A professora, muito meiga, disse aos seus alumnos que puzessem em cima das carteiras suas canecas e lenços; obedeceram promptamente; todos tinham estes objectos. A professora passou uma revista em todos. Observei que nessa classe são ensinadas as regras de hygiene.

Notei grande habilidade e entusiasmo da professora em interessar a classe. Mostrou aos alumnos uma carta do sr. director, dando-lhes permissão para fazerem um canteiro na área do nosso grupo.

D. Zilah mandou que fizessem forma. Fomos num lugar escolhido para fazer o jardim. Levaram o metro. O alumno João Monteiro foi o que mais se interessou: com o metro mediu a área, acompanhado por outros alumnos. Outro alumno foi tomando as notas em um caderno. Acharam na medida 7ms. de comprimento e 6ms. de largura.

Voltamos para a aula, e os alumnos tomaram seus logares. D. Zilah mandou o alumno João Monteiro tomar nota, no quadro negro, da medida do terreno. Todos os alumnos tomavam notas em seus cadernos. Os alumnos sympathisam com a professora. Ella disse-lhes que o carpinteiro para construir uma casa precisava de fazer um plano da obra, e deste modo levou-os a falarem na planta.

Falou aos alumnos: vamos fazer uma planta para fazer o nosso canteiro no jardim? Distribuiu papel a todos. Traçou no quadro diversas figuras geometricas, fez uma circumferencia, um triangulo e um rectangulo. Foi escolhido o

quadrado. A professora disse-lhes que era preciso achar o centro, os alumnos responderam que podia medir com um barbante e apresentaram um pedaço. O alumno Joaquim Monteiro achou o centro do quadrado, praticamente, e mediu tambem os lados, e propoz que no centro se fizesse um circulo e nos lados um quadrado menor. Mas as opinijões eram diversas, pois muitos alumnos queriam nos lados um triangulo.

A professora disse que era preciso que votassem, para ver qual ganhava. Todos votaram. Um alumno contou os votos e achou que ficara vencedora a idéa dos quadrados. Fizeram a planta do canteiro no papel distribuido, ficando assim, dada a aula de Arithmetica, relacionada com a aula de Desenho, das quaes muito gostei. Ouvimos um assovio na classe; a professora, com muita delicadeza, disse ao alumno que sabisse um pouco, para dar um passeio; e o menino, com a cabeça baixa, retirou-se. Depois, voltando, retomou o seu logar.

#### *Leitura silenciosa*

A professora motivou uma aula e disse aos alumnos que queria muita attenção e silencio. Escreveu no quadro as seguintes ordens para serem escriptas as respostas nos cadernos: Fazer o maior silencio possivel para responderem nos cadernos o que eu vou escrever.

- 1.º — Quantos canteiros terá o nosso jardim ?
- 2.º — De que côr é a minha blusa ?
- 3.º — Quantas jarras ha na mesa ?

Leram muito quietinhos e silenciosos, e escreveram nos cadernos todas as respostas, quasi todas com muito acerto.

Gostei muito dessa aula de leitura, relacionada com a de escripta.

*Lingua Patria* — Os alumnos começaram a falar muito alto. D. Zilah disse-lhes: O que é que estou esperando? O silencio... disseram todos. Ficaram todos quietinhos. Foi iniciada a aula de Lingua Patria. Yvone recitou a poesia "O Cricri", — Maria Garrido, "O Pintinho", — e outros reitativos. Notei que sobre todos os pontos, os methodos empregados pela professora são adequados ao moderno ensino.

*Relatorio da professora Stella Bernardes da Cunha em visita á classe do 2.º anno, regida pela professora Rita Marini de Castro*

Alumnos presentes no dia da visita: 35. Observando as creanças ao entrarem em aula, notei que alli reinava muita ordem e disciplina. Os alumnos cumprimentaram a professora com attenção e tomaram os seus respectivos logares. Depois de feita a chamada, a professora fez a inspecção de asseo e saude.

Notei que as regras de hygiene são adoptadas nessa classe do melhor modo possivel, apresentando os alumnos um aspecto agradável.

A professora iniciou a aula com uma palestra sobre Geographia. A' vista do mappa de Minas, levou os alumnos a desejarem arranjar vistas afim de fazerem um album.

Logo que viram o mappa, as creanças se approximaram do mesmo e mostraram a Capital de Minas, as cidades principaes do centro, as do sul de Minas e os Estados limi-trophes.

Continuando a palestra, a professora perguntou-lhes si desejavam conhecer a nossa Capital. O alumno Walter de Franco disse-lhe que tinha muita vontade de ir a Bello Horizonte, mas que isto lhe seria impossivel. Disse a alumna Olivia Brusamolin que, para conhecermos a Capital de Minas, não seria necessario ir lá; por meio de algumas vistas, ficaríamos conhecendo.

Ainda palestrando com os alumnos, a professora levou-os a uma aula de Lingua Patria. Mostrou-se desejosa de saber qual o meio de conseguir as vistas. Levou a conversa até suggerir a idéa de uma cartinha a alguém, pedindo vistas. Realizada esta idéa, a professora, com muita habilidade, discutiu com os alumnos, indicando a quem deviam se dirigir.

Correctos os exercicios, a professora distribuiu folhas de papel aos alumnos, para passarem a limpo as cartinhas, para em seguida ser feita a escolha, motivando assim a aula

de Escripta. E, como se approximava a hora de recreio, a professora, com bastante calma e delicadeza, fez com que os alumnos concordassem em deixar essa aula para o horario seguinte.

Destacando uma palavra, chamava um alumno para escrever. Os dois grupos trabalharam com muita actividade, até á hora do recreio. Após este, as creanças fizeram um pequeno repouso.

*Arithmetica* — Palestrando com os alumnos, disse-lhes que iria apresentar um jogo para ver que grupo faria mais pontos. Applicou o jogo de fichas, com pequenas sommas combinadas.

O numero de pontos de cada partida foi aproveitado para sommarem. Terminado este jogo, as creanças pediram o jogo das bolinhas, no que a mestra os satisfez. Fizeram a distincção entre os signaes da somma e subtracção. Um alumno lembrou-se de que ainda não havia sido verificada a frequencia e se offereceu para contar o numero de meninos presentes; uma menina contou o numero das collegas e fez a somma para ver o total da classe.

Terminada essa disciplina, a classe sahiu para a aula de gymnastica, a cargo da professora da cadeira, Maria Clara Mendes. Esta, após ter verificado a frequencia, perguntou o que preferiam as creanças: gymnastica historiadá ou marchas com bandeirinhas? Votaram nas bandeirinhas; fizeram exercicios imitativos com hymnos apropriados: "O rufar do tambor", "O passarinho Ripiu-piu, piu" e o "Hymno Infantil".

*Geographia* — A professora, palestrando com os alumnos, lembrou-lhes que na aula passada um collega havia sahido para ir curar os olhos em uma pharmacia. Partiu dahi para ensinar os nomes e numeros das pharmacias locais. Falou tambem sobre as autoridades; as creanças iam dizendo com interesse as que conheciam.

*Desenho* — Motivou a aula de desenho, perguntando aos alumnos si queriam desenhar uma pharmacia. Todos se promptificaram a fazer. Alguns especificaram o desenho

com o nome da pharmacia. Uma menina desenhou com meticulous observação um consultorio onde fôra medicada. A professora animou-os, dizendo-lhes que o melhor desenho seria escolhido para enfeitar a classe.

Terminados os desenhos, seguiu-se a votação do melhor trabalho.

\*

Achei admiravel a educação das creanças: bons habitos de delicadeza, hygiene e pontualidade são observados, nada deixando a desejar em uma classe de primeira matricula.

Pelo nivel de adiantamento dos alumnos, pela actividade e ordem reinante na classe, verifica-se que a professora Rosalina Santos não poupa esforços para o bom exito de sua classe, adoptando sempre maneiras carinhosas, conquistando assim a confiança e sympathia dos alumnos.

\*

*Relatorio da professora Americana Ribeiro de Faria, da visita feita á classe do 1.º anno, regida pela professora Corina Ribeiro de Carvalho*

Feita a chamada, a professora passou a falar com as creanças sobre a minha visita. Perguntou-lhes como se recebia uma visita. Cada qual queria dar a sua opinião.

Nota-se grande actividade na classe, que é facilmente controlada pela professora. Em seguida, iniciou a aula dizendo aos alumnos que eu desejava ouvir a leitura de alguns.

De accordo com elles, foi escolhido o capitulo seguinte: "A boneca de Judith". Em primeiro logar, a professora fez a leitura do capitulo e o commentario sobre o mesmo, mandando, em seguida, que alguns alumnos lessem tambem.

Notei que a leitura acha-se desenvolvida na classe do 1.º anno "A", sendo corrente e sem vicios de pronuncia e pontuação.

Terminado o recreio, depois de alguns minutos de descanso, a professora reiniciou a aula, fazendo que todos os alumnos copiassem o exercicio. Dentre as cartas, foi escolhida

a melhor, da alumna Olivia Brusamolín. A esta aula seguiu-se uma outra, de leitura silenciosa.

A professora passou no quadro algumas perguntas para os alumnos copiarem e responderem. Essas perguntas foram tiradas do ensino da Geographia. São as seguintes:

- 1.ª — Qual é a Capital de Minas ?
- 2.ª — Quaes são as cidades que ficam ao sul de Minas ?
- 3.ª — Qual é o Estado que fica ao norte de Minas ?
- 4.ª — Qual é o Estado que fica ao sul de Minas ?

Notei que as perguntas foram respondidas pelas creanças com acerto. Gostei muito desta aula relacionada com as materias já mencionadas.

Apresentando aos alumnos os cadernos de Desenho, fez ella que os mesmos, á vista do mappa que se achava aberto no quadro, traçassem o esboço de Minas.

Para verificar o progresso dos alumnos na multiplicação, a professora applicou testes. Passou no quadro diversas continhas para os alumnos copiarem em folhas de papel, e para resolverem em 10 minutos.

Observei grande interesse por essa materia, principalmente por parte dos meninos, que resolveram rapidamente e com acerto, os problemas formulados pela professora.

Observando a sala de aula, notei que esta se apresentava com bom aspecto. Em suas paredes encontram-se varias gravuras, alguns quadros, destinados ao ensino de hygiene, retratos de homens benemeritos da localidade, etc. Põem-se em pratica, nessa classe, metodos adequados ao ensino moderno.

A professora trata os alumnos com dedicação e carinho, conseguindo, assim, a sympathia e confiança dos mesmos.

\*

*Relatorio da professora Jurandy Cabral, em visita á classe do 1.º anno, regida pela professora Rosalina Santos, no dia 27 de julho de 1934*

A matricula da classe é de 42; neste dia compareceram 39 alumnos.



Assisti ás seguintes aulas: *Leitura, Escripção, Língua Patria, Arithmetica, Gymnastica, Geographia e Desenho.*

*Leitura* — A professora escreveu no quadro algumas phrases, encerrando uma historieta, com o fim de verificar si os alumnos aprenderam as phrases applicadas em jogo na aula anterior.

Afim de estimulal-os, disse-lhes que queria ver qual dos grupos era o mais adeantado. Em primeiro lugar, todos leram silenciosamente, e depois fizeram a leitura oral.

A professora chamava um alumno de cada vez, ora destacando phrases, ora palavras, para ver si a leitura estava bem assimilada. A maioria sabia ler com acerto, desembaraço e correcção. A professora teve cuidado de não deixal-os repetir palavras, emfim, evitou todos os maus hábitos que poderiam adquirir. Despertou entusiasmo geral.

*Escripção* — Da aula de leitura, a professora motivou a de escripção, pedindo aos alumnos da classe "B" que copiassem a lição do quadro, para eu ver como elles tinham boa letra, enquanto que a classe "A" iria ler a lição no livro.

Leram assentados e em voz alta. O methodo applicado pela professora deu bom resultado, porque, sendo uma classe de 1.ª matricula, a maioria já lê bem e copia sem erros e com legibilidade.

*Língua Patria* — Terminada a leitura, a professora passou para a aula de Língua Patria, falando sobre a pontuação encontrada no trecho lido. Em seguida, perguntou qual saberia escrever algumas palavras da lição, o que todos queriam fazer.

Durante a leitura da classe, notei que alguns alumnos, não se interessaram, sendo causa disso a falta de completa homogeneização da classe.

Falando com a professora, sobre esse assumpto, ella explicou-me que esses alumnos foram matriculados ha pouco tempo e que a leitura dessa classe é dada no quadro.

A professora moticou a aula de escripção, dizendo ás creanças que eu gostei muito da leitura e desejava, agora,

conhecer a letra de cada um. Escreveu no quadro uma phrase, escolhida pelos alumnos, pedindo que estes a copiassem quatro vezes: "Judith tinha uma boneca bonita". Fizeram todos a escripção, com muito cuidado e atenção.

A calligraphia, em geral, é boa.

Associando esta aula á leitura silenciosa, a professora escreveu no quadro as seguintes ordens, pedindo aos alumnos que as lessem só com os olhos, sem mover os labios e as executassem por escripto:

- 1.ª — Escreva o nome da cidade e ponha a data.
- 2.ª — Escreva o seu nome e sua idade.
- 3.ª — Escreva o nome do Grupo.
- 4.ª — Escreva o nome de sua professora.

Recolhidos os cadernos, em palestra com os alumnos e com muita habilidade, foi feita a critica, a correcção e o julgamento da escripção.

A aula de arithmetica foi motivada do seguinte modo: Tendo a professora recolhido os cadernos de escripção, passou a falar com as creanças sobre os preços dos mesmos, formulando com a classe varios calculos oraes sobre as operações de sommar e diminuir.

A professora, com grande habilidade, controlava a classe toda. Era surprehendente a vivacidade e rapidez com que a classe dava o resultado.

Em seguida, a professora, em conversa com os alumnos, perguntou si algum seria capaz de traçar um relógio no quadro. Todos mostraram saber, mas fizeram questão que a professora o traçasse. Ella, com muito goito, satisfez o desejo da classe.

Um alumno foi ao quadro e collocou o ponteiro. Ella, pegando o giz, traçou a circumferencia, seguindo o ponteiro.

Terminado, os alumnos foram ditando os numeros que ella ia escrevendo, ficando, assim, terminado o relógio com o ponteiro tambem numerado.

Movendo esse ponteiro em diversas direcções, foram apresentados novos exercicios de somma, cujas respostas

eram dadas com certeza e rapidez por todos os alumnos. Na minha opinião, é um jogo ótimo e de muito resultado, pois desenvolve o raciocínio, a atenção e evita a rotina da *taboada*.

Depois de um pequeno descanso, foi iniciada a aula de geographia, com uma palestra, á vista de um trabalho collectivo dos alumnos, sobre gravuras referentes aos meios de transporte. Apresentando o quadro, a professora, dirigindo-se aos alumnos, pediu-lhes que indicassem um meio de se fazer uma viagem a Pousou Alegre.

Toda a classe entrou em actividade. Cada qual cita um modo differente, dando oportunidade aos alumnos de conhecerem muitos meios de transporte. Aproveitadas todas as oportunidades, seguiu-se a aula de desenho.

Distribuidos os cadernos, notei grande alegria nas crianças. O desenho foi feito de imaginação, de accordo com os meios de transporte apresentados e escolhidos pelos alumnos. Notei ainda grande desenvolvimento social nas crianças, que, terminados os desenhos, vinham espontaneamente mostrar-m'os, pedindo que desse nota. Satisfiz a vontade de todos, e com isso mostraram-se entusiasmados. Dando o signal para a gymnastica, acompanhámos a classe.

Pela professora Maria Clara Mendes, foi dada uma gymnastica historiada, que interessou parte da classe.

FRANCISCO MANOEL DO NASCIMENTO

AS COLLECÇÕES dos annos anteriores da "Revista do Ensino" são vendidas a 25\$000 cada uma. Pedidos á Direcção.

## O ensino na Allemanha

Jules ISAAC

### *Como se ensina á Juventude allemã a historia dos quinze ultimos annos*

Ha tres annos, tendo publicado um estudo a respeito da Historia das origens da guerra nos manuaes allemães (1), eu concluiu assim:

"Admitto que, em razão do art. 231, do Tratado de Versalhes (ou da interpretação que se lhe dá), seja mais difficil aos allemães do que a todos os outros fazer um esforço de objectividade, quando se trata da questão das origens da guerra. Mas dizemol-o francamente — e não sem tristeza — emquanto fôr assim, emquanto os mestres allemães articularem libellos sem replica, emquanto a juventude allemã fôr educada nesta atmosphera de nacionalismo rancoroso, e, accrescento, para evitar qualquer equívoco, emquanto tambem nós, francezes, não tivermos rompido inteiramente com taes erros, emquanto uns e outros, deante da lei scientifica, não tivermos procedido ao mais severo exame de consciencia, a approximação entre os dois povos não se fará e, muito menos, a paz.

Este *exame de consciencia*, eu o fiz por minha conta, com rigor extremo. Censuraram-me por isso. Não tenho nenhum remorso. Creio ter cumprido meu dever de historiador e de cidadão. Não me parece possível, e não é verdade, que um esforço de honestidade intellectual seja condemnavel (ou prejudicial) no ponto de vista nacional: o contrario é que é verdadeiro.

*Hitler e o ensino da historia*

Mas, do outro lado da fronteira, qual foi a attitude dos mestres allemães? Responderam elles ao meu appello? Sabe-se o que aconteceu á Allemanha depois de 1932. De bom grado ou á força, ella se collocou sob a bandeira da cruz gammada. Os profesoress de historia são, pois, obrigados a tomar a sua palavra de ordem na nova biblia *Mein Kampf* (Minha lucta).

"Não se apprende a historia apenas para saber o que existiu. Apprende-se a historia afim de nella achar noções para o futuro e a continuação do character ethnico. Tal é o fim, e o ensino historico é apenas um meio para alcançal-o".

"... O dever de um Estado nacional é mandar escrever uma historia do mundo em que a questão das raças será elevada ao nivel de factor dominante".

Eis o dogma, e eis agora a applicação. Os programas do ensino historico não foram ainda modificados. Os antigos manuaes ficaram em uso. Mas viu-se desabrochar uma porção de livros ou de fasciculos destinados a completal-os expondo, segundo a recommendação expressa do ministro Frick "a historia das duas ultimas décadas".

Entre todas essas publicações, uma, a mais recente (janeiro, 1935), me pareceu digna de attenção. Intitulada *Wolkwerden der Deutschen. Dieletzien, 15 Jahre* (A formação dos allemães em um povo, os 15 ultimos annos) é a obra de Moritz Edelman que a confiança do governo collocou á frente do *Deutscher Geschichtslehrerverband*, — a Associação allemã dos profesoress de historia. Ella tem, portanto, um character quasi official. E' o primeiro especimen typico do novo ensino da historia na Allemanha. Póde-se estar certo de alli encontrar o verdadeiro espirito do regimen, em toda a sua pureza, em sua orthodoxia. "Sem duvida", escreve-me u mcorrespondente allemão, "o livro condemna o *Diktat* de Versalhes e os methodos de execução do Tratado, mas não creio que os de ahi achem grande cousa que apprender..."

Vejamos sempre. No dominio do ensino historico, o patriotismo allemão, como todo patriotismo, é respeitavel,

mas sob uma condição: é que elle mesmo respeite a verdade.

Dois themes essenciaes (e orthodoxos) formam a trama do livro de M. Edelman. Um, de politica interna; outro, de politica externa.

*Thema de politica interna*

E' permitido ser breve acerca do primeiro, que não nos interessa directamente. E' a affirmação — nem demonstravel nem refutavel — (da ordem da fé) que o povo allemão, desde o armistício até ao advento de Hitler, foi conduzido ao abysmo "*pela fraqueza, a covardia e a traição*", todos crimes imputaveis a homens que não eram verdadeiros allemães de sangue e de raça, mas judeus, marxistas *Untermenschen* — sub-homens.

"O judeu *munichense Eisner* é o typo, por excellencia, do revolucionario de novembro... Elle é o primeiro que tenta provar, mediante documentos falsificados, (2) que a Allemanha é responsavel pela guerra".

Os dirigentes do Reich de Weimar são culpados, sobretudo, de ter dado prova de espirito de conciliação em face do estrangeiro, de não ter "realizado a união com a Austria, nos dias da revolução, por estreiteza de vistas e por medo".

A desmoralização geral se deve á influencia preponderante dos judeus (sublinhada por um quadro que indica a percentagem dos judeus em certas profissões, exceptuados, todavia, os premios Nobel conferidos á Allemanha).

Os "mercantis profiteurs" (Schieber) são, pela maior parte, judeus. A corrupção recrudescer até nos meios governamentais... antes toda a Social-Democracia e o Centro". (Os junkers da *Osthilfe*, os srs. von Kwast e von Oldenburg-Janusch, eram judeus ou social-democratas? O autor não o diz).

"O ministro judeu Rathenau é, do lado allemão, o primeiro a tratar a questão das reparações como um caso commercial... O ministro Stressemann é responsavel pela poli-

*tica chamada de "accomplissement"... Si se accrescenta que Stresemann era franc-maçom e casado co muma judia, vê-se bem o que era esse ministro alemão".*

A esses maus pastores oppõe-se em um contraste frisante, como a luz á sombra, o homem providencial, Hitler, genio completo, que tem simultaneamente algo do grande Frederico, de Fichte e de Bismarck. O autor expõe sua doutrina, o racismo:

"Ha uma raça nordica que deu ao povo alemão seu typo proprio. Liberdade e honra, vontade combativa e rectidão... são as suas marcas espirituales".

Elle conta seus combates, sua primeira derrota, seu esforço obstinado, sua marcha para a victoria, seu "advento á legalidade", como foi conjurada a ameaça de revolução comunista, da qual o incendio do Reichstag devia ser o signal"; não paira duvida a esse respeito: "o incendio corresponde exactamente ás instrucções que foram encontradas na casa de Karl-Liebkerecht... (o processo não fixou tal impressão de certeza). Então começa, sob a direcção de um "leader genial", a edificação do III Reich, revolução de que muitos desconhecem o alcance, porque ella se operou sem combate e ondas de sangue: o que parece incrível no estrangeiro; também os relatos das crueldades que espalham os judeus e os marxistas emigrados encontram ouvidos complacentes". (Sim, mas o historiador deverá negar os factos estabelecidos por testemunhas idoneas ?)

#### *Thema de política externa*

No ponto de vista dos relatos franco-alemães, o thema de política externa merece ser examinado de mais perto. Elle é, como o precedente, de grande simplicidade e, pois, de grande efficacia pedagogica.

A historia do após-guerra é a historia da "pavorosa oppressão" do povo alemão pelos seus vencedores, pela França, sobretudo, — oppressão organizada "com uma crueldade sem véos".

O armistício, antes do mais: em face de Erzberger, que não está á altura da sua missão, "o general Foch encarna uma politica de força brutal... As condições (impostas) são as mais brutales que jamais tenham sido impostas a um povo após um combate honroso".

Dirigida pelas Quatro, "a se-dizente Conferencia da Paz" faltou ao seu dever para com a humanidade; deixou-se dominar pelo "odio, o egoismo e a incapacidade".

O art. 231, esta accusação inaudita contra um povo de 60 milhões de almas, foi estabelecido em uma comissão composta de um tenente-coronel canadense, de um presidente do Conselho neo-zeelandez, de um capitão francez e de um diplomata grego... Não ha palavras bastante fortes para estigmatizar esse crime para com o nosso povo, para com todos os nossos mortos da Guerra".

O Diktat de Versalhes é "uma obra má, nascida do odio, do espirito de vingança e, além disso, da politica tradicional dos homens de Estado francez... do espirito de mercantilismo e de lucro... Em todas as suas clausulas, não ha mais que insensatez, incompreensão e iniquidade... sem respeito á nacionalidade (Wolkzugehörigkeit) arrancam-se á Alemanha os Alsacianos-Lorenos, os habitantes das regiões de Memel, de Dantzig, da Prussia occidental, de Posen (etc.) ... Interdiz-se a volta da Austria á patria alemã..."

Com violação dos 14 pontos, a Alemanha é despojada de suas colonias. "TODOS OS REGULAMENTOS TERRITORIAES CONSTITUEM UM ROUBO DE SANGUE E DE SOLO ALLEMAES... Elles cream uma Europa cujos novos Estados sobrecarregados com esses roubos não acharão a paz antes que esses roubos tenham sido reparados..." Quanto aos plebiscitos, "nenhum foi feito em condições de neutralidade verdadeira"; para a Alta-Silesia "a decisão da Conferencia dos Embaixadores redundou num dilaceramento insensato".

O autor não deixa de insistir na occupação do Ruhr; consagra-lhe dez paginas: "A politica franceza não visa, nem mais nem menos, senão a dominação final da Allema-

nha e da Europa central". Para applicar esta politica de violencia, a França emprega, sobretudo, tropas de côr. *Estimulados por seus chefes, os soldados commettem actos que, segundo a expressão do chanceller Cuno, evocam os tempos da guerra dos Trinta Annos*".

Alberto Leo Schlageter, condemnado á morte pelos francezes por ter feito saltar a ponte de Calcum foi "tratado na prisão, da maneira mais cruel"; sua execução é o resultado de u'a manobra parlamentar; é um heroe, "*o primeiro soldado do III Reich*". Os separatistas rhenanos foram juntamente mortos: "*Justiça popular, justiça de Deus*".

Segue-se um breve quadro da situação geral fóra da Allemanha: a Italia fascista, sózinha, obtem uma menção honrosa; "na Russia, Lenine e o judeu Braunstein-Trotsky realizaram a dictadura do proletariado... a revolução marxista russa é a mais sanguinolenta que a historia conhece... Ella leva ao combate contra o que era até ao presente o fundamento da vida: a Igreja, a Família, a Sciencia... Tem-se o direito de dizer que a Russia se destaca da Europa e se volta para a Asia..." a Inglaterra tirou grande proveito da guerra "*apropriando-se das colonias alemãs*" e eliminando a concurrencia alemã; "sua posição no mundo parece inabalavel, mas é apenas uma apparencia"; a dominação ingleza está por toda parte em difficuldades, sobretudo na Índia; a França exerce "*uma incontestavel hegemonia no continente europeu*", sua organização militar foi alargada, seu exercito reforçado pelas tropas colonias; "o governo francez apaga toda differença entre o Branco e o homem de côr; não tem consciencia da traição que commette para com a raça branca". Por medo da Allemanha, a França se oppõe a Anschluss, apoia-se num grupo de satelites (Trabanten).

O plano Davers faz da Allemanha "*uma especie de China ou de Estado colonial semiautonomo*". Locarno é o triumpho da politica franceza de segurança: "*Seis novos tratados para consolidar o Diktat de Versalhes!*"

A Allemanha entra na S. D. N., mas é para se pôr sob a notoriedade da "Entente". Em 1929 ainda, na Conferencia de Paris, as exigencias dos Alliados são "insensatas";

quer-se pôr economicamente a Allemanha de joelhos"; o plano Young, que é, finalmente, acceito, não vale mais que o plano Dawes. A evacuação da Rhenania se faz, mas é comprada muito cara". A questão das reparações é, emfim, liquidada na Conferencia de Lausanne, mas "o parographo do tratado aureo das responsabilidades da Allemanha, permanece immutavel".

Entretanto, máu grado as estipulações do tratado de Versalhes e o desarmamento da Allemanha, dão em nada. "*Os representantes da França armada da cabeça aos pés não têm vergonha de representar a Allemanha desarmada como fazendo grandes preparativos e avida de combater... Elles se servem de peças falsificadas que foram transmitidas pelos marxistas e pelos pacifistas alemães*". (Uma carta nos mostra a Allemanha desarmada: 100.000 homens de tropas, rodeado dos exercitos belga, francez, 612.000 homens em pé de paz, 4.100.000 homens em pé de guerra, italiana, tchecoslovaca, polaca).

Em vão, depois da revolução hitleriana, o Führer proclama seu desejo de paz, procura entabolar negociações directas com a França: "*a imprensa franceza exige a guerra preventiva*", "*a demonstração mais clara de uma politica de paz é sem effeito num mundo excitado ao odio pelos judeus pelos Marxistas*".

Já que se obstina em não lhe fazer justiça, a Allemanha deixa a S. D. N. (Sociedade da Liga das Nações). Não cessou, entretanto, de respeitar os direitos das outras nações; apesar das accusações irrogadas contra ella, o governo nazi "*absteve-se de toda intervenção na Austria*". "Hitler se volta para os antigos combatentes", a estes compete entenderem-se "*para que jamais o egoismo capitalista precipite os povos brancos uns contra os outros*".

#### IMPRESSÃO PRODUZIDA NUM HISTORIADOR SEM PRECONCEITO

Neste resumo lardeado de citações, terei em deformado o pensamento do auctor? Não o creio. Tentarei agora

fazê-lo compreender tudo que nos choca, aquelles mesmo dentre nós que julgaram mais severamente os tratados de paz, a occupação do Ruhr, o artigo 231, e que luctaram, com todas as suas forças, para que a questão das origens da guerra fosse transportada do terreno politico para o terreno scientifico (donte ella jamais devera sahir).

Para que? Seria demasiado longo e, sem duvida, inutil.

Seria demasiado longo igualmente salientar as lacunas, as inexactidões, as contradicções. Não é aqui, o lugar de emprehender uma mimosa discussão historica. Reserve-me para precisar alhures as liberdades que a historia allemã e o ensino (novo estylo) tomam com a verdade.

Por agora, limitemo-nos ás verificações mais urgentes.

A primeira é que toda essa demonstração pecca pela base. Com effeito, quaesquer que tenham sido as exigencias e os rigores (digamos mesmo as injustiças) da politica franceza para com a Allemanha, a simples honestidade exige que a Allemanha primeiro se controle a si mesma. A "brutalidade" franceza foi um reflexo, uma reacção instructiva, contra a anterior brutalidade allemã. A França, magoada e exangue após quatro annos de uma luta mortal, seu sólo devastado e desnudado, uma parte do seu povo sob o jugo desde 1914 (quantos civis francezes fuzilados ou deportados?), a devastação systematica — verdadeira "orgia de destruição" — disse Ernest Junger — perseguida até os ultimos dias da guerra, as minas do Norte dynamitadas, inundadas entre 6 e 11 de outubro de 1918, perdas, ruinas irreparaveis, as despesas e os danos de guerra sommando-se por centenas de milhares e, em frente ao vencedor, o vencido desfallecendo elle proprio, mas cujo solo e capital industrial permaneciam intactos: eis o que cumpre se comece a dizer á juventude allemã, e o que se lhe não dirá.

A segunda verificação, mais grave ainda, é que o ensino hitleriano contradiz formalmente as declarações officiaes de Hitler. "Entre a França e a Allemanha" (disse Hitler), "eu afirmo que não ha mais nenhuma questão territorial. Cem

vezes, disseram Hitler e seus logar-tenentes, propuzemos a paz á França. E, entretanto, toda a juventude allemã deve aprender que "*sem respeito á nacionalidade, os Alsacios-Lorenos foram arrancados*" á patria allemã, que a politica de Locarno é a obra de um mau allemão que trahiu a sua raça, que "todos os regulamentos territoriaes de Versalhes são um roubo de sangue e de solo allemães"; que não ha paz possivel na Europa, "*tanto assim que esses roijões não terão sido reparados*". Eis ahi duas linguagens bem differentes, com toda a evidencia, o segundo destróe o effeito do primeiro.

Chego assim a uma derradeira e penosa verificação: a saber, que, mau grado o "complet" final acerca da necessidade de união "entre os povos de raça branca", todo esse ensino é, conscientemente ou não, impregnado da psychose da guerra, e tendo, necessariamente, a impregnar della a juventude allemã. Ainda o livro de M. Edelman é de um tom relativamente moderado. Pode-se julgar por ahi o que são os outros. "A politica de paz de Hitler (escreveu o mestre allemão) é sem effeito num mundo excitado ao odio pelos judeus e pelos marxistas". A verdade é que cumpriria dizer: "A politica de paz (sem mais nada) é sem effeito num mundo excitado ao odio pelos educadores".

Achar-se-á entre nós pessoas — já se encontram algumas — para querer oppor fanatismo a fanatismo. Preliminarmente, tenho que protestar contra uma tal ut'lização deste artigo. As tendencias do ensino hitleriano são um facto que temos o direito de ignorar, que não temos, outrosim, o direito de explorar para servir tal ou tal empresa de chauvinismo (o chauvinismo tem demasiadas responsabilidades neste negocio). Não é um exemplo a ser imitado, como se nos propõe (de muito alto). O conhecimento que delle tomamos deve fortificar, ao contrario, nossa vontade de permanecermos fieis á sã tradição da pedagogia franceza, segundo a qual o espirito nacional pôde e deve conciliar-se com o senso do humano e com a religião do verdadeiro.

# Contribuição para o ensino da Escripta nas escolas primarias

Ormindia Isabel MARQUES  
(Assistente da Secção de Pratica de Basilio da  
Escola de Professores)

## I — O PROBLEMA

### 1 — A calligraphia em nossa época

"Nossas creanças escrevem, hoje, muito peor que dantes" disse Robert Dottrens (1), referindo-se ás creanças da Suissa. Não caberia a mesma observação para os nossos escolares? Em nossas escolas, hoje, as creanças não escrevem tambem peor que dantes? Por certo que sim, como todos os professores de longo tirocinio percebem, e como as observações, que colhemos, revelam. Podemos lamentar o facto, mas não o podemos negar.

Para essa decadencia ha uma causa unica, ou varias? As causas são varias, muitas mesmo, e de diversa natureza. Se não, vejamos. A calligraphia é uma arte. Consequentemente, depende do tempo de execução; a civilização apresada, a mudança rapida que tudo attingiu, trouxe-nos o "core-corre" da vida moderna. Mais ainda: o progresso da humanidade, seus inventos, os novos meios mechanicos da escripta, como a typographia, a machina de escrever, representam, por certo, das principaes, entre as mais importantes, das causas da decadencia da boa escripta.

(1) DOTTRENS, Robert, *L'enseignement de l'écriture*, 1931.

Occorrem-me aqui as palavras que me disse, ha uns quatro ou cinco annos, um alumno particular, quando em aula:

— "Você hoje vae ficar muito contente commigo. Li muitas historias, fiz um recorte, tambem fiz o problema... E, continuando, com o mesmo ar alegre: Só não fiz a escripta...

— Por que, Robertinho? perguntei-lhe.

— Não preciso mais apprender a escrever. Papae me deu uma machina muito boa".

A machina começava a dar á creança a idéa da relatividade do valor do trabalho manual directo.

Ha, porém, outra causa, não menos importante: a escola primaria deixou de ser apenas a escola de ensinar a ler, escrever e contar. Ella não é hoje, sómente, a escola preocupada com essas technicas fundamentaes; é, no momento, um centro de cultura e socialização, com encargos cada vez maiores, mais complexos, mais elevados. Novas e multiplas são as exigencias do curriculo intra e extra-classe. "A escola deve fornecer a cada individuo os meios de participar plenamente, de accordo com as suas capacidades naturaes, na vida social e economica da civilização moderna, aparelhando-o, simultaneamente, para comprehender e orientar-se dentro do ambiente em perpetua mudança, que caracteriza esta civilização". (1).

E o dia escolar? Tambem mudou. Mas, infelizmente, para menor. A fim de attender ás necessidades do crescimento rapido da população, á falta de predios escolares, o dia escolar ficou reduzido a tres horas de trabalho. As escolas, em quasi sua totalidade, estão funcionando em dois e tres turnos.

Parecem-nos estas as causas de ordem geral, que têm contribuido, não diremos para o descuido, mas, para a restrição do tempo e da attenção devida ao problema da es-

(1) TRIXEIRA, Anyalo — *O Systema Escolar no Districto Federal*, 1932.

cripta. Mas, ensino moderno e letra má devem andar sempre juntos? Será que o ensino moderno não comporta a exigência de uma boa letra?

E' verdade que a didática da escripta está bastante sacrificada pelas novas exigencias do curriculo; e estas, todo professor procura prestar a maior attenção; por estas, todo professor tem o maximo interesse, a fim de attingir melhor adaptação dos principios da escola progressiva. Só a escripta estará sendo esquecida? A escola nova não deverá tambem exigir uma didática racional da escripta?

Parece-nos que sim. A escola renovada ou progressiva teve deante de si innumerables problemas, de toda a ordem. Devemos esperar della, a resolução do problema da escripta, tambem em novas bases, com attenção a uma justa finalidade social.

## 2 — Importancia da boa escripta

Mas, a calligraphia, ou a boa escripta, constituirá ainda uma exigencia social, que a escola primaria deve encarar? Certamente. E por que?

Em primeiro lugar, *como fim em si mesma*. A vida moderna não prescinde da escripta clara, legivel, rapidamente feita. Em segundo lugar, *como processo educativo*. Não podemos deixar de reconhecer a influencia da boa escripta, como factor de educação artistica na creança: ella aprimora o gosto, dá prazer esthetico, precioso á educação sentimental, e mais ainda, permite a manifestação da personalidade.

E tanto é assim que, mesmo nas escolas mais avançadas dos Estados Unidos e dos principaes paizes da Europa, cuida-se seriamente do ensino da calligraphia. Encontramos Lister, Palmer, Ayres, Thorndike, Freeman, entre os americanos, appresentando-nos interessantes trabalhos já realizados e registando os melhores resultados; na Allemanha, podemos citar Kuhlmann; na Austria, Langer e Legrün; na Suissa, Hulliger, Dottrens, e outros.

O problema da calligraphia, como boa escripta, é hoje, porém, tratado não mais com a finalidade que teve outrora;

podemos dizer que os objectivos do ensino da calligraphia tambem mudaram. Assim, no momento, os objectivos da calligraphia são estes:

a) — *Como meio de communicação exige legibilidade, isto é, clareza, uniformidade na inclinação, nas ligações e nos espaçamentos, permitindo leitura facil e rapida.*

A escripta é um meio de communicação que o homem possui, tão importante, ou mais que o gesto, a linguagem, o desenho. A palavra foge como o pensamento, a escripta fixa a palavra e o pensamento, para repetir E. Seguin.

A escripta não tem outro fim senão o registro de alguma coisa que vae ser lida; não escrevemos senão para que sejamos lidos; por conseguinte, a calligraphia ensinada não deve ter apenas a preocupação de belleza, mas, sim, a de prestar-se a leitura rapida.

Não visando a calligraphia apenas belleza, não deve tambem se reduzir a hieroglyphos imaginados pelo capricho de um individuo — o que difficultaria a leitura. "Si minha escripta não pôde ser lida por meus semelhantes, ou relida por mim, meu esforço é inutil", — já disse alguém.

E' preciso escrever de modo que os outros leiam com facilidade, e não sintam a actividade mental dividida entre a decifração das palavras e o seu conteúdo.

b) — *A escripta exige rapidez, velocidade, para que possa attender ás exigencias da vida moderna, em que o factor tempo é capital.*

Tambem na escripta temos que ganhar tempo. Tudo marcha rapidamente. O rythmo, que temos de obedecer, vindo a vida moderna, é sempre e cada vez mais acelerado. Nos primeiros annos de escolaridade, attendendo a essa crescente solicitação de efficiencia, é que devemos preparar a creança para mais feliz e mais segura partida. O ensino da escripta, como uma das technicas elementares da escola primaria, deve ser tambem moldado sob a preocupação do tempo; a escripta deve ser feita sob a preocupação de maior velocidade. Além disso, do ponto de vista puramente intel-



lectual, é certo também, que a habilidade de quem escreve deve permittir tal velocidade que não perturbe o processo de pensar.

c) — *Pela disposição elegante, e certa liberdade de execução, a escripta, ainda hoje, concorre para a educação artistica, e como tal, deve ser encarada na escola.*

A escola primaria tem muito maior influencia na educação esthetica do que podem pensar alguns, e o ensino da escripta, bem comprehendido e orientado, poderá concorrer nos primeiros annos de vida da creança para despertar-lhe o sentimento do bello. Ninguem também contestará o auxilio que, á leitura, presta uma boa disposição do trabalho escripto.

Segundo, pois, esses novos objectivos geraes do ensino da calligraphia, visando a clareza e velocidade, e desenvolvendo o gosto esthetico, vemos postos á margem o *calligrapho* de outróra, isto é, o “mão de letra”, e assim, abandonados os typos trabalhados do seculo XVIII. Mas, a exigencia da boa letra continua a existir, embora calcada, nos moldes novos que nos prepara o interesse da vida progressiva de hoje. Exige-se da escola, para uma vida mais moderna, uma escripta também mais moderna.

A importancia da boa escripta é de tal ordem, que seus objectivos têm sido appresentados sob as maiores minucias, e analysados pelos mais competentes pedagogos. Tanto é assim, que encontramos no IV Annuario do Departamento da Superintendencia da “Nacional Education Association”, publicação recente, os seguintes fins ou objectivos da escripta:

1) Desenvolver sufficiente habilidade nos alumnos, de modo que consigam escrever facil, legivel e tão rapidamente, quanto o exijam as necessidades do momento e os requisitos sociaes;

2) Dar á creança os methodos de trabalhos com os quaes ella possa intelligentemente resolver seus problemas de escripta;

3) Diagnosticar as difficuldades individuaes no escrever;

4) Ajudar a creança a reconhecer e a fazer uso de suas capacidades individuaes de aprender;

5) Realizar experiencias que tendam a desenvolver, na creança, maior poder de dirigir sua propria pratica, e, mais ainda, habilidade em julgar se ella está, ou não, alcançando exito nessa pratica;

6) Ministras os meios, a cada individuo, para que elle possa progredir até a sua maior velocidade;

7) Desenvolver uma apreciação da relação entre o ajustamento correcto do corpo e a produção efficiente da escripta;

8) Garantir como habituaes, convenientes disposições e forma do trabalho escripto (margens, espaços, etc.);

9) Desenvolver, como necessidade social, o uso da habilidade attingida em todas as situações da escripta;

10) Treinar os alumnos para que sejam capazes de escrever, ao fim do 6.º gráu, na qualidade 60, ou melhor (escala de Ayres), e a dar uma velocidade de 70 letras por minuto, no minimo.

Deante desses objectivos que devem ser visados no ensino da escripta, poderemos negar a importancia da calligraphia, como problema escolar? Parece-nos que não. E, assim, interessava-nos examinar o problema, em nosso meio escolar.

### 3 — *A calligraphia nas escolas do Districto Federal*

Em nossas escolas primarias, no Districto Federal, a creança, embora sem estudos especiaes de calligraphia, recebe, a influencia da boa letra da professora. E' que na antiga Escola Normal, a calligraphia era uma das disciplinas, exigidas no curso. Obrigada a exercicios seriados e systematicos, acabava por conquistar boa letra. Adoptava-se o systema Figueras: “A calligraphia como arte, que ensina a fazer, com elegancia e rapidez, os caracteres cursivos, e dá a conhecer a origem, forma e propriedades das letras”. Seguia-se uma methodologia mui particular do dedicado crite-

drático, Professor Narciso Figueras, que chegou a publicar, em 1897, um "Tratado theorico-pratico de calligraphia moderna".

Ainda hoje, professores desse tempo, lembram-se das exigencias da disciplina... O alumno adquiria *letra bonita*, com o sacrificio de horas do dia, consagradas aos exercicios especiaes, ás exigencias rigorosas do systema. Basta citar aqui, os *attributos* exigidos, isto é, as "qualidades indispensaveis a toda escripta ou trabalho calligraphico, para que se considere como obra artistica, apreciavel pela elegancia e pureza de estylo: firmeza, desenvolvimento, convicção, correção, proporção, direcção, talhe, parallelismo, limpeza, gosto e desembaraço".

Em o anno de 1904, aboliu-se o systema Figueras. Adoptou-se, na Escola Normal, a calligraphia do typo vertical, dando-se aos alumnos relativa liberdade de letra. Voltou depois a ser usado o Systema Figueras, para ser abolido em 1915, quando se retirou o ensino da calligraphia dos programmas da extincta Escola Normal.

Pouco e pouco, salvo raras excepções, desapareceu da escola primaria, o professor que, graças a um ensino especializado, podia dar a seus discipulos o *modelo de uma boa letra*.

Certamente, em muitas escolas, continuou a existir a preocupação da calligraphia. Mas, como ocorreu nos Estados Unidos, seguindo a observação de Lister, o typo vertical, pela sua rigidez, provocou uma reacção de excessiva indisciplina no escrever. Ainda mais. Se a nossa creança escreve com letra bonita, em calligraphia vertical, com uniformidade e com clareza, não o faz rapidamente; se escreve com certa velocidade, muito perde o trabalho em legibilidade. E' o que demonstra a observação diaria, por parte de qualquer professor.

Talvez, ainda hoje, para muitos a *boa escripta*, a escripta clara e veloz, seja preocupação de somenos. Hulliger clama, com a maior energia, contra essa concepção, dos que consideram a escripta como ramo secundario de ensino.

A escripta é um instrumento indispensavel, não tem substitutivo, embora existam as machinas de escrever; a boa

escripta ainda constitui uma das exigencias de determinadas profissões: commercio, notariado, magisterio, etc. Consequentemente, a *boa escripta* deve ser um dos ensinamentos profissionais que a escola primaria deve dar, e dar com interesse.

Não póde, pois, a escola primaria descuidar-se do problema, despreoccupar-se com o ensino da escripta, que outrora tanto desenvolvimento alcançou.

Podemos aqui repetir as palavras de Simon, em seu livro "Pedagogie Experimentale": "Estaria assim justificado que nos occupassemos deste assumpto, embora menosprezado no momento actual; e, ainda que a escripta não nos offerecesse um interesse psychologico especial, e para a pedagogia experimental um campo já amplamente explorado e de bons resultados".

Mas, como orientar o novo ensino da calligraphia? Como dar a technica de escrever, as qualidades modernas de clareza e velocidade?

O gosto esthetico de nossos dias, de facto, não mais permite a insinceridade do adorno superfluo no decorativo; sentimentos que a "arte contemporanea aprecia, como estylização a simplicidade, a execução elegante, facil, sem complicações"; o talhe da letra antiga não nos dá o desembaraço e a rapidez que as necessidades do momento exigem. Nossos dias não permitem mais a *escripta por pressão*, pressões intermitentes, como requer o talhe da calligraphia antiga, hoje substituida pela *escripta por tração*, que leva a pena a deslizar sobre o papel mais facilmente, mais rapidamente, tornando a letra clara e legivel. Os novos processos americanos, hoje francamente melhorados, pelos estudos e experiencias de Freeman, e que crearam a calligraphia muscular, baseada, aliás, na inclinação, e pela qual a boa escripta mais depende dos movimentos desembaraçados do ante-braço, levam longe a racionalização do ensino da escripta, sem deixar de attender á psychologia da creança.

Sinto muito melhorada a mu

Sinto muito : melhorada

Sinto muito melhora da minha caligrafia

Sinto muito melhorada

Sinto muito melhorada a minha

Sinto muito melhorada a minha caligrafia

Sinto muito melhora da a

Sinto muito melhora da a

Oito especímenes dos variados tipos de letra de alumnos das escolas primarias do Districto Federal. O material, para esta documentação, foi colhido em quatro grandes escolas de diferentes circumscrições escolares

Attentas as observações dos autores americanos que mais têm estudado o assumpto e que, desde 1914, pregavam a substituição da calligraphia vertical nas escolas de New-York (1), pela escripta inclinada, entendemos que seria in-

(1) *Grade Standards for the New York Penmanship Scale*, Publication n.º 18. Board of Education, City of New York, 1920.

teressante experimentar os systemas de calligraphia muscular na Escola Primaria do Instituto de Educação.

## II — RESULTADOS DE OBSERVAÇÃO E EXPERIMENTAÇÃO

### 1 — O problema na escola primaria do instituto de educação

Na Escola Primaria do Instituto de Educação, ao iniciarmos o anno lectivo, as condições do problema da escripta não poderiam diferir das demais escolas primarias. As creanças escreviam, certamente, como as outras creanças das outras escolas. Impressionou-nos esta observação: os alumnos escreviam com má letra — nem em typo vertical, nem sob uniforme inclinação, nem legível, e, quando escreviam claro, só o conseguiam vagarosamente. Surgiu, pois, como problema que a todos interessou, a preocupação entre as professoras de conseguir de seus alumnos:

a) escrever claro, legível;

b) escrever com rapidez, com velocidade, não desprezando a boa disposição e correção dos trabalhos.

Em o 1.º anno, o ensino da escripta ficou restricto propriamente á sua aquisição, isto é, foi feita por simples imitação; a partir do 2.º anno o ensino foi dirigido, principalmente, no sentido do aperfeiçoamento de uma technica apenas iniciada, procurando alcançar o maximo de clareza e legibilidade, ao lado da maxima velocidade, mas, ainda com base na imitação.

Se o problema estivesse resolvido entre nós, isto é, se tivéssemos um estudo moderno de calligraphia, facil seria a nossa tarefa. No entanto, tivemos ainda de observar e experimentar, tanto em nossa Escola, quanto em outras escolas primarias. Direi melhor: *tivemos de observar escriptas, vêr escrever.*

Assim, pois, começámos colhendo nas classes as primeiras escriptas das creanças, observando-lhes as falhas, proveendo reacções que nos pareceram mais indicadas.

## 2 — Uma experimentação com a calligraphia muscular

Influenciada pelas leituras feitas em relação as vantagens da calligraphia muscular, levada pelos resultados já aferidos pelas experiencias de Lister, Palmer, Ayres, Thorndike, Freeman — professores americanos que, segundo referencia anterior, se têm preocupado, ultimamente, com o ensino da escripta, iniciamos, em Maio, junto de nossos alumnos uma experimentação com a calligraphia muscular.

Não foi, talvez, senão uma primeira experiencia, conduzida ainda com hesitações. No entanto, deixou farto material de estudos, e apresentou inumeras e interessantes oportunidades para observação.

A que chamamos *calligraphia muscular*? Quaes as vantagens que podemos esperar de sua adoção?

A calligraphia muscular é a calligraphia baseada nos movimentos ritnados do ante-braço; letra inclinada e sem talhe. E de sua adoção pôde-se esperar uma *boa escripta*, isto é, uma escripta clara, legível e rapida.

Calligraphia parecida já fóra ensaiada antes da calligraphia muscular, na maioria das escolas americanas, e surgiu, entre nós, em S. Paulo, atravez do trabalho adaptado por Horacio M. Lane (American Book Company — New-York — "Novo Systema de Calligraphia", 1894). Ainda em S. Paulo, 1926, por iniciativa do professor Alfredo A. Anderson, deão do curso comercial do Mackezine College, é experimentada a calligraphia muscular, segundo a seriação de Lister. Não foi, porém, ao que me consta, introduzida, adoptada em nossas escolas publicas, quer em S. Paulo, quer nas do Districto Federal.

Podemos, pois, dizer que a calligraphia muscular está sendo pela primeira vez ensaiada no Districto Federal, atravez da experiencia que vimos fazendo na Escola Primaria do Instituto de Educação.

Começamos nossa experiencia applicando, cautelosamente, em algumas classes, o que vimos indicado na seriação de Lister.

A calligraphia muscular, por sua finalidade, clareza na escripta e velocidade no escrever, consegue do alumno:

- a) uniformidade no tamanho das letras,
- b) uniformidade nas ligações das letras entre si,
- c) educação dos movimentos do ante-braço, attendido certo e determinado ritmo.

Embora tomando como base de nossa experiencia os exercicios de Lister, o alphabeto preferido foi o de Palmer — por sua maior simplicidade, por sua maior naturalidade (diferentes apenas algumas letras), e adoptado em toda Escola. O modelo de Palmer foi apresentado em avulso ás Sras. Professorras, ás quaes coube a tarefa de se exercitarem na pratica corrente e livre desse alphabeto.

Segundo o que dissemos atraz, em o 1.º anno, o ensino da escripta devia limitar-se propriamente a sua aquisição, por simples imitação; no 2.º, 3.º, 4.º e 5.º já o ensino devia ser dirigido no sentido do aperfeiçoamento. Entretanto, em nossa experiencia, mormente porque as nossas creanças do 2.º anno trouxessem do 1.º anno essa aquisição com muitas falhas e imperfeições, resolvemos que só com os alumnos nos tres ultimos annos experimentassemos o ensino seriado ficando aos do 2.º, bem assim aos do 1.º, apenas o ensino por simples imitação. Esperamos, porém, em o proximo 1934, digir o ensino da escripta no sentido do aperfeiçoamento, a partir do 2.º anno.

Nas diversas turmas, cada alumno se preocupou em fazer uma pasta de cartolina, na qual tem colleccionado, em ordem chronologica, os exercicios feitos. Tambem foi adoptado o systema de bloco, e não de caderno, por favorecer a collecta do material para estudos e observações.

Em os dois primeiros mezes, os exercicios foram feitos a lapis, em todas as turmas; depois passaram a escrever a tinta os alumnos de 3.º, 4.º e 5.º annos. Os exercicios calligraphicos foram diarios na maioria das turmas, embora devessam ter sido diarios em todas.

- a) Eu vou comprar um livro; o nome do livro é "antes e depois"  
 b) sinto muito melhora da minha caligrafia.  
 c) Neste carnaval brinquei mais do que o outro  
 d) sinto muito melhora da minha caligrafia

Escreptas de alumnos da Escola Primaria do Instituto de Educação, antes e depois de exercicios systematicos de calligraphia muscular: a) e b) escripta do alumno E. S., do 2.º grau, em março e agosto de 1933; c) e d) escripta da alumna M. A. G. B., do 3.º grau, em maio e agosto no mesmo anno

No 1.º e 2.º annos, as aulas foram de 15 a 20 minutos, nas turmas do 3.º, 4.º e 5.º já foram de 30 minutos, devendo sempre a professora evitar o trabalho com alumnos fatigados, a fim de impedir attitudes más para com a disciplina. O typo de letra adoptado foi exigido em todos os trabalhos escriptos, e isto porque "não se transferem as attitudes quando especificas, só se transferem quando geraes, isto é, quando ellas passam a ser um collorido de todo o trabalho, de toda a personalidade". (1).

*Fundamentos do Systema Lister* — Em que consiste o ensino da calligraphia muscular? De que consta a seriação de Lister?

E' principio fundamental do Systema Lister, como do de Palmer, a applicação do ritmo, ao exercicio da escripta.

Podemos mesmo concordar com esta affirmativa referente ao principio do ritmo: "E' o verdadeiro ovo de Colombo do systema". Além do ritmo, tambem considerámos alguns de seus exercicios indispensaveis, tais como o treino de movimentos do ante-braço, da mão e dos dedos. As vantagens desses movimentos tem sido muito contestadas; entretanto, as experiencias de Freeman confirmam seu valor. Affirmam alguns, apenas necessarios os movimentos do ante-braço e acham fatigantes os movimentos dos dedos. São, porém, muitos os movimentos a serem automatizados e combinados. Freeman cinematographou as mãos de grande numero de adultos e creanças que escreviam, e suas conclusões asseguram que a *boa escripta* não dispensa a coordenação dos movimentos, não só do ante-braço como de mãos e dedos. Não é bastante, pois, apenas o movimento do ante-braço. A fadiga dos dedos é talvez mais por excesso da força daquelles que estão apprendendo a escrever.

Não nos ficaram duvidas, portanto, em relação ao valor dos exercicios seriados, como por exemplo, dos de Lister.

Foram dados, então, como fundamentaes, os seguintes exercicios de Lister:

(1) LOURENÇO FILHO. *Notas de aula*, 1933.

- I — Traçado de linhas inclinadas, muito juntas, tomando duas pautas do papel commum, contando-se 1.2, 1.2,...
- II — Traçado de ovaes — primeiro da esquerda para a direita, depois da direita para a esquerda, também sob a mesma inclinação do I exercicio bastante juntas e occupando duas pautas do papel commum contando-se 1.2, 1.2, 1.2,...
- III — Traçado de grupos de ovaes — seis ou oito, por exemplo, cuja direção deve ser antes marcada por grupos também de linhas inclinadas (em torno das quaes é feito o traçado das ovaes), contando-se para cada grupo, quer de ovaes, quer de linhas inclinadas 1.2.3.4...
- IV — Traçado de linhas curvas, occupando apenas meio espaço de pauta commum, verdadeiro traçado da letra *u*, continuamente, sob o mesmo rythmo 1. 2. 1. 2....
- V — Traçado de alças, como exercicio anterior, occupando meio espaço da pauta commum, verdadeiro traçado de *e* seguidamente, e sob o mesmo ritmo 1.2, 1.2,...

Como finalidade desses exercicios, reconhecemos que as creanças conseguiram a respectiva inclinação, espessura e leveza de linhas, e, sobretudo, por meio desse exercicio de movimento, os alumnos adquiriram um jogo facil e livre da mão e do ante-braço. Dahi, indispensavel fazer realizar esses exercicios com certa rapidez e sem levantar o lapis ou a pena do papel. Já ao inicia-los, o professor deve fazer que os alumnos sintam que todo traçado deve ser leve, sem talhe, e, bem assim, que elle proprio deve marcar o ritmo, a principio lento, depois, pouco a pouco, convenientemente acelerado.

Outra preocupação muito especial de Lister é, não só a posição daquelle que escreve, ou melhor, a posição do corpo daquelle que a escreve, a posição do papel e a da caneta ou do lapis, como a de fazer que o iniciante pratique determinados *exercicios preparatorios*, antes de utilizar o lapis ou caneta.

Em nossa experimentação, demos também especial atenção:

- a) á posição correcta do corpo;
- b) á posição correcta do papel;
- c) á posição da caneta;
- d) aos exercicios preparatorios, que devem anteceder o uso do lapis ou da caneta.

Adoptando como necessarias taes indicações, estou certo de que ellas podem parecer criticaveis aos professores que entendem ser o ensino renovado inteiramente livre. Tudo, porém, estará na maneira de orientar o ensino e de *motivar* os exercicios e attitudes convenientes.

Conquistada uma melhor attitude da classe, em relação aos cuidados para com a escripta, poderemos permittir ao alumno maior liberdade de posição, quer em relação ao corpo, quer em relação, ao material que tenha de usar.

Experimentámos os conselhos de Lister e fizemos depois, com os alumnos, os exercicios fundamentaes já referidos. Em as primeiras aulas, não conseguimos senão trabalhos muito irregulares, vacilantes, e relativamente linhas muito separadas. Entretanto, em breve, as creanças mais habilitadas já começavam a se sentir capazes de fazel-os perfeitos: não se trata senão da conquista de uma technica motriz, e só pela repetição se pôde conseguir o melhor, desde que o interesse tenha sido despertado. E, de facto, pela repetição, os alumnos, em maioria, conseguiram, em um espaço de mais ou menos 30 millimetros, segundo advertencia de Lister, fazer cerca de 100 elementos dos exercicios I e II, por exemplo.

De modo que a todos os exercicios de calligraphia é indispensavel a repetição, o treino, mas, como em qualquer outra aprendizagem, a repetição *com interesse*. Só ao professor cabe a responsabilidade do saber interessar o alumno. Aos exercicios de classe, deve elle saber dar o interesse de um verdadeiro jogo ou desporto: na calligraphia, como em todo ciclo de aprendizagem "aprende-se quando se pratica

com satisfação, com prazer; e mantém-se o aprendizado quando as reacções causam o efeito desejado e necessario". (1).

No proseguimento da seriação, tivemos occasião de fazer o estudo das letras, uma a uma, sempre precedido no exercicio fundamental de que as derivamos, sempre submetido seu traçado ao rythmo mais indicado.

Na applicação da seriação de Lister, estamos aperfeiçoando o ensino da escripta (legibilidade e rapidez, principalmente), não ensinando a escrever; por isso não nos parece condemnado o estudo da letra isolada.

Logo, porém que a classe teve estudadas algumas letras, foram ellas aproveitadas em palavras e phrases, tambem escriptas sob o rythmo que lhes marcava a professora, o que naturalmente deu maior interesse ao proseguimento da seriação. Mesmo porque o estudo das ligações é essencial — a letra isolada não tem valor em si; seu valor calligraphico está no conjuncto com as demais letras de que se constituem as palavras.

Os exercicios fundamentaes foram repetidos entremeados aos outros, para que pudessem ser acceitos com agrado pelas creanças.

Tivemos mesmo, em algumas classes, como suggestões de alumnos, interessantes exercicios de movimento, exercicios de treino. Uma alumna lembrou tambem, ao fazer o primeiro exercicio fundamental, que, ao envez de contar 1. 2. 3. 4. . . ., se fizesse o exercicios, pronunciando-se a seguinte phrase: "Este vai-vem é bom de se fazer".

O trabalho das aulas de calligraphia foi sempre associado ás actividades em que os alumnos estavam empenhados: compor um cartaz, traçar uma phrase como modelo para outra turma, porque se aprende, fazendo com necessidade.

Mais ainda á professora ficou a responsabilidade de conseguir o necessario esforço da classe, isto é, "continuidade, persistencia em face das difficuldades".

(1) LOURENÇO FILHO — *Introdução ao Estudo da Escola Nova* pag. 64. 2.<sup>a</sup> edição, 1933.

a) Minha casa tem um lago em que os patinhos

b) Carmen, Raemia e Tomas são irmãos

c) Escrevermos - lhe esta cartinha para lh

d) Carmen, Raemia e Tomas são irmãos.

Escriptas de alumnos da Escola Primaria do Instituto de Educação, antes e depois de exercicios systemáticos de calligraphia muscular: a) e b) escripta do alumno E. A. da S., do 3.<sup>o</sup> grau, em abril e novembro do mesmo anno.

No encarminharmos esta primeira experiencia, não deveriamos esquecer a creança em si mesma. Observamos que alguns exercicios, facilmente aperfeiçoados por alguns, não o eram absolutamente por outros. Nem todas as creanças têm a mesma capacidade, nem todas as creanças podem ter a mesma motivação. E examinados esses casos especificos, tivemos occasião de registar alguns defeitos physiologicos: defeitos visuaes, defeitos mesmos de paralyas parciais etc., para os quaes tivemos necessidade de recursos tambem especiaes, ao lado certamente, dos conselhos e principios da psychologia infantil, que deve, sobretudo, ser o nosso principal guia em todo e qualquer estudo de educação correctiva. Assim, se este alumno está escrevendo mal, o professor não pôde deixar de estudar, indagar as causas — serão causas physicas? serão psychicas? Identifica-las com certa segurança e presteza, é indispensavel ao verdadeiro professor. Já ha, como resultado de estudos especiaes, testes para diagnosticar esses defeitos a fim de ser iniciado o tratamento mais indicado. Tivemos occasião de encontrar creanças canhotas: deixamol-as escrevendo com a mão esquerda, o que é hoje mais aconselhavel, mormente quando a creança manifeste perturbações da linguagem, mesmo pequenas (1).

Mas, como iam nossos alumnos verificando seu progresso diario? De quando iam melhorando em qualidade seus exercicios? E só em qualidade melhoravam? Ou já se lhes notava maior rapidez no escrever? A apreciação, o julgamento pessoal tornava-se falho e não satisfazia. Seria indispensavel medir *quantitativamente* a qualidade e a velocidade dos trabalhos feitos nas diversas turmas da Escola.

Em geral, pelo que já temos verificado, as correlações entre velocidade e legibilidade têm sido minimas. Não podemos deixar de registar que um alto indice de legibilidade importa até certo ponto, em diminuição de velocidade; bem assim, elevado grau de velocidade traz certa diminuição de legibilidade.

(1) GARRISON and GARRISON — *The Psychology of Elementary School Subjects.*

*Medida da qualidade* — Afim de julgar, tão objectivamente quanto possível, da qualidade da escripta realizada pelos alumnos, independentemente de influencias pessoas dos julgadores, adoptamos nas diversas turmas a escala-padrão de Lister e Ayres. Esta escala, bem assim a de Thorndike, na actualidade universalmente conhecida, representam o interesse com que se empenham os laboratorios americanos para que seja conseguida uma *escala de escripta* de perfeição crescente, e que sirva como termo de comparação aos trabalhos em julgamento.

Diante da escala de Ayres e Lister, pôde o alumno, bem e facilmente, julgar seu proprio trabalho. Bella occasião foi esta para o desenvolvimento do espirito de auto-critica dos nossos pequeninos escolares, passo firme para desenvolvimento da auto-educação. Mais do que isso, tivemos oportunidade de reconhecer o espirito de justiça que já apresentavam nossas creanças. Provaram-nos que sabem ter para consigo mesmas grande rigor de julgamento. Observamos ainda, que algumas que assim não procediam, em breve soffreram a influencia da maioria, influencia benéfica, e foram pouco a pouco enfileiradas na *galeria dos bons juizes*. Verificou-se mais uma vez que a auto-critica só pôde ser adquirida pela reacção social do grupo, isto é, pela aprovação ou reprovação social.

Afim de julgarmos do *resultado final* da experiencia que vinhamos fazendo, procurámos organiar uma escala-padrão, com o material colhido nas varias classes, seguindo a technica da escala de Thorndike. Tomámos uma mesma phrase escripta pelos nossos 419 alumnos. Distribuidos esses trabalhos em 8 grupos, por uma comissão especial de professoras da Escola, de cada um desses grupos foi seleccionada a melhor escripta. Em seguida essas 8 escriptas melhores de cada grupo foram dispostas em ordem crescente de perfeição, e constituíram a nossa escala-padrão provisoria, sob a qual foram julgados os exercicios feitos, como provas, nos mezes de abril, agosto, outubro e novembro.



*Medida de velocidade* — Ao iniciarmos a experiencia, pensavamos em dividir a aprendizagem em dois periodos; no primeiro, havendo apenas a preocupação da qualidade, escrever claro e legivel; no segundo, intensificar os exercicios de treino, no sentido de conseguir rapidez, escrever com maior velocidade possivel.

No entanto, ao observarmos o progresso dos nossos alumnos em relação á qualidade da escripta, tambem observavamos certo progresso na velocidade, que se desenvolvia naturalmente. E procuramos com o mesmo interesse, registrar os resultados em relação á velocidade que as creanças desenvolviam nas diversas classes. Tarefa facil, aliás.

Assim, em os mezes ds outubro, novembro e dezembro fizemos escrever, para verificação da velocidade, a palavra *calligraphia*, durante dois e cinco minutos; no mez de outubro, a palavra *ema*, durante cinco minutos tambem.

Essas provas demonstraram o valor dos exercicios dados nas diversas classes, indicados por Lister, para desenvolvimento da rapidez.

#### OBSERVAÇÕES PARTICULARES

I — Para observação mais acurada das vantagens da seriação empregada, fizemos que uma das turmas do 3.º anno, 3BX3, escrevesse apenas por *simples imitação*, enquanto outra, 3BY3, seguisse rigorosamente a seriação de Lister. Aquella seria, assim, uma classe teste-munho. Como era de esperar, a classe submettida aos exercicios da seriação apresentou maior desenvolvimento, tanto em qualidade como em rapidez.

Em os primeiros dias de outubro, a classe teste-munho foi iniciada na seriação, embora simplificada. Já no fim desse mez, verificava-se melhoria, accentuada de muito, em novembro.

II — Das observações diárias, registradas pelas professoras, notou-se que a turma de 3.º anno, submettida á seriação, apresentava, não só melhor aproveitamento, como

maior interesse que as de 4.º e 5.º annos, tambem submettidas á seriação.

Os alumnos destas ultimas classes apresentaram muito mais lento aproveitamento, quer em relação á qualidade da escripta, quer em relação á velocidade. Confirma-se o que nos diz a psychologia, em relação á "inibição de formação, por interferencia". A reaprendizagem é muito mais complexa, porque importa na inibição do que se aprendeu, para que a reaprendizagem se possa dar: ha necessidade de desaprender para novamente aprender.

III — Talvez fosse bastante interessante termos completado nossa experimentação, realizando copias na avaliação da velocidade.

Experiencias realizadas por Simon registam, entre os escolares que examinou, uma diminuição de velocidade, em media de 6 a 7 letras, para um minuto, desde que o exercicio tivesse sido feito por copia (1).

São aconselhados por laboratorios americanos, além das technicas já referidas, exercicios de treino, para desenvolvimento da velocidade, por meio de ditados anteriormente preparados. Cada trecho será dictado segundo sua extensão, em tantos segundos quantos correspondam á velocidade média da classe.

IV — No decorrer de nossa experiencia, não sentimos necessidade de *incentivos* dos que vimos citados por West, no seu livro *Changing Practice in Handwriting Instruction*, (pag. 75 e 74). Muitos delles, como o proprio West argumenta, são artificiaes e quasi de nullo valor. "O que é preciso é crear uma consciencia da boa escripta", acrescenta o autor. Observámos que a melhor motivação é a de interessar o alumno em seu proprio aproveitamento. Para isso, deverá elle dia a dia registrar os resultados de seu trabalho, objectivamente, por comparação com a escala-padrão, adoptada na classe.

(1) SIMON — *Pedagogia Experimental*.

Temos assim exposto, de um modo geral, como foi feita a experiencia de calligraphia muscular na Escola Primaria do Instituto de Educação.

Cabe-nos, agora, dizer dos resultados.

### 3 — Resultados

#### a) Inqueritos entre professoras

Vimos, no capitulo anterior, como foi orientada a experiencia de calligraphia muscular, na Escola Primaria do Instituto de Educação, e do interesse que ella conseguiu despertar. De facto, a calligraphia, ou melhor, a boa escripta passou a ter na Escola, não só o papel de uma das technicas fundamentaes, mas a funcção viva de um problema experimental. Encontrei interessadissimas collaboradoras, e indispensavel me parece, por isso, o registo minucioso de suas observações em relação ao trabalho que vimos realizando.

Apresentei-lhe, para maior objectividade, um questionario (*annexo 1*) a fim de verificar, por um inquerito, a marcha da experimentação.

#### INQUERITO NA ESCOLA PRIMARIA DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO

Treze professoras da Escola atenderam ao questionario apresentado, deixando de o fazer a sub-directora e as professoras de musica e educação physica, não se podendo tambem manifestar a professora de calculo e a de sciencias physicas e naturaes, designadas para a Escola em os ultimos dias da primeira quinzena de Outubro.

Passemos a examinar os itens do questionario referido:

1 — *Ha quanto tempo experimenta em sua classe, o novo typo de calligraphia?*

— 7 mezes	— 5	professoras
— 6 "	— 4	"
— 5 "	— 1	"
— 3 1/2 "	— 1	"
— 3 "	— 2	"

(1)

(1) Professora com classe do 1.º anno.

2 — *Quantos exercicios semanaes, em média, têm recebido seus alumnos, e qual a duração delles?*

— 5 exercicios	— 4	profs.
— 4 "	— 3	" — de 30 minutos — 11 profs.
— 3 "	— 6	" — de 15 a 20 m. — 2 "

— *Como recebeu a inovação?*

— com reserva . . . . .	1	professora
— com indiferença . . . . .		"
— com boa vontade mas sem entusiasmo . . . . .	10	professoras
— com entusiasmo . . . . .	2	"

4 — *Como receberam as creanças a inovação?*

— com indiferença . . . . .	3	professoras
— com entusiasmo . . . . .	4	"
— com entusiasmo apenas nos primeiros dias . . . . .		—
— com entusiasmo crescente . . . . .	4	professras
— não podendo precisar . . . . .	1	professora

Deixou de responder uma professora, com quem a turma não iniciou a calligraphia.

5 — *Sua classe copia apenas os modelos do novo typo, ou realiza exercicios de calligraphia muscular?*

— copia apenas . . . . .	6	professoras
— realiza os exercicios . . . . .	7	"

Já está incluída nas 7 turmas, que realizaram os exercicios, a classe testemunho do 3.º anno, que de começo, apenas copiava.

6 — *Pela sua observação, em classe, pôde concluir que o novo systema offereça condições differentes, quanto á hygiene da escripta?*

— sim: peiores condições . . . . .		—
— sim: melhores condições . . . . .	8	professoras
— sim: condições identicas . . . . .		—

- sim: tudo depende do professor . . . . . 1 professora
- não: não tenho elementos para concluir . . . . . 4 professoras
- 7 — *Em média, seus alumnos, estão escrevendo melhor, isto é, mais claro ou legível, e com mais uniformidade?*
- sim . . . . . 11 professoras
- não: . . . . . —
- não houve alteração sensível . . . . . 1 professora
- não respondeu . . . . . 1 " (1)
- 8 — *Em média, seus alumnos estão escrevendo mais ou menos rapidamente?*
- mais rapidamente . . . . . 5 professoras
- menos rapidamente . . . . . 3 "
- não houve alteração sensível . . . . . 3 "
- deixaram de responder . . . . . 2 "
- 9 — *Parece-lhe vantajoso o systema dos proprios alumnos attribuirem notas a seus exercicios?*
- sim: porque estimula a comparar o trabalho do dia com o proprio trabalho anterior . . . . . 6 professoras
- sim: porque estabelece a emulação entre os diversos alumnos . . . . . 1 professora
- sim: porque dá o habito de auto-critica . . . . . 6 professoras
- não: porque o julgamento jamais é exacto, quando feito pelo alumno, mesmo á vista da escala padrão . . . . . —
- não: porque põe o alumno em trabalho apenas no desejo de conquistar notas . . . . . —

(1) Uma das professoras se manifestou ao mesmo tempo pelas tres primeiras alíneas.

- não: porque na escola renovada não deve haver notas . . . . . —
- deixaram de responder . . . . . 2 profes. (1)
- 10 — *Se tivesse de escolher entre os dois typos de calligraphia, pelo qual se decidiria?*
- pelo antigo vertical . . . . . 1 professora
- pelo typo inclinado . . . . . 12 professoras

### CONCLUSÕES

Até a conclusão deste inquerito, apenas nove professoras, com seis mezes de exercicios especiaes de calligraphia, estiveram interessadas no trabalho. Reputamos insufficiente o material conseguido, para conclusões definitivas, tanto mais quanto foi pequeno o numero de exercicios diarios, embora, em maioria, com o maximo de duração.

No entanto, os resultados do inquerito são claros:

- a) A experiencia foi bem recebida pela quasi totalidade das professoras e alumnos;
- b) a calligraphia muscular trouxe-nos melhores condições, quanto á hygiene da escripta;
- c) os alumnos estão escrevendo mais claro e legível, com maior uniformidade, embora, segundo as Sras. Professoras, não estejam escrevendo mais rapidamente. Penso, porém, que o julgamento das Sras. Professoras parece se referir a exercicios feitos sob a preocupação de aperfeiçoamento, porquanto tests de velocidade, realizados posteriormente, accusaram sempre melhores resultados em relação á velocidade;
- d) parece vantajoso o systema dos proprios alumnos attribuirem notas a seus exercicios, porque os leva a comparar o trabalho do dia com o trabalho anterior, dando-lhes o habito da auto-critica;
- e) parece preferido o typo de calligraphia inclinada, por ser mais natural, mais legível, mais rapida, e offerecer melhores condições de hygiene.

(1) Algumas professoras deram duas respostas a este item.



- não: porque o julgamento jamais é exacto quando feito pelo alumno, mesmo á vista da escala-padrão . . . . . 2,40 %
- não: porque põe o alumno em trabalho, apenas no desejo de conquistar notas . . . . . 22,89 %
- deixaram de responder . . . . . 26,56 %

6 — *Si tivesse de escolher entre os dois typos de calligraphia, pelo qual se decidiria?*

- pelo vertical . . . . . 78,32 %
- pelo inclinado . . . . . 12,04 %
- por nenhum . . . . . 1,21 %
- pelos dois . . . . . 1,21 %
- deixaram de responder a este item . . . . . 7,22 %

### CONCLUSÕES

Do exame destas respostas parece-nos claro que:

a) Não ha um typo de calligraphia exigida nas escolas primarias a que se dirigiu nosso inquerito; as creanças escrevem com a maxima liberdade. Isto acontecia antes tambem em nossa Escola, e queremos crer que na quasi totalidade das escolas primarias do Districto Federal, ainda aconteça.

b) A julgar pelas respostas das Sras. Professoras, não ha ensino systematizado em relação á escripta.

c) Das 83 professoras consultadas, apenas 9,64 % (8 professoras) declararam que seus alumnos melhoraram em clareza e legibilidade, depois de oito mezes lectivos; 4,82 %, isto é, 4 professoras, que melhoraram em relação á velocidade. O facto de 80,72 % (67 professoras) terem silenciado a respeito, leva-nos a crêr que, na maioria de suas classes, não houve, em igual periodo, sensível melhoria da escripta dos alumnos.

d) 54,21 % das professoras julgam vantajoso o processo dos alumnos attribuirem notas a seus trabalhos, ao passo que 38,54 %, ao contrario, condemnaram esse processo, principalmente, porque não crêm no espirito de justiça da creança e porque acham que a escola renovada não pôde admitir notas.

e) 78,32 % das professoras declararam preferir o typo vertical porque é mais facil de ensinar, mais legível, mais semelhante ao typo de imprensa, mais uniforme, mais claro, e, finalmente porque é o typo em que escrevem. No entretanto, respondendo ao item 1, apenas 21,69 %, isto é, 18 professoras declararam adoptar em suas classes o referido typo vertical.

f) Muito de observar é que das 65 professoras que declararam preferir o typo vertical, 70,96 % escrevem habitualmente em letra inclinada, como o inquerito patenteou.

#### b) *O trabalho dos alumnos*

Todo trabalho, como o que ora procuramos apreciar, é hoje verificado, seguramente, dada a possibilidade da sua avaliação numerica. Eis porque apresentamos agora os calculos estatisticos elaborados sobre os resultados de nossa experiencia, quer em relação á E. P. I. E., quer em relação ás escolas X. Y. Z.

### SOBRE OS TRABALHOS NA E. P. I. E.

Registramos a seguir os resultados dos trabalhos em relação á qualidade, realizados em os mezes de Abril, Agosto, Outubro e Novembro, em uma das turmas de 3.º anno e nas de 4.º e 5.º annos, unicas em que a seriação de Lister foi feita:

Progresso de qualidade nas classes da E. P. I. E., submettidas aos exercicios seriados.

	Abril	Agosto	Outubro	Novembro
3.º anno . . . . .	18,60	27,80	40,80	45,10
4.º anno . . . . .	21,30	31,30	44,40	43,80
5.º anno . . . . .	26,20	41,70	50,50	53,50

Podemos tambem juntar os resultados de qualidade relativamente a esses mezes, obtidos nas turmas de 2.º anno, as

quas não fizeram a seriação de Lister, mas, simplesmente, exercicios communs, diarios de calligraphia:

Abril . . . . .	13,10
Agosto . . . . .	15,90
Outubro . . . . .	22,40
Novembro . . . . .	21,00

Conservamos até Setembro uma classe *testemunho* de 3.º anno, que não vinha praticando a seriação de Lister, seriação que, no entanto iniciou a partir dos primeiros dias daquelle mez. Já em fins de Outubro e mais ainda em Novembro, notou-se sensível differença na maioria dos alumnos, o que podem testemunhar os resultados que vamos registrar:

Abril . . . . .	21,60
Agosto . . . . .	20,30
Outubro . . . . .	31,30
Novembro . . . . .	35,70

Examinados os resultados numericos, em relação á qualidade da escripta obtida nos 2.º, 3.º, 4.º e 5.º annos, e afferidos pela escala-padrão, provisoriamente organizada na Escola, passamos ao exame dos resultados obtidos em relação á velocidade, conseguidos e registrados pelos testes que tive-mos occasião de realizar:

	Outubro	Novembro	Dezembro
	Numero de letras por minuto		
2.º anno . . . . .	48,00	49,10	62,92
3.º anno . . . . .	48,12	50,60	83,25
4.º anno . . . . .	49,38	60,98	75,75
5.º anno . . . . .	63,42	71,12	68,65

*Nota.* — A velocidade foi calculada em condições analogas ás dos laboratorios americanos: durante 5 minutos, nas experiencias de Outubro e Novembro, e 2 minutos na de Dezembro, escreveram as creanças uma determinada palavra — *ema* na primeira, e *calligraphia* na segunda e terceira.

Tomados os resultados registrados pelas nossas experiencias, quer em relação á qualidade, quer em relação á velocidade, conseguidos nesses poucos mezes de ensino, podemos apresentar em conjunto o seguinte quadro final:

Qualidade:	2.º anno	3.º anno	4.º anno	5.º anno
Abril . . . . .	13,10	18,60	21,30	26,20
Agosto . . . . .	15,90	27,80	31,30	41,70
Outubro . . . . .	22,40	40,80	44,40	50,50
Novembro . . . . .	21,00	45,10	43,80	53,30

Velocidade:	2.º anno	3.º anno	4.º anno	5.º anno
Outubro . . . . .	48,00	48,12	49,58	63,42
Novembro . . . . .	49,10	50,60	60,98	71,12
Dezembro . . . . .	62,92	83,25	75,75	68,65

#### Differença de Abril

para Dezembro:

Qualidade . . . . .	7,90	26,50	22,50	27,10
Velocidade . . . . .	14,92	35,13	26,37	5,23

Sem pretensão a concluir ainda em definitivo, comparemos esses nossos resultados com a Escala de Ayres, transcripta no livro *The Psychology of Elementary School Subjects* de Garrison and Garrison, edição de 1932:

	II	III	IV	V	VI	VII	VIII
Qualidade:	2.º	3.º	4.º	5.º	—	—	—
Ayres . . . . .	44	47	50	55	59	64	77
E. P. I. E. . . . .	21,00	45,10	43,80	53,30	—	—	—
Velocidade:							
Ayres . . . . .	36	48	56	65	72	80	90
E. P. I. E. . . . .	62,90	83,25	75,75	68,65	—	—	—

Observação: — Sendo a matrícula inicial, nas escolas americanas, em média, de 6 a 6 annos e meio, a comparação deve ser feita do nosso 2.º anno com o 3.º americano; dos nossos 3.º 4.º e 5.º, com os 4.º, 5.º e 6.º, americanos.

Interessante tambem me parece comparar o nosso resultado em velocidade, por exemplo, com o resultado apresentado por Simon, em sua *Pedagogie Experimentale*. Simon apresenta o resultado da velocidade tratando-se de uma copia, não por annos escolares, mas, pelas respectivas idades. Lembremos, apenas, que nosso 2.º anno corresponde á idade de 8 a 9 annos, o 3.º á de 9 a 10, o 4.º á de 10 a 11 e o 5.º á de 11 a 12.

Creanças de	Simon	E. P. I. E.
7 a 8 annos . . . . .	31	—
8 a 9 " . . . . .	49	53
9 a 10 " . . . . .	59	66
10 a 11 " . . . . .	61	69
11 a 12 " . . . . .	66	67
12 a 13 " . . . . .	75	66

Não fizeram exercicios de velocidade os alumnos de 7 a 8 annos, isto é, os alumnos de 1.º anno.

### SOBRE OS TRABALHOS NAS ESCOLAS X. Y. Z.

Das escolas X. Y. Z., relativamente á medida qualitativa dos trabalhos que colhem em varias turmas de 1.º, 2.º, 3.º, 4.º e 5.º annos, nada podemos registrar, tal a variedade de typos de letras. Qual o padrão que nos poderia servir no julgamento? Si dois ou tres alumnos, em certa turma, pareciam seguir a calligraphia vertical, já quatro ou cinco manifestavam sensível inclinação para a direita, enquanto outros tantos escreviam com inclinação para a esquerda.

Apenas podemos concluir que o problema é muito mais digno de estudos do que á primeira vista parece. Qualquer interessado pelo ensino da escripta poderá colher facilmente na maioria de nossas escolas farto material comprobatorio do que aqui affirmamos.

Já em relação á velocidade, facil foi o nosso trabalho. Segundo o que fizemos em nossa Escola, nas Escolas X. Y. Z., demos, durante cinco minutos, a escrever a palavra *Calligraphia*. Foi calculado o numero de letras escriptas por minuto e temos no seguinte quadro os respectivos resultados, e ao lado o da E. P. I. E.:

	Escola X	Escola Y	Escola Z	E. P. I. E.
2.º anno . . . . .	45	44	50 (*)	69
3.º anno . . . . .	58	53	73	83
4.º anno . . . . .	67	66	81	75
5.º anno . . . . .	67	67	78	68

Patentea-se claramente, que a excessiva liberdade, da parte do alumno, no ensino da escripta, não favorece a velocidade, como á primeira vista se poderia pensar, e como

muitos professores o julgam. Formam-se habitos maus, movimentos parasitas, attitudes fatigantes que prejudicam a rapidez.

E' ainda de notar que os resultados da E. P. I. E., sobretudo, em relação as turmas de 4.º e 5.º annos devem ser interpretados com a comprehensão dos effeitos da aprendizagem a que foram submettidos os alumnos, que dan-tes escreviam em typo vertical.

### CONCLUSÃO GERAL

Todo nosso estudo, aqui relatado, não nos autoriza ainda a conclusões definitivas, taes como, por exemplo, a de qual seja o melhor typo de escripta a adoptar em nossas escolas primarias.

Nessa experiencia foi feita com o typo inclinado, segundo a seriação de Lister. Para que nossos resultados pudessem ser devidamente comparados com os resultados de outras escolas, teria sido preciso que nessas escolas, embora usado o typo vertical, tivesse havido tambem a preocupação de ensino systematico da escripta. Porque o que é evidente, o que não poderá ser discutido é que o ensino da escripta necessita de *um systema*, isto é, de exercicios graduados e seriados.

Poder-se-ia dizer que toda a melhoria conseguida em relação as creanças da E. P. I. E. foi devida, não as qualidades intrinsecas da calligraphia muscular, mas sim ao facto de ter a E. P. I. E., feito ensino systematico, enquanto que nas escolas a que pedimos material, esse ensino era inteiramente livre. Tal conclusão é reforçada pelo confronto dos resultados das duas classes de 3.º anno de nossa escola, uma das quaes fazia a seriação ao passo que a outra se conservava como classe testemunho.

Deixemos a questão em aberto. Proseguiremos em nossas observações no proximo anno lectivo, e muito folgariamos em que, outras escolas, se fizessem pesquisas semelhantes, com outros typos de letras, inclusive o vertical.

No entanto, si fomos levados á escolha do typo inclinado, ou melhor, da calligraphia muscular de Lister para as

rossas primeiras pesquisas, isto se deve á influencia da lectura que fizemos dos trabalhos que resumem os resultados nas escolas americanas, e sobretudo, ao relatório publicado pelo Board of Education de New-York, já citado.

De tudo quanto vimos, uma verdade resalta: é preciso cuidarmos do ensino da escripta. Escola renovada não significa abandono das technicas fundamentaes da escola primaria e a escripta tem nella uma importancia que nunca será de mais salientar, tanto no valor esthetico, habitos de ordem e asseo, educação social, mas, assim tambem na *disciplina mental*. Como é facil de entender, escrever rapido e claro auxilia o pensamento de quem escreve.

Os resultados numericos de nossas observações parecem-nos bastantes claros. Consideremos, porém, como já o dissemos, ainda insufficiente o numero de nossas observações e o material colhido. Esse material, devidamente classificado e annotado, fica no archivo da E. P. I. E., onde poderá ser compulsado por todos quanto se interessam pelo assumpto. Muito apreciariamos as suggestões de critica dos nossos collegas e dos entendidos no assumpto.

Cumpre-me, encerrando estas notas, agradecer ás Sras. Directoras e Professoras das Escolas que permittiram a colheita de material para estudos, a todas as Professoras da E. P. I. E., muito particularmente as D. D. Martha Augusta Matthiesen, Helena Mandroni e Nair Vianna Freire, incumbidas de trabalhos especiaes no andamento e verificação das pesquisas realizadas.

Ao Professor Laurencio Filho, Director do Instituto de Educação, a quem devo a orientação e animação deste trabalho, e de quem recebi preciosas e innumerables indicações bibliographicas, o meu reconhecimento. (1)

(1) Relativamente á calligraphia vertical, devemos assignalar que a sua applicação no Brasil devida, em grande parte, ao trabalho do Sr. Dr. Francisco Mendes Furtado Vianna, antigo lente da escola normal e gymnasio, em S. Paulo, e actual Superintendente de Educação Elemental, no Distrito Federal, que, em 1908, publicou uma bem organizada série de cadernos de calligraphia vertical. Ao mesmo illustrado educador se deve a publicação de outra série de calligraphia inclinação, sob o titulo "Calligraphia Americana". Ambos esses trabalhos têm tido uma profunda influencia nas escolas brasileiras, e onde são adoptados os resultados de systematização do ensino da escripta vertical têm sido evidentes.

ORMINDA ISABEL MARQUES

## Civilização e escolas

Anisio TEIXEIRA

Uma das coisas engraçadas do Brasil é o modo de formação de suas autoridades consagradas. Não direi nos assumptos em que o homem tenha que provar o que pensa, fazendo. Ahí ou elle "resulta", "succede", isto é, faz a coisa ou leva a breca. No commercio, na industria, o "test" é esse. Autoridade será quem pensar e fizer. Mas, nos campos em que o problema está ainda na sua phase especulativa, autoridade é quem mais "falar" no assumpto. Os chamados "problemas brasileiros", são a terra de promissão para essas autoridades. E, dentre elles, o problema educacional, a terra da promissão da terra da promissão. Fale, vá falando, escreva, vá escrevendo, pouco importa o que fale e o que escreva, e, depois de pouco tempo, todo o mundo apontará como uma "autoridade" no assumpto.

Uma dessas autoridades brasileiras, affirmou, outro dia, em um artigo, o seguinte: "Todo povo culto é rico. Todo povo ignorante é pobre".

No artigo, essa phrase é uma conclusão que se deve ler assim: "Todo povo culto, "porque é culto", é rico, e todo povo ignorante, "porque é ignorante", é pobre". Logo, á primeira vista a gente é tentada a exclamar. Mas é o contrario! Todo povo rico é culto, todo povo pobre é ignorante. Isso já é mais verdade.

Ha, entretanto, mais alguma coisa a dizer sobre a phrase da "autoridade". Ella não toma sómente a causa por effeito, ella tem com relação a esse effeito em si, uma idéa consummadamente deformada.



E a deformação está na sua noção de "cultura" e "ignorância" e, por consequencia, de educação. Essa deformação vem de mil e um papais Hugo do seculo XIX e é hoje repetida por mil e uma "autoridades" do mundo.

Em que consiste essa deformação? Em julgar que "instrução" e educação e que instrução, só por si, "enriquece", faz milagre, salva.

E' o mysticismo do A. B. C.

Isso, no seculo XIX passava. Havia lá suas razões de tomar a nuvem por Juno. Naquelle aurora de democracia que a machina vinha fazendo nascer, as causas e os effeitos se misturavam em uma semi-claridade propicia a esses enganoses.

Hoje ha obrigação de ver claro. Já é meio dia. E não se tendo defeitos na vista, é só abrir os olhos e ver.

\*

E que ha a ver? Ha a ver que o carro vem mesmo atras dos bois e não á frente como se julgava. Escola, instrução não cria riqueza onde ella não existe. Escola, instrução não cria civilização. Escola, instrução não "salva" só por si. Criada a riqueza, criada a civilização, a escola apparece para "continual-a" e para "diffundil-a". E' tudo que se lhe pode servir. E' tudo que ella tem dado através de toda a historia. Cabe aqui desfazer o segundo equivooco, que só não é extraordinario porque muito commum. Pensam as "autoridades" que educação e instrução são termos equivalentes e que, portanto, onde não houver instrução, não ha educação. Não sei de erro de mais funestas consequencias, sobretudo no encerrar o problema particular brasileiro. As jeremiadas inuteis e contraproducentes sobre o analphabetismo brasileiro vêm todas dahi. De vez em quando ha um sujeito de bom senso que diz, a meia voz, aos letrados: — Mas são os analphabets que vos sustentam... Diz, porém, com medo, sem tirar todas as conclusões da observação que lhe saltou aos olhos.

Seria com uma observação dessas que algum Newton nacional descobriria o systema de educação que nos deve convir.

O erro dos que confundem instrução com educação está em não ver que essa é uma função natural do acto de viver e aquella um esforço artificial para tornar "mais" ou "menos adequada" tal função.

Vamos devagar. Educar é adaptar-se para viver. Todos os seres viventes, desde a ameoba até o homem, educam-se. "Educados" são, pois, todos os que conseguem viver. "Educados" foram todos os homens, desde o pithéco lanzado até o sr. Einstein.

Si educação é, assim, uma função natural, uma função dos organismos vivos, para que escola? Estamos a vir do principio. E' preciso isso para vermos claro. Para que escola? Por um motivo muito simples. Aquelle pithéco lanzado foi dotado de um systema nervoso mais complexo do que o de seus irmãos. Emquanto esses se satisfiziam com adaptar-se, através de uma longa evolução, ao mundo tal qual existia, qualquer coisa fazia o pithecantropo mais inquieto. E bulindo, mexendo, virando elle lá mudava uma coisa no mundo. E tanto buliu, mexeu e virou que um dia, olhando para tudo que tinha feito, viu que esta creando um mundo novo: material e socialmente.

E o que, nas plantas e nos animaes se transmittia com a propria força natural de um instincto vital todo poderoso, no homem passou a ser objecto de uma incerta aprendizagem.

A arte de viver tinha que ser "apprendida". A principio o foi na propria matriz social. O homem crescia e apprendia. Mas continuou elle a mudar a face das coisas. Uma coisa feita trazia outra e outra e outra. A vida do homem, em virtude mesmo, de sua capacidade de aprender, tornou-se um constante mudar. E o momento chegou em que havia tanta coisa a aprender que nenhum homem só podia levar o fardo completo. Especializaram-se as funções. A cultura humana era um bem collectivo, mas não podia ser individual.

O homem descobriu meios de armazenar em outras coisas que não a sua propria memoria. Desenhou, esculpiu, gravou e escreveu. Primeiro as suas historias, as suas poesias. Depois as suas theorias. Por ultimo, os factos. E a tarefa de assim guardar as coisas e transmittil-as passou a ser a tarefa de um grupo especial de homens. Por essa época, nós já podemos ver a escola e as suas funcções. O homem além da educação resultante da sua propria vida, procurava completal-a através de aprendizagem especial de certas coisas. Uns aprendiam a escrever e a ler. Outros a fazer sapatos. Ler e escrever era profissão tão definida quanto a de sapateiro. Chegou um instante, porém, em que o homem teve um daquelles estalos prodigiosos na cabeça. Viu que havia pensar e pensar. Pensar, fazendo philosophias e especulações e pensar, fazendo prova.

Descobriu o methodo experimental. Descobriu o "tested thought", isto é, o methodo de saber si o que estava pensando estava certo. Dahi em diante isso que se chama ciencia tomou um desenvolvimento desusado. As invenções se multiplicaram. E graças a ellas a face do planeta vem a mudar-se com um rythmo bem mais apressado que o dos tempos anteriores.

A exploração da terra enriqueceu os homens, e as civilizações modernas appareceram, optimistas, cheias de sonhos e de generosidades. Até ahí, veja-se bem, a educação é uma função normal da vida, que se completa para as actividades especiaes. Dahi a escola e o regimen de apprendizado. Na linguagem actual, "vocacional", seja ella dada na escola de primeiras letras, seja na universidade, fosse para formar o escriba, o gentil-homem ou o sabio. Ninguem pensava em escola universal, em escola para todos, em escola para salvação publica da humanidade. A escola era, como a officina, o meio de ensinar certas coisas uteis para algumas pessoas que as não poderiam aprender de outro modo.

Uma scisão religiosa na Europa abriu, porém, novas necessidades. Um dos grupos substituiu a palavra oral do Papa e seus sacerdotes pela biblia livremente (digamos assim)

examinada por cada um. Urgia, então, que os membros da nova religião pudessem ler a biblia.

Deante dessa nova necessidade, as escolas para ensinar a ler tinham que ser para muito maior numero de pessoas. E ellas passaram a desenvolver-se sobretudo nos paizes protestantes. Muito mais tarde, já o mundo muito avançado com a sciencia e as invenções, novo estalo na cabeça humana. Só algumas classes se beneficiavam da civilização, os demais trabalhavam para esse goso. O homem souhou com a igualdade. Todos deviam participar no governo da sociedade Suffragio universal. Preparação de todos os homens para as novas funcções. Escola para todos. Estamos no seculo XIX. A civilização continuava a desenvolver-se. Ao lado da necessidade politica, surge a necessidade social e a necessidade economica de saber ler. Para qualquer trabalho precisavam-se dessas artes tornadas elementares. A escola universal appareceu. Não para criar a riqueza. Nem para criar a civilização. Mas para permittir que todos "gostassem" da riqueza existente e da civilização existente. Só depois de existir a necessidade criada pela civilização ou pela riqueza, surge a escola para satisfazel-a.

ANTISIO TEIXEIRA

#### AVISO AOS SRS. ASSIGNANTES

Afim de evitar interrupção na remessa da "Revista do Ensino", devem os srs. assignantes reformar a tempo as suas assignaturas.

# Psychologia viva

Charles BAUDOUIN

(Professor do Instituto J. J. Rousseau e livre docente da  
Universidade de Genebra)

Charles Baudouin, que inicia hoje sua colaboração no "Estado de S. Paulo", não precisa ser apresentado aos nossos leitores. Professor do Instituto de Educação Jean Jacques Rousseau e docente livre de psychologia da Universidade de Genebra, é auctor de innumerous trabalhos traduzidos em varias linguas, sobre psychanalyse e suggestões, entre os quaes, são de maxima originalidade seus ensaios sobre psychanalyse da arte, em que estudou pormenoradamente a personalidade e a obra do grande belga Emile Verhaeren. Collaborador das principaes revistas especializadas europeas, apresenta pelas columnas do "Estado" uma série de artigos sobre os rumos e as tendencias actuaes da psychologia.

Num momento em que uma forte renovação cultural se faz sentir no nosso meio, com a criação da Universidade de São Paulo, o surto de numerosas revistas, a fundação de associações scientificas, uma tal colaboração é evidentemente opportuna e o "Estado" tem prazer em poder offerecel-a aos seus leitores.

## I

### *Psychologia — sciencia da acção*

E' nosso desejo apresentar, no decorrer destas conversações com os leitores do "Estado", a psychologia actual no que ella tem de mais vivo, de mais interessante para a vida. Si alcançarmos nosso fim, ver-se-á que a psychologia, da maneira por que a entendemos, não é uma disciplina puramen-

te academica, mas uma sciencia que, abordando nossos problemas mais essenciaes, referentes ao homem e á sociedade, não pode continuar completamente ignorada dos espiritos cultos. E talvez se chegue a perceber mesmo que ella nos dá um systema de referencias através do qual seria possivel constituir um novo humanismo.

Mas, inicialmente, que é psychologia? Existem hoje numerosas escolas de psychologos que divergem quanto ao proprio objecto de sua sciencia. A' primeira vista o espectáculo é frivolo. E', aliás, o que mais impressiona G. Dwellshauvers já nas primeiras paginas de um livro recente: "Estamos num terreno safaro. Tomem-se os tratados de Watson e de Segond, e teremos a impressão de nos encontrarmos ante duas sciencias totalmente afastadas uma da outra. Que relação descobrir entre os dados immediatos da consciencia, como os entende Bergson, e a medida da periphria do campo visual ou da resistencia muscular"? (1)

Tudo se tornará, porém, um pouco mais claro si se levar em consideração que a preocupação dominante dos psychologos, de meio seculo a esta data, tem sido a de construir "uma sciencia" de accordo com o espirito experimental moderno. Assim, ao antigo "estudo da alma" substituiu-se "o estudo dos phenomenos de consciencia", creando-se ainda laboratorios de psychologia para medida das reacções. Alguns pensaram encontrar nos "reflexos condicionados" de Pavlov e Bechteren uma nova base para a comprehensão de todos os phenomenos psychologicos (reflexologia). Nos Estados Unidos, essa tendencia "objectiva" culminou com a escola do "comportamento", ou "behaviorismo" (Watson), que reduz a psychologia ao estudo das reacções motoras observaveis do exterior, transpõe, em summa, a um automato humano, os methodos da psychologia animal e, não satisfeita com ser uma psychologia "sem alma", rejeita a propria noção de "consciencia, tornada superflua. Damos de cheio no paradoxo. Mas esse mesmo exaggero deve trazer-nos um ensina-

(1) G. Dwellshauvers, "L'Etude de la Pensée", éd. Pierre Téqui, Paris, 1904, p. 1.

mento e permitir-nos discernir algum erro de orientação, "d'aiguillage", no início de todo o movimento objectivo) Dis-se-o com justeza G. Politzer, num livro de espirito um tanto polemico mas de muita penetração e vivacidade: Esta tentativa, na sua preocupação extremada, e afinal de contas fanatica, (2) de construir uma psychologia objectiva, salva a objectividade mas perde a psychologia". (3)

Em outras palavras, a preocupação da objectividade comporta o risco de, si não se tomar bastante cuidado, fazer deslizar a psychologia para o campo da physiologia. Perde-se assim de vista, no caminho, o proprio objecto que se procurava apprehender. Não resta duvida, entretanto, que os factos registados por esses meios de observação são interessantes em si e encontrarão seu logar exacto num edificio mais completo. Por outro lado, como veremos, o espediente de encarar a psychologia como um estudo das reacções, isto é, das acções e da conducta, embora levado ás suas ultimas consequencias na reflexologia e no "behaviorismo", não lhes é, entretanto, peculiar. Encontra-o-emos nas escolas que continuam a dar, pelo contrario, a maior importancia á observação directa da consciencia, á introspecção. E é por isso, nessas noções de "actividade", que iremos deparar, sob o chãos apparente que nos desanimava no inicio, sob a diversidade das theorias e terminologias, com uma certa unidade profunda.

A "psychanalyse ou "psychologia analytica" (Freud; Yung) parece, á primeira vista, situar-se no polo opposto ao do "behaviorismo", vangloriando-se, como o faz, de auscultar minuciosamente a vida interior até nas suas manifestações mais esvanecidas, como o sonho, e levando assim a introspecção ao extremo. Mas a que se aventura? Esse estudo da consciencia nos constrange, não, evidentemente, a negal-a, mas a transcendel-a, a suppôr para além della um "in-

(2) O termo é de Claparède: "Certains fanatiques d'Ouvre-Atlantique, qui se groupaient sous le nom de "behavioristes" (Causeries psychologiques, Zeme série, Kündig, Genève, 1935, p. 81).

(3) G. Politzer, "Critique des fondements de la psychologie", vol. I, éd. Rieder, Paris, 1928, p. 252.

consciente" que della transborda por todos os lados e se transforma, finalmente, no proprio objecto da psychanalyse. Esse inconsciente, porém, que, por definição, a introspecção não pode apprehender, como se manifesta, senão por toda a especie de "reacções" que escapam ao paciente, que o traem á sua revelia, e cujos lapsos são o que apresenta de mais caracteristico? Essas reacções só se observam convenientemente do exterior e os psychanalistas admittem ser mais ou menos impossivel analysar-se a si mesmo. Em resumo. "o inconsciente só como comportamento é apprehensivel". Eis o que, por uma estrada imprevista, nos reconduz ao polo objectivo e "behaviorista". E' o que observou com vigor Politzer. O inconsciente dos psychanalistas mede a margem pela qual a conducta real do paciente transborda de sua consciencia. "Quando o comportamento exprimir mais do que o indicar o relato que o acompanha, projectar-se-á no inconsciente o que falta ao relato para lhe ser adequado". (4).

Quaes são, por outro lado, segundo a psychologia analytica, os factos psychicos basicos? O desejo, o impulso instintivo (Trieb); é, adoptando-se uma palavra muito simples e clara, ha tempos proposta por Ribot e adoptada por Pierre Janet, a "tendencia". Tendencia quer dizer acção potencial. Assim é que Janet, vendo em todos os phenomenos psychologicos, sentimentos e idéas inclusive, modalidades e graus diversos de "activação" da tendencia, pode consideral-os todos como "acções", completas ou esboçadas, freizadas ou intermittentes, e definir a psychologia como uma "sciencia da conducta" sem se achar na obrigação de desprezar, por isso, a observação interior.

Além disso, a noção de tendencia, subjascente nas ideologias das diversas escolas recentes, parece-nos bem apropriada á expressão de uma unidade patente, bem indicada para servir de denominador commum entre o objectivo e o subjectivo. Porque a tendencia pode ser tão legitimamente definida de um ponto de vista quanto de outro. Do ponto de vista da observação externa, uma tendencia será simples.

(4) Politzer, op. cit., p. 196.

mente uma classe de acções ou reacções analogas e frequentes, assim como uma especie viva é um grupo de séres. Ao mesmo tempo, do ponto de vista subjectivo, apparece a tendencia, ao proprio paciente, sob o aspecto do desejo, do impulso interior. Sempre que estes dois meios de apprehensão da tendencia se confirmarem mutuamente, mais solida será nossa posição. Mas onde houver differença, como no caso psychanalytico do "desejo inconsciente", a situação acarretará problemas singularmente interessantes. De qual quer maneira, será nossa psychologia um "sciencia da acção" susceptível de esclarecer e orientar nossa actividade viva.

Maio 1935.

CHARLES BAUDOIN

(*Transcripto do "Estado de S. Paulo"*).

### AVISO AOS PROFESSORES E ASSIGNANTES

**Prevenimos aos srs. professores e assignantes que a "Revista do "Ensino" não é distribuida pela Imprensa Official, mas, sim, pela Secretaria da Educação, para onde a nossa correspondencia deve ser dirigida.**

## O ensino scientifico das linguas modernas

Maria Junqueira SCHMIDT

"Conhecer o alumno é tão importante quanto ensinar-o".

### Os testes e o ensino dos idiomas

Neste movimento ascensional que se vem verificando na escola brasileira para a educação das massas, é mistér não perder de vista o problema importantissimo do conhecimento individual do alumno e da sua situação constante em face dos programmas escolares. Esse problema, devido ás suas proporções, só pôde ser resolvido mediante o emprego dos testes. Essa questão vem sendo estudada nos Estados Unidos, desde 1922, no que se relaciona ás linguas vivas.

Cria-se e crê-se ainda, ás vezes, que os exames devem versar sempre e apenas a materia dada pelo professor em aula. Entretanto, a administração de uma escola, o estudante, os paes têm o direito de saber si, por exemplo, no fim de um anno de estudo de francez, o alumno sabe ler um trecho facil de prova, independentemente de ter esse alumno aprendido esse determinado trecho com o professor de francez.

Essa necessidade de verificar o aproveitamento com relação á materia e não com relação aos pontos dados e nem mesmo com relação ao anno do curso, afim de bem conhecer o nivel de cada alumno, é que originou, tambem em linguas vivas, o movimento dos exames por meio dos testes.

Já antes de 1920 se tentavam exames de grammatica sob a fórma de "*grammar-completion*", e pouco depois, se ensaiavam os exames de vocabulario sob uma fórma proxima á dos testes.

Foi, todavia, em junho de 1925, que se iniciou oficialmente a apuração dos conhecimentos e do aproveitamento dos alumnos em materia de linguas estrangeiras, com a applicação, nas escolas publicas, do "*New-type comprehensive Examination in French an in Spanish for the Junior High Schools of New York City*" ou seja o American Council Beta French Test", sob a direcção de J. Greenberg. Existia já então, nas escolas uma certa selecção de estudantes de linguas, — materia não compulsoria no curso secundario. Era pela primeira vez, entretanto, que se empregava uma só escala para o exame de todas as classes, com o fito de exprimir o adeantamento não em base do tempo de estudo mas sim em base de grau.

Assim foi que se pode verificar quantos alumnos nos cursos das escolas publicas estavam no 1.º, no 2.º, no 3.º ou no 4.º grau; de vez que o curso de linguas mais commum era de dois annos, dividido em quatro semestres, cada semestre valia por 1 grau.

A applicação dos testes veio revelar a immensa disparidade que havia no adeantamento dos alumnos de uma só classe; a heterogeneidade patenteava-se mais ainda nas classes de hespanhol que nas de francez. Essa constatação fortificou a pratica de agrupamento em turmas de "rapid advancement" dos alumnos mais habilitados.

#### *Composição do "New-type test"*

O "New-type teste" compunha-se de elementos fundamentaes de vocabulario, de grammatica e de expressões idiomáticas, que se encontravam de uma maneira geral nos programas então vigentes. A escala da difficuldade era muito larga. Continha o teste desde as perguntas facilimas, ao alcance dos alumnos mais atrasados do 1.º semestre até ás perguntas mais difficéis para os proprios alumnos do 4.º semestre. O vocabulario foi tirado da unica lista estandarizada daquella época — a de Henmon — e de 16 manuaes mais em uso nas escolas. (Ben-Wood — *A Comparative Study of the Vocabularies of 16 French Text books*). Cada item do teste

foi submettido a experimentações prévias. Os que resistiram a todas as criticas e a todos os experimentos formaram uma lista que serviu á confecção das duas formas equivalentes A e B. Esses testes foram ministrados a 25 mil alumnos da Junior High School. Sua duração era de 90 minutos. Só em materia de vocabulos francezes, contava 538 palavras raizes (root words). O teste compunha-se de 220 itens, divididos em tres partes: vocabulario, grammatica e expressões idiomáticas. Cada item tinha a sua difficuldade avaliada e estabelecida, não só em relação á secção de que fazia parte mas tambem em relação ao todo.

A confecção deste teste foi precedida de quatro annos de experimentações e dois mezes de trabalho intenso em que listas preliminares de perguntas foram submettidas a milhares de alumnos. Neste teste de Greenberg só ha propriamente uma innovação para o seu tempo: a verificação da comprehensão da leitura.

Os resultados dessa grande experiencia foram incalculaveis.

Em primeiro logar, o exame minucioso de dezeseis manuaes de linguas revelou o seguinte absurdo: havia nesses compendios seis mil palavras "raizes", das quaes apenas 134 eram communs a todos. Isso quer dizer que sin 16 alumnos estudassem perfeitamente cada qual um dos referidos manuaes, a conversação entre elles teria de limitar-se a 134 palavras! Ficou mais uma vez patenteado que a literatura didactica de linguas é nada menos que uma verdadeira Torre de Babel! Alás, mesmo depois da lista de frequencia de palavras de Vander Beke os compendios continuam a apresentar uma diversidade incrível de vocabulario.

Em seguida, a classificação rigorosa de alumnos tornou novo incremento. Os professores de linguas introduziram o teste no ensino para o seu proprio governo e para o governo dos alumnos. Estabeleceu-se um criterio mais seguro para a eliminação dos inaptos ao estudo de linguas, o ensino foi mais individualizado e salientaram-se os diversos graus de valor do professor.

Finalmente essa experimentação abriu o caminho a outras.

Assim, tratou-se mais tarde, de medir a capacidade oral e auditiva do alumno e o material de cultura que possui no tocante á lingua estrangeira que aprende. O teste de Greenberg, com effeito só cogitava de verificar o conhecimento da linguagem escripta. Ora, a capacidade oral e auditiva assim como a capacidade de assimilar a cultura estrangeira são funções diversas dessa — tão diversas que o successo ou o insuccesso nestes dois campos não significa insuccesso ou successo no primeiro.

Formou-se, pouco a pouco, um verdadeiro corpo de technicos de exames objectivos de linguas estrangeiras dotando essa materia de uma bateria de testes estandarizados de indescontavel utilidade.

Ficou apurado que os "new-type tests" apresentam uma superioridade sensivel na segurança do julgamento: 0.97 contra 0,70 a 0,80 do antigo systema de exames.

#### *Os testes no "Regents examinations"*

O anno de 1925, marcou o advento do systema de testes para linguas vivas até no proprio "Regents Examinations", — exame vestibular que, em Nova York, dá entrada no College.

Em 1924, Ben Wood, um dos mais autorizados *leaders* do movimento dos exames objectivos foi convidado a colaborar na experiencia que o governo pretendia fazer.

Ben Wood accedeu ao convite. Desde 22, vinha elle elaborando, com o auxilio de alguns professores de grande nomeada, o "new-type collegiate placement tests"; foi-lhe facil terminar o trabalho afim de pô-lo em pratica em junho de 1925.

Esse teste continha toda a materia que devera ter sido dada no curso secundario. Podia ser applicado indifferentemente aos alumnos que haviam feito um, dois ou tres annos de curso.

Tambem aqui era a primeira vez que se empregava, para o exame, um instrumento tão seguro de medida e com tão altas qualidades de comparabilidade.

Neste teste, como nos de Greenberg, os elementos constitutivos foram tirados de vocabulario standard e de itens de grammatica mais frequentemente encontrados nos manuaes em voga. Esse material foi tambem submettido a experimentações previas. Vinte listas de itens diversos, porém, julgados equivalentes foram applicados durante tres annos a alumnos preparados para o "Regents Examination". Na determinação do vocabulario e dos casos grammaticaes preponderou, como no teste de Greenberg, o criterio da frequencia. Nenhum item foi definitivamente acceto sem que se apresentasse um alto coefficiente de correlação com normas estabelecidas de conhecimento. Nenhuma margem foi concedida ao julgamento subjectivo dos professores em relação á difficuldade ou ao valor como instrumento de medida de cada item.

Entre outros pontos de superioridade do "new-type test" sobre o "old type test" estava a quantidade de palavras "raizes" empregadas. Emquanto este ultimo, num exame de tres horas, apresentava 206 a 270 palavras raizes, aquelle include, no tocante ao francez, 459 palavras do mesmo genero, num exame de 90 minutos.

Quanto ao caracter das palavras usadas, verificamos tambem o seguinte facto, de relevante importancia: como esse teste é destinado a medir o conhecimento de todos os alumnos de todos os cursos (cursos de 1, 2, de 3 ou mais annos), include vocabulos desde os mais facéis até os mais difficéis. Foi acuradamente estudada essa distribuição. Assim, no teste francez, não ultrapassa a 10% das palavras empregadas o numero de vocabulos pertencentes ao grupo dos itens mais frequentes da lista de Henmon ou das 134 palavras comuns aos 16 manuaes estudados por Wood, — grupo esse que deve constituir o vocabulario de um primeiro anno de francez. E porque é rigorosamente calculada para cada anno essa percentagem de distribuição é que o mesmo teste serve para classificar alumnos de niveis diversos de adeantamento.

Já não é o mesmo o que se verifica no exame comum. Ali reina a falta de critério seguro na distribuição do vocabulário. Palavras de rara frequência já apparecem em questionarios de 1.º anno, ao passo que vocabulos corriqueiros enchem, ás vezes, os questionarios de 3.º anno.

Ben Wood demonstrou que, em 1925, os questionarios dos exames do 4.º anno de um "College" em Nova York continha maior numero de vocabulos pertencentes ao grupo das primeiras 400 palavras da sua "French Word List" que os questionarios para o exame do 4.º anno!

Todos nós estamos habituados a ouvir as queixas dos professores de que o exame num determinado anno do curso foi mais facil do que no anno anterior.

O que se dá com o vocabulário acontece tambem com a grammatica, sendo aqui então a proporção de erro de distribuição de difficuldade infinitamente maior.

O "new-type test" apresenta o remedio a essas discrepâncias. Uma vez estabelecida a difficuldade empirica de cada item, facil se torna dispôl-os de maneira a levar o examinando a não perder tempo, no principio do exame, com questões difficéis, acima de suas forças.

Ademais, o teste elimina certas actividades secundarias para a apuração do conhecimento como sejam, a calligraphia que só serve para distrair o alumno, a traducção que pouco valor tem porque envolve aptidões especiaes que não figuram entre os objectivos primordiales do ensino de linguas, etc., ganhando, assim, maior objectividade.

A experiencia de 1925 provou que o teste tem, pelo menos, duas vezes mais segurança do que o exame comum e que pouca despesa supplementar acarreta, quando empregado systematicamente. Além disso, serve para diminuir a diversidade excessiva de standards que sempre existe nas diferentes escolas.

O "new-type test" de Ben Wood destinava-se apenas á medida de conhecimento da linguagem escripta. De 1925 para cá, o movimento de medidas objectivas para linguas es-

trangeiras tem-se intensificado consideravelmente. Foram standarizados outros testes para a linguagem escripta, assim como para medir a capacidade oral e auditiva. Chegou-se até a estabelecer certas normas para o julgamento objectivo da composiçáo.

Muitos desses testes americanos têm o defeito de recorrer á traducção, o que é, aliás, inteiramente desnecessario. Esse facto é uma consequencia da adopção generalizada nos Estados Unidos do methodo directo "*modificado*", que admitte a traducção. — processo esse que se instituiu com razão da deficiencia, por parte dos professores, do conhecimento pratico das linguas estrangeiras, e que vem sendo combatido pelas escolas progressivas. Corrigida essa falha, e adaptados ao nosso ambiente, esses testes representarão um meio ideal para a apuração objectiva dos conhecimentos dos alumnos no que concerne o francez. Restaria, então, a fazer o mesmo trabalho no que diz respeito ao inglez.

#### *O laboratorio de linguas nos Estados Unidos*

O laboratorio de linguas, como systematizador de todos os meios auxiliares do ensino dessa disciplina, é commum nas escolas dos Estados Unidos, porém, com o nome de "sala-ambiente".

Entretanto, em 1927 Pauline Pierson descreveu o uso de material auxiliar no ensino de linguas num artigo para o "Modern Language Journal" sob o titulo: "An Experiment With French and Spanish Laboratories", usando já esse termo hoje consagrado.

A idéa do laboratorio não é nova; está, em Handshin (1923) amplamente descripta. Dahi para cá, a pratica tem confirmado a excellencia desses meios vivificadores do ensino.

Esses meios auxiliares são empregados em larga escala na America, não só na sala-ambiente, como tambem nos "clubs" de linguas.



Senão, vejamos.

A aprendizagem de canções em lingua estrangeira é generalizada, apparece em todos os grãos do ensino. Vi-a praticada na Dalton Schools, onde com o jogo, constitue a base da iniciação do francez entre creanças de 6 a 9 annos e vi-a tambem constituir um curso especial para professores no "Teachers College" da Universidade de Columbia.

Raramente, entretanto, se emprega o disco para esse fim, por falta de victrola, por falta de verba para comprar discos e porque a maioria das escolas possui um piano. Todos os professores por mim interrogados declararam preferir o disco; todavia, essas circumstancias assignaladas e mais a força do habito os mantêm alheios ás vantagens immensas do disco sobre a canção acompanhada ao piano.

O disco falado, começa a triumphar da rotina. A collecção Linguaphone goza de muito prestigio. No "New College" (Universidade de Columbia) os alumnos se applicam, nas horas vagas, ao aperfeicoamento da pronuncia, por meio do Linguaphone, sendo esse exercicio contado para a nota, como actividade extra-curricular. O professor Sanmartino, chefe do ensino de linguas nesse estabelecimento, é um entusiasta do disco e delle faz intensa propaganda.

A pratica do jogo, sob as suas fórmãs mais variadas é tambem bastante disseminada. Encontrei na Lincoln School alguns jogos de F. Nathan. Alli tambem vi, em acção, os jogos que preconizo em "Heures Joyeuses". Assisti, por exemplo, em uma classe de creanças de 9 annos, ao jogo de adivinhação, por uma alumna, de determinado objecto da sala de aula, marcado pela classe. Difficil descrever o entusiasmo das creanças e o trabalho mental intenso que acompanha essa sorte de exercicio!

O baralho, hoje muito conhecido, é um dos estimulantes empregados por diversos professores.

As fichas e o caderno illustrados, vi-os, maravilhosamente executados, na Escola Benjamin Franklin, de Nova York. Aliás, os albums, as collecções de gravuras, o desenho

em funcção do ensino de linguas são quasi que em toda parte encontrados.

Os quadros muraes são bastante communs. Porém pouco, como em toda parte, pela falta de arte.

A leitura supplementar é talvez, com o canto, a pratica hoje mais em voga. Aboliu-se, de vez, a tyrania do manual.

Assisti na Lincoln School, numa classe de creanças de 9 annos, um teste de verificação da leitura feita em casa de um conto muito simples. Nos programmas officiaes, marca-se até o numero minimo de paginas de leitura supplementar para o alumno em cada semestre. Essa leitura supplementar, como aliás a leitura em aula, versa habitualmente a civilização do povo cuja lingua se estuda. Livros como "L'Abbé Constantin", "Sans famille", "Le Voyage de M. Perrichon", "Eugénie Grandet", "Colomba", têm tido edições sem conta nos Estados Unidos, porque são lidos *a latere* do curso, porém com caracter obrigatorio.

O emprego do film em funcção da aula é raro. No entanto os catalogos trazem sempre uma secção especial de "films" para o ensino de linguas. Assim, o catalogo da secção de emprestimo de films do Museu de Historia Natural, de setembro de 1930: já annunciava os seguintes films:

Francez: — Os Bascos, Portos de França, Rendeira da França Central, Normandia e Bretanha, Paris e Industrias do perfume e do vinho na França.

Allemao: — Sports de inverno na Austria. Hamburgo.

Porém, nunca constatei nem soube que se usasse habitualmente o film como meio auxiliar do ensino de linguas. O film, no meio da aula, ainda é tido como um incommodo. São quasi desconhecidas as deliciosas pelliculas da Pathé Baby ou da Pathéscope que, em menos de dez minutos desenrolam, aos olhos dos alumnos, panoramas e scenas que lhes darão uma comprehensão "sentida" da civilização do povo, cuja lingua estudam. Parece que se duvidar que um film vale mais, ás vezes, que varias horas de explicações oraes.

No entanto, o valor do film no ensino de linguas não é negado. Em Nova York, um comité de directores de escolas fez um contracto com determinados arrendatarios de cinemas, de forma a obter a passagem amiudada de films francezes. Esse comité é que escolhe o film e o recommenda. Varias vezes, vi as aulas de linguas iniciarem-se com um convite insistente aos alumnos para assistirem os films francezes que se encontravam no cartaz. Os logares para essas sessões podiam ser reservados nas proprias escolas; o abatiemento para os alumnos era de 50 %.

As aulas pelo radio tambem são escassas e por demais elementares.

Nesse particular, a Inglaterra e a Alemanha é que se têm distinguido dos demais paizes.

A dramatização e a representação são frequentes. O club de linguas nas escolas secundarias é quasi obrigatorio. A elle é que cabe a iniciativa das representações. Assisti a varias peças, levadas por alumnos e seguidas de chá e de verdadeiros recitales em que as canções foram executadas com bastante arte.

Uma peça do theatro classico francez levada, por occasião do Natal, pelas alumnas do "Barnard College" obteve um successo enorme e realmente merecido.

A preocupação maxima dos professores de linguas, hoje em dia na America, como aliás em todos os paizes da Europa, é de, conjunctamente com a lingua, ensinar a civilização do povo estrangeiro, cuja lingua se estuda.

Assim é que as escolas têm, na sua quasi totalidade, a sala-ambiente de francez, de hespanhol ou de italiano e até de latim!

Nessa sala, vêem-se lindos cartazes de turismo, distribuidos pelas companhias de estradas de ferro; armarios com alguns productos caracteristicos, sellos, albums de vistas, etc.; em estantes ao redor da sala, ou em armarios, figuram livros

com capas sedutoras, revistas, folhetos, jornaes, para a leitura complementar.

Nesse ambiente, a creança é levada a esquecer-se da lingua materna e do seu paiz. A curiosidade pelo povo estrangeiro é aguçada sensivelmente e o ensino se enriquece com um augmento consideravel de interesse. E' nesse ambiente, principalmente, que o alumno adquire o sentido da lingua estrangeira, o "Sprachgefühl".

Além disso, muitas escolas levam os seus alumnos, de classes superiores, em excursões adrede preparadas, afim de colherem estes documentação para o seu curso de linguas. Vi, por exemplo, turmas de alumnos com o professor visitando uma egreja gothica, porque estudavam a idade media na França.

Presenciei a uma aula num club francez, onde estavam expostos, a titulo provisorio, mais de dez quadros de "Louvre".

A preocupação de ensinar a civilização estrangeira é tão grande que encontrei em certas escolas, um curso de "general language", de um anno, servindo de introdução á lingua que o alumno pretendesse estudar mais tarde.

Esse curso, dado em lingua materna, pareceu-me desnecessario. Mais do que isso. Representa uma perda de um anno com relação ás linguas estrangeiras.

Os programmas officiaes proclamam a necessidade de se ministrar um conhecimento profundo da civilização estrangeira, repetindo a cada passo, com Coleman, que esse objectivo "is generally admitted to be one of the most significant of the modern language course". Porém, não aconselham o curso de "general language".

A pratica do laboratorio de linguas está, pois, generalizada nos Estados Unidos, embora esse nome seja empregado de preferencia na Europa. Nem lhe falta a consagração dos programmas officiaes, que se referem ao uso do phonographo e dos jogos e estabelecem até listas suggestivas de leituras supplementares (Reading list of 1927) e verdadeiros

guias para o ensino visual-auditivo. (Syllabus in civilization ano visual — aural instruction). E é, em grande parte, devido ao trabalho de laboratório que os americanos conseguem, máo grado a exiguidade de tempo reservado no curso secundario ás linguas (2 annos, geralmente) e máo grado a idéa de inutilidade que envolve essa cadeira, realizar pelo menos um objectivo: o de ler com facilidade e prazer a literatura estrangeira.

Bello exemplo para um povo como o nosso para o qual o conhecimento de linguas é uma condição essencial para attingir a cultura.

MARIA JUNQUEIRA SCHMIDT

#### CONSELHOS DA SAUDE PUBLICA

##### ADVERTENCIA OPPORTUNA

*Para muita gente occupada, "almoço rapido", é egual a "bife com batatas fritas e pão com manteiga". Mas a verdade é que um copo de leite, uma fructa, um sandwich de queijo e aface, por exemplo, constituem refeição não menos rapida e muito mais proveitosa. — IPES.*

## Para ler e reler

JOHN DEWEY

Provavelmente o maior e mais universal erro que commettemos todos é esquecer que a instrução é um meio necessario para tratar com situações reaes.

Ainda vamos quasi tão longe como suppôr que o espirito é naturalmente adverso á instrução, o que é o mesmo que imaginar que os órgãos digestivos são oppostos ao alimento e que hão de ser ou subordinados ou intimidados para fazer com elles alguma coisa.

Os methodos de ensino existentes subministram completa evidencia em apoio da opinião de que os espiritos são oppostos a apprender, por seu proprio exercicio.

Não vemos que tal aversão é na realidade uma condemnação de nossos methodos; um indicio de que apresentamos materiaes de que o espirito, em seu estado actual de desenvolvimento, não tem necessidade, ou de que os aprendemos com taes meios que occultamos a necessidade real.

Sigamos adeante. Sabemos que só um adulto pôde realmente apprender as coisas de que necessita o adulto.

Seguramente este se acha muito mais disposto, a apprender as coisas que lhe convêm a elle, quando seu appetite de apprender foi mantido desperto, do que depois que um regimen prematuro de alimentação adulta amorteceu seu ensejo de saber.

Somos de pouca fé e lentos em acreditar.

Estamos continuamente inquietos pelas coisas que nós os adultos conhecemos, e tememos que a creança não as

apprenda nunca, a menos que não tenham sido preparadas nella pela instrução antes que tenham para ella uma utilidade intellectual ou pratica.

Si chegassemos realmente a acreditar que attendendo ás necessidades do crescimento presente se manteria igualmente occupados ao mestre e ao alumno, e que se proveria tambem a melhor garantia possivel da instrução necessitada no futuro, a transformação dos ideaes poderia realizar-se prompto e outras mudanças appetiveis, se verificariam amplamente, de um modo espontaneo.

J. DEWEY

## Universidade Nacional de Ensino Technico Profissional Rural

Projecto do naturalista José Vidal para a Sociedade dos  
Amigos de Alberto Torres

Rio de Janeiro, 25 de abril de 1935.

Exmo. sr. dr. Helio Gomes, d. d. director tecnico da Secção de Educação da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres. Cordeaes saudações.

Distinguido por V. S., com a honrosa incumbencia de apresentar suggestões sobre sua feliz idéa da organização de uma Escola Superior de Ensino Rural, como torreano que me ufano de ser, cabe-me felicitar a esta Sociedade por mais essa promissora iniciativa, partida ainda, como tantas outras, de sen seio e é com o maximo prazer que accedo á solicitação que me é feita, embora reconhecendo a pouca valia da minha desautorizada opinião sobre tão magno quanto opportuno assumpto, encontrando, porém, como justificativa da acquiscencia, apenas a boa vontade que sempre me anima quando se trata de iniciativas e de assumptos de tal valor.

Procurei, para desincumbir-me da tarefa, estudar a questão sob diversos aspectos, levando em consideração os varios factores determinantes do progresso dos paizes vanguardeiros da civilização e da cultura, bem como das causas que vêm concorrendo para o retardamento lamentavel da marcha de nosso progresso, em evidente desharmonia com as nossas possibilidades, o que tudo me levou ás suggestões que se acham synthetizadas no schema que junto aqui para

Toda correspondencia para esta publicação  
deve ter este endereço: "Revista do Ensino".

— Secretaria da Educação.

submitter á apreciação dos preclaros membros directores da Sociedade.

A idéa da fundação de uma "Escola Superior de Ensino Rural", tal como a ideou V. S., é indubitavelmente acertadíssima, sómente quer me parece que dentro de uma Universidade — Universidade Nacional de Ensino Technico Profissional — ella melhor se enquadriaria e mais efficientes seriam os resultados collimados, em virtude das possibilidades, da conveniencia e da necessidade de aquisição de conhecimentos que intimamente se relacionam ao ensino rural e que seriam assim facilmente encontrados. Em essencia, nada viria prejudicar ou modificar a luminosa idéa de V. S., antes avultaria de importancia, vindo occupar na Universidade cuja organização proponho, o logar de destaque que lhe compete como resultante de todos os esforços empenhados no sentido do ensino rural em nossa terra.

A Universidade aqui esboçada, poderia assim ministrar aos professores que viessem se especializar na "Escola Superior de Ensino Rural", conhecimentos seguros sobre os diversos ramos de especializações de que depende a effiçencia do ensino e da educação ruralista.

Assim, a Escola por V. S. alvitada, viria figurar no systema universitario, uma vez que, visando a formação de educadores ruraes capazes de influir e de garantir o preparo efficiente de novas gerações, é de alcance popular rural e seria o connectivo entre essas gerações e os centros de educação e de instrução superior especializada, como o seriam os departamentos ou Secções que viessem a constituir a "Universidade Nacional de Ensino Technico Profissional", onde cada um daria vigor á mentalidade e obteria a *consciencia professional*, virtudes estas exceptionaes em nosso paiz onde, por isso mesmo, as fontes de produção e os agentes de trabalho têm estado num marasmo esteril e desolador.

A execução immediata de todo o plano, pelas suas gigantescas proporções, talvez se afigure impossivel deante das enormes difficuldades a vencer, porém, a magnitude do ideal será estimulo bastante para superal-as, mórmente quando norteadas pelos principios torreanos.

A sua fundação deve assentar sobre a pedra angular que é a immediata criação da primeira parte do plano (1 — Secção no schema) ou seja, a fundação da "Escola Superior de Ensino Rural", proposta por V. S., seguindo-se as demais Secções ou departamentos, para o que poderiam contribuir os serviços já existentes no paiz, taes como: escolas de agronomia, de veterinaria, patronatos agricolas, escolas profissionais, estabelecimentos de industrias, escolas de commercio, institutos scientificos, etc., etc., obedecendo tudo ao plano e directrizes que viessem a ser adoptadas pela Universidade, em prol do ruralismo nacional.

E' do dominio de todos que, em materia de ensino, em nossa terra, cada vez mais se faz sentir a necessidade de se organizar aquillo que até hoje nunca o foi — a Instrução e a Educação Rural. Sem mais indagar das causas determinantes de tão lastimavel estado, nem procurar os responsaveis que directa ou indirectamente collaboram, conscientemente ou não, nesta empresa, limito-me apenas a chamar a attenção para os effeitos perniciosos que têm trazido as pseudo-organizações e reorganizações, mesmo porque não desejo entrar em taes detalhes que constituiriam assumpto por demais vasto para ser aqui tratado e que devia afastar-me dos objectivos que fundamentam esta simples carta.

Deixando, pois, de lado taes organizações, reorganizações, reformas, etc., occupemo-nos de *organizar* a "Universidade Nacional de Ensino Technico Profissional rural", *abrangendo todo o complexo das exigencias ruraes*, especialmente a *Educação* e a *Instrução*, programma que com tanto acerto e desvelo vem sendo tratado pela Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, evitando-se assim a possibilidade da quebra da linha harmonica que caracteriza as directrizes torreanas, pela intromissão e possivel influencia de iniciativas dessa natureza, que, partidas de outras fontes, de modo desordenado e, quiçá, oportunista, seriam altamente prejudiciaes, inconvenientes estes que devem ser evitados, particularmente num campo ainda virgem como o é o do *Ruralismo*.

Aliás, empresa deste porte só pôde ser levada a effeito com beneficos resultados, por uma instituição de organização

superior, escoimada de interesses secundarios, como o é a Sociedade dos Amigos de Alberto Torres, cujos actos têm, por isso mesmo, resistido á critica parcial e destruidora, bem como á malediscencia tão em voga nos dias que passam.

Nada havendo de organizado ou em organização em materia de Educação e de Ensino Rural, abrangendo o problema em seu complexo, além daquillo já feito e em realização por esta Sociedade, tal iniciativa, partindo do seu seio para preencher tão grande lacuna, viria augmentar-lhe o já vultoso patrimonio moral e o acervo de serviços prestados á causa nacional, proporcionando, ainda, ao Brasil, a primazia de uma iniciativa sem par na America do Sul, o que é de real vantagem, mórmente numa época em que as nossas realizações, em geral, e no ensino em particular, se *patam pela politica mimetica das cousas exoticas, numa demonstração acabrunhadora de falta de capacidade creadora, de iniciativa, de comprehensão das nossas conveniencias e justas necessidades, de nosso indifferentismo pelas cousas nacionaes e, principalmente, de nossa preguiça mental. Resolver os nossos problemas com as soluções dos problemas olheios, eis a politica veneratoria que vimos adoptando.*

Enquanto os demais paizes procuram solucionar os casos de sua vida politica e social da maneira mais conveniente aos interesses proprios, utilizando-se, sempre que possível, da prata de casa, sem jamais perderem de vista e levarem na mais alta consideração as caracteristicas psychologicas de sua gente, condições climaticas e conveniencias de ordem economica; enquanto cada paiz de um mesmo continente e até vizinhos cream suas proprias escolas e mentalidade pedagogica, segundo as caracteristicas psychicas de seu povo, bem como as possibilidades economicas deste e se munem de recursos de ensino com material proprio, nós brasileiros vamos adoptando ou imitando as cousas alheias, particularmente no terreno educacional, sem que tenhamos, pelo menos, esboçado a formação da nossa mentalidade pedagogica, mau grado a diversidade dos methodos, processos e systemas de pedagogia peculiares a cada paiz (mesmo quando vizinhos ou sob a in-

fluencia directa de outros), constituir já uma advertencia de que todas aquellas escolas, processos, methodos e systemas são excellentes, porém, para os paizes que os crearam uma vez que se fundaram nas particularidades psychologicas e sociais de cada um.

Por isso a pedagogia allemã, que é tida como das melhores, não foi adoptada pela Italia, nem a França a copiou, assim como a Suissa, que creou a sua. Isso num mesmo hemispherio, no mesmo bloco e entre vizinhos. Sómmente no Brasil, situado noutro hemispherio, de clima completamente diverso ao daquelles paizes, de territorio tão vasto que sob a influencia de climas e de condições physicas as mais diversas, sem falar nos factores de ordem racial, obriga-nos a nelle reconhecer, embora de modo grosseiro, tres grandes typos de natureza anthropologica, physica e psychologica tão diversa, como o são os filhos do sul, do centro e do norte, havemos de adoptar todas as escolas de pedagogia, methodos, processos e recursos materias de ensino que nos queiram dar os demais povos, recursos esses que são ainda mal applicados em nosso meio. *Não somos mais do que machinas sob o controle e commando de cerebros exoticos. Rompamos de uma vez para sempre com essa pernicioso orientação e façamos da nossa independencia ideal alguma cousa de realidade.*

Levaram-me a idealizar o plano universitario, nos moldes aqui representados pelo schema, as conclusões resultantes do estudo comparado entre as causas geratrizes do progresso e da cultura dos paizes que marcham á vanguarda da civilização e aquelles que vêm perturbando o nosso progresso, em flagrante contraste com as nossas possibilidades, quer considerando o nosso potencial humano em estado de abandono uns, em latencia outros, quer levando em conta os nossos immensos recursos naturaes, situação geographica e posição politica em relação aos demais paizes sul-americanos, alliado tudo isso ao que a observação e a experiencia de alguns annos de convívio com educadores e com educandos e na apreciação desapaixonada das directrizes educacionaes e sociologicas em nossa terra me tem favorecido.

Neste estudo evidenciou-se logo que progrediram os paizes que *souberam* educar e instruir o povo, bem como difundir essa educação e instrução através do *Ensino Technico Profissional, em todos os graus e em todos os ramos de actividades, de modo a fazer de cada cidadão um elemento de produção consciente e consequentemente racional, porém, nunca uma simples machina de trabalho.*

Do engenheiro ao operario, do medico ao lavrador, todos, emfim, encontram nelles escolas preparatorias e especializadas onde possam seus filhos ingressar para obter conhecimentos e formar a *consciencia profissional* das especialidades a que se dediquem. Ha poucos dias o nosso illustre companheiro, dr. Humberto de Almeida, especialista em Silvicultura, mas mandado servir num cargo puramente burocratico... contou-me que em conversa com um relojoeiro, creio que allemão, este lhe dissera ter cursado, em seu paiz de origem, uma escola de preparação technica profissional do ramo de sua especialidade e exhibira, como prova de sua capacidade, ao envés de *pergaminho*, um relógio que levava no bolso e que por elle fôra feito a lima, peça por peça, permitindo esse trabalho fosse elle considerado pela escola um perfeito profissional. E assim é em quasi todos os paizes da Europa onde ha escolas para tudo, e tambem nos Estados Unidos da America, que mantêm até innumeradas escolas de correspondencia das quaes se utilizam os paizes de condições educacionais precarias como as nossas.

Exemplos magnificos de tão acertada politica nos dão a Allemanha, a Italia, a França, a Suissa, ultimamente a Russia e muitos outros, todos padrões de progresso, a despeito da diversidade de credos politicos que adoptam e *isso porque todos têm, além daquelles, um credo commum, que é o da Educação e o da Instrução popular sob todos os aspectos e graus.* Ha, porém, um paiz que sobresahe a todos como demonstração viva de quanto pôde a politica da Educação Technica Profissional, bem orientada, pelo exemplo frizante que nos dá de que pôde e deve diligenciar cada paiz para formar sua propria mentalidade e cultura, o que não impe-

de de ir buscar noutra parte os elementos julgados necessarios e que lhe faltam para realiza-la. Esse paiz é o Japão. Paiz insular, soffrendo a cada momento os rigores de sua natureza geologica, hontem considerado barbaro, vivendo isolado do chamado mundo civilizado que lhe movia, e ainda move guerra, pelo preconceito racial, considerado povo de raça inferior, preso ás tradições millenares e em contacto com povos mais atrazados do que elle, o japonês, do dia para a noite, poude, num esforço ingente, transformar o seu paiz numa das maiores potencias do seculo, graças á instrução e á educação, *principalmente á educação technica profissional generalizada, provando assim que o valor de uma raça ca de um povo se traduz por uma capacidade que é a junção de sua educação physica, moral, intellectual, e, sobretudo, profissional.*

Exercito, armada, industrias, agricultura, commercio, sciencias e letras, tudo emfim que caracteriza os grandes povos, elle o conseguiu pela Educação e pelo ensino technico profissional ministrado em todos os sectores das actividades de seu paiz. *Isso é o que precisamos e devemos fazer quanto antes.*

Emquanto se verificam esses factos em paizes que fizeram sua grandeza nacional, lutando muitas vezes contra os maiores obstaculos e em situações geographicas nem sempre favoraveis, como succede na Europa, onde a agricultura e outras actividades só se operam durante seis mezes por anno, e ainda assim á custa de enormes sacrificios; emquanto se constata no bloco continental europeu a interferencia constante e perturbadora dos povos vizinhos, sem que isso, de modo algum, apague ou emorega as características peculiares a cada um delles, em nosso paiz, onde tudo é favoravel — do clima ao homem — e não ha absolutamente aquellas interferencias, quasi nada temos feito de iniciativa genuinamente nacional e com o *nefasto systema das imitações, com a nossa preguiça mental, falta de iniciativa pelo abuso de confiança em nossa intelligencia, deterrinamos a importação incondicional de cousas e de homens exóticos, a defor-*

*mação e consequente anulação das características nacionais, dificultando, pelos mesmos motivos, a verdadeira solução de nossos próprios problemas, que se agravam cada vez mais.*

Paiz colonial. Eis a nossa paradoxal situação em face dos compromissos materiaes e dependencia intellectual que nos prendem e nos escravizam ao estrangeiro, tudo pela falta de descortino administrativo, legislativo e de actuação social, resultantes estas da falta de educação apropriada e bem dirigida em todos os sectores das actividades nacionaes para que fizessem do nosso homem, de qualidades de intelligencia, de acção e de habilidade incontestavel, um profissional consciente de seus actos e deveres sociaes e consequentemente um poderoso elemento de progresso em vez de simples e mal tratada machina de trabalho.

Por tudo isso e por outros motivos que seria fastidioso aqui tratar, penso que nada de util se poderá fazer de modo apreciavel ao homem e á nação, emquanto não fôr atacada a solução do grave e fundamental problema da educação e da instrução, principalmente no sector do ensino tecnico profissional rural, onde nada se pôde fazer ainda de utilidade apreciavel nem parece haver indício de tal, conforme se pôde deduzir das ultimas reformas e iniciativas educacionaes, todas dirigidas no sentido de assistencia URBANA, e ainda assim, unilateralmente, com a criação de institutos e de universidades para servirem a uma cidade que, por si mesma, é já um grande centro de educação e de instrução, embora incompleto e mal orientado, deixando-se de lado, como si nada merecesse, e sempre esquecido, o trabalhador rural, como que a *insistirem na nefasta politica de desviar o agente de trabalho das fontes de produção*, obrigando-o por esse modo a procurar nos centros urbanos aquillo que lhe falta, e *que é tudo*. Nem se lembram os responsaveis por tão tristes occurrencias, de que o conforto de que desfractam e o esplendor das cidades — em que vivem do trabalho ou do parasitismo — é o reflexo do esforço incompensado e soffredor do modesto trabalhador rural que, doente, inculito e desamparado, *tem sido e é o verdadeiro esteio*

*da nacionalidade*. E' elle que proporciona, pelos seus ingentes esforços, o relativo direito de se poderem expressar os moços bonitos das avenidas com as já sedicãs phrases, ditas com arrogancia e com orgulho de uma grandeza para a qual não trabalharam nem sequer cooperaram: "Paiz essencialmente agricola", "Futuro celeiro do mundo", e muitas outras.

Emquanto isso vamos importando até aquillo que nos dá apenas o trabalho de apanhar — o pescado quando bem o poderiamos exportar, com real vantagens. Não sabemos como será possível constituir-se o paiz em "celeiro do mundo", sendo o nosso homem rural desamparado como se acha e valendo-se ainda dos processos rotineiros de seus antepassados; nem de que modo se possa chegar a ter uma agricultura pujante, si nos faltam verdadeiros agricultores; nem como fazel-os sem escolas preparatorias e especializadas. Quando se fala em escolas de agronomia e de zootechnia, surge logo a idéa de escolas para formar agronomos e veterinarios. Jamais se lembram de que essas escolas *deveriam ser fundadas para attender á educação do agricultor e do criador, desde o simples cultivador até o grande fazendeiro, creando-se para isso diversos graus e modalidades de ensino especializado, segundo as conveniencias profissionais de cada um*.

Ao contrario disso, fazem-se mestres para escolas que não existem, infelizmente. Formam-se especialistas para attenderem a especialidades que ainda não possuímos nem poderemos possuir, porque faltam os elementos que a favoreçam, e que são, fundamentalmente: *trabalhadores profissionais conscientes*. Como se applicar o especialista num paiz em que o trabalhador rural, desamparado na ardua luta do cultivo da terra, ainda conserva os mesmos processos que lhes vêm de seus antepassados, que nada sabe de sementes seleccionadas, de adubos chimicos, de irrigações artificiaes, de tractores, da importancia das florestas na agricultura, nem de todo um arsenal de apetrechos que a sciencia moderna tem produzido *nos paizes em que a educação techni-*



*ca profissional é um facto e o trabalhador, rural ou não, um homem de acção consciente.*

O que esperar desses especialistas, numa terra em que o homem continua a queimar os campos, a destruir as florestas, mesmo aquellas de que depende o exito de suas futuras colheitas? Como comprehender ao tecnico especialista, si esses homens, ao surto das pragas e males na criação, recorrem ainda ás sympathias, ás rezas e ás benzeduras para debellar os males? Como esperar que applicquem os recursos modernos aconselhados pelos technicos si tractores, aparelhos e instrumentos de trabalho, os mais simples, são ainda todos importados e de custo elevadissimo, e si o pouco que lhes rende o trabalho agrario é quasi que inteiramente absorvido pelo intermediario? Por outro lado, as novidades que lhe chegam de fóra, sobre agricultura, são as que encontram nos conselhos aos lavradores (isto quando sabem ler), publicados em almanaks e folhinhas de reclame que lhe vão ás mãos e que nem sempre são judiciosos e ás vezes transcriptos servilmente de livros oriundos de paizes de climas e de condições agronomicas oppostos ás nossas.

O que existe na literatura nacional especializada (e outra não ha ao alcance do lavrador), está escripta em linguagem não ao alcance da precaria cultura do homem rural (quando não foge mesmo á percepção dos illustrados das cidades), falando-lhes em Genetica, em Linhagem, de Cerambycideos, de phosphatos, de helio-tropismo, e de muitas outras cousas bonitas ou mais ou menos complicadas mas inúteis no caso. *Entre o actual trabalhador rural e o tecnico vae um immenso abysmo. Falta um elemento de connexão entre esses poderosos agentes de produção e de progresso. Esse connectivo é a educação technica profissional em todos os graus e, em todos os ramos de actividades, ruraes ou urbanas.* Só ella permitirá a cada um o CONSCIENTE e indispensavel DESCORTINO profissional que é resultante da CONSCIENCIA dos actos individuaes. Sómente por esse meio poderá o trabalhador, rural ou não, valer-se utilmente dos especialistas e só assim poderá este servir convenientemente e proveitosamente áquelle.

O nosso homem do campo, como o de qualquer outro meio, demonstra vivo interesse em aprender. Si porém o que lhe ensinam não estiver ao alcance de sua percepção elle desiste definitivamente. Si ainda qualquer ensinamento, por falta de clareza, venha a ser mal comprehendido e applicado erradamente, será peor, pois dahi resultará a desconfiança e a descrença, que difficilmente poderá ser depois afastada de seu espirito naturalmente desconfiado.

Mas, como existir essa clareza e segurança de applicação, si, em geral, o nosso trabalhador nem sequer sabe formular suas consultas e si attendidas estas, pelos especialistas, não seriam por aquelles comprehendidas, dada a sua efficiente ou absoluta falta de instrução e de educação technica profissional? E quantas vezes essas consultas são formuladas com falsos dados resultantes de falhas de observação e má apreciação dos phenomenos e dão causa a soluções contra indicadas, concorrendo para o descrédito dos processos e conselhos scientificos e para a desmoralização da efficiencia dos technicos, por parte de quem não soube bem orientar-se na consulta feita. Como attenuar ou banir esses males? Collocando ao lado de cada trabalhador um tecnico especialista? Impossivel e absurdo. Todavia, é o que parece quereremos pretender, uma vez que se cuida da criação de escolas de alta especialização para uns poucos elementos que irão doutrinar e dirigir, muitas vezes fóra das realidades ambientes, toda uma população inculta e incapaz de comprehendel-os.

E' assim que surgem diversas escolas urbanas de ensino especializado e deixamos toda uma população rural ao abandono. Numerosos especialistas em assumptos de agropecuaria se formam e por ahí ficam, como que suspensos, por falta de articulação entre elles e as classes trabalhadoras ruraes de modo a lhes permittirem uma acção util e proveitosa á collectividade, onde as escolas como meio de conexão entre os especialistas e as demais classes trabalhadoras de proletariado rural e urbano? Onde as escolas de preparação elemental profissional para as classes conservadoras attendendo aos diversos ramos de actividades? Como, pois,

esperar um trabalho productivo, racional e evolutivo por parte destas classes? Como esperar que os serviços de alta especialização possam ser uteis ás finalidades previstas, si não ha como applical-os?

Quando se fala em assistencia visando a melhoria das condições de vida rural, surgem logo programmas, projectos e toda uma série de providencias e medidas (nunca de caracter educacional), visando exclusivamente a agricultura e a pecuaria como si estas fossem tudo e *pudessem viver e prosperar sem as demais actividades correlatas*. E' isso um reflexo da percepção unilateral que tem caracterizado os actos de nossa administração no encarar os problemas da vida social e economica, do que tem resultado o desperdicio e dispersão de nossas energias, as quaes, mesmo no estado actual de cousas, si fossem bem aproveitadas, poderiam proporcionar-nos bem melhores dias. Mas a falta de taes providencias e acção despreocupada dos responsaveis, longe de nos favorecerem, hão de cada vez mais concorrer para o nosso definhamento economico cujos effeitos aggravantes vão augmentando proporcionalmente o nosso já permanente desequilibrio financeiro e economico acarretando consequencias que procuramos encobrir ou atenuar com o uso e o abuso dos impostos e taxas alfandegarias, politica esta a que bem poderíamos chamar — *Egophagica*.

Agora mesmo, quando se ensaia o augmento dos subsídios do funcionalismo publico (inteiramente fóra de oppor-tunidade), foi lembrada a taxaço de diversos artigos de modo a possibilitar (?) os fundos necessarios a taes augmentos, entre os quaes (artigos) figuravam o tamanco (calçado do pobre e industria rural), o trigo (base da alimentação humana), o lapis e o papel (instrumentos de educação e de cultura).

Curiosa politica essa de facilitar a vida augmentando o preço do pão já tão escasso nas classes pobres. Elevar o custo do tamanco e mandar que andem calçados os trabalhadores como medida prophylatica. Fazendo subir o preço do lapis e do papel num paiz em que a educação é quasi que impossivel, dado o vulto do seu custo aos interessados di-

rectos. E assim vamos procurando resolver os nossos problemas, fiados em que Deus seja brasileiro!

Não podemos nem devemos no esquecer de que a agricultura não poderá viver nem prosperar isoladamente; nem será possivel realizal-a convenientemente o homem opido, empaludado e sem recursos materias de que ella é dependente, muitos dos quaes são fornecidos pelas pequenas industrias ruraes em completo abandono, quando não ignoradas. Para se fomentar e se desenvolver a agricultura é preciso, além da educação profissional, tambem activar, amparar e desenvolver as actividades correlatas, bem como dar assistencia sanitaria e recursos materias ao homem do campo. Mas não basta isto; *é tambem necessario proceder á articulacão de todas as fontes de produçãõ e elementos de trabalho, bem como estimular novas produções, sem esquecer de cuidar da cooperaçãõ indispensavel como recurso capaz de proporcionar, com aquelles factores, as verdadeiras e solidas bases da economia, uma vez que é o cooperativismo o proprio espirito e fundamento das organizações sociaes.*

\*

No plano Universitario que elaborei e aqui apresento sob forma schematica, procurei encerrar e associar, como é de conveniencia indispensavel, todos os aspectos da vida social, particularmente sob o ponto de vista rural, de modo a que sua acção se faça sentir vigorosamente e tenha preponderante influencia em todas as cellulas do conjunto social, excitando-as, estimulando-as, capacitando-as e coordenando-as no sentido dos esforços de umas se associarem ás demais e assim poderem proporcionar o potencial ao indispensavel regimen do bom funcionamento da machina (Estado), através do conjunto de seus elementos — as populações.

Mas si é verdade que se faz sentir a necessidade de se dar capacidade de trabalho ao homem, não o é menos dar trabalho a esse homem, proporcionar-lhe as fontes de produçãõ, recursos de trabalho e applicação respectiva dos productos. Esta é das principaes funcções da 6.ª Secção do schema (Secção de pesquisas e de estudos dos problemas eco-

nomicos e sociaes, constituídas pelo conselho tecnico da universidade e secundada pelo apoio da 5.ª Secção — Engenharia e Saude).

\*

Precisamos preparar as novas gerações para a luta pela vida, ministrando-lhes a educação e a instrução individual conveniente para sua propria defesa e pela commu-nhão geral, tal como acontece nas organizações militares em que cada soldado aprende a se defender para formar as corpos de exercito capazes de defenderem a collectividade nacional.

#### *Do conjunto universitario*

Conforme se verifica do schema, compor-se-á a *Universidade* de 5 Secções ou departamentos de *ensino tecnico em todos os graus e abrangendo todos os ramos de actividades ruraes* e uma Secção ou departamento superior de *Pesquisas e altos estudos economicos e sociaes*. Esta ultima seria formada pelo *Conselho Technico da Universidade*. Esse grupo de Secções ou de departamentos, gyra em torno de um *eixo director*, articulado em tres partes, distinctas apenas pelas funcções:

1 Directoria administrativa;

1 Directoria technica; e

1 Directoria de publicidade e propaganda, á qual ficam subordinados: Bibliothecas, Museus, Exposições, Imprensa da Universidade e tudo mais quanto se relaciona á publicidade, quer através de impressos, quer de conferencias, Radio, Cinema, etc., Salas de cursos, informações, negociações para cursos itinerantes, permutas bibliographicas dentro e fóra do paiz, etc., etc.

A' Directoria Technica compete a direcção das 5 Secções technicas especializadas, sendo a 6.ª Secção a unica soberana em suas directrizes, por isso que é formada pelo *Conselho Technico da Universidade*. Essas tres Directorias ficariam sob a presidencia do *reitor* com voto de Minerva.

#### *Das Secções*

1.ª Secção — Destina-se á formação de professores para o ensino rural. Comprenderia os seguintes cursos:

a) curso para a formação de professores ruraes — 3 annos;

b) cursos de aperfeiçoamento de professores para o ensino rural — 1 anno;

c) cursos de especialização de ensino rural — 6 mezes;

d) cursos de extensão para professores ruraes — 3 mezes.

— Esta Secção seria a *Escola Superior de Ensino Rural*.

2.ª Secção — Teria como finalidade o preparo tecnico profissional de agricultores e de criadores, mediante cursos de:

a) ensino elementar agronomico — 6 mezes;

b) ensino elementar zootechnico — 6 mezes;

c) ensino secundario agronomico — 1 a 2 annos;

d) ensino secundario zootechnico — 1 a 2 annos;

e) ensino superior agronomico — 3 annos;

f) ensino superior zootechnico — 3 annos;

g) curso de agronomia especial — 1 anno;

h) curso de zootechnia especial — 1 anno;

i) cursos de extensão: agronomia e zootechnia;

j) *cursos rapidos pelo interior do paiz*;

k) *clubs de agricultores e de criadores*, etc.

3.ª Secção — Seria para o ensino profissional industrial rural, taes como:

a) pequenas industrias caseiras;

b) pequenas industrias ruraes;

c) cursos regulares de industrias ruraes;

d) especialização industrial;

e) aperfeiçoamento;

f) industrias especializadas;

g) novas industrias ruraes, etc., etc.

4.ª Secção — Ensino tecnico profissional de commercio e propaganda de productos ruraes:

- a) commercio ambulante;
- b) commercio estacionario;
- c) varejista;
- d) atacadista;
- e) commercio de importação;
- f) commercio de exportação;
- g) commercio especializado, etc., etc.

5.ª Secção — Seria de alta especialização de medicos e de engenheiros que quizessem dedicar-se aos problemas de saude e de engenharia rural e cuidaria da formação technica especializada de:

- a) enfermagem;
- b) primeiros socorros (para professores e outros interessados);
- c) hygiene rural popular;
- d) hygiene domestica e individual;
- e) hygiene alimentar;
- f) cozinha scientifica.

— Na parte de alta especialização teriamos:

- a) molestias tropicaes;
- b) educação physica;
- c) saneamento rural;
- d) pharmacopéa rural, etc., etc.

Finalmente, teriamos a 6.ª Secção, que seria constituida por todo o corpo technico da Universidade, e teria como principaes funcções *realizar pesquisas de interesse educacional agronomica, zootechnica, industrial, commercial, de saude, de engenharia, etc., e estudos especiaes dos problemas economicos e sociaes, como:*

- a) immigração e povoamento;
- b) viação e saude;
- c) habitação rural e sua melhoria;
- d) fomento á agronomia, á pecuaria, ás industrias e ao commercio rural;
- e) sem trabalho;
- f) reforestamento em geral e economico em particular;

- g) protecção á natureza;
- h) reservas naturaes, seu aproveitamento e exploração;
- i) inventos e aperfeçoamento de machinaria agricola, industrial e em geral;
- j) economia rural;
- k) defesa nacional;
- l) geographia economica;
- m) biologia especial, applicada e experimental;
- n) seccas e açudagem;
- o) direito rural;
- p) cooperativas, etc., etc.

#### *Dos assumptos*

Botanica elementar, geral, experimental, especulativa e applicada; horticultura; pomicultura; floricultura; vinicultura; plantas textis, oleogineas, tintoriaes, taniferas, forrageiras, industriaes, ornamentaes, medicinaes, florestaes, toxicas, etc.; madeiras de construcção civil e naval; jardins; hortos; parques botanicos e biologicos; adubos chimicos e verdes; pastagens; reforestamento e silvicultura; irrigação natural e artificial; selecção de especiaes vegetaes e de sementes; meteorologia e climatologia agricola; adaptação e melhoria de culturas; plantas indigenas, seu aproveitamento e melhoria; defesa vegetal e meios de combate; colheita, selecção, immunização, embalagem e conservação dos productos; correspondencia e intercambio agricola; estatistica e contabilidade agricola; cooperativas agricolas; bancos ruraes de credito agricola, etc., etc. Zoologia elementar, geral, especial, experimental, especulativa e applicada; criação bovina, equina, suina, caprina, avicola, apicola, sericicola; piscicultura, pesca e caça; aguadas e pastos; estatistica e contabilidade pastoril; defesa animal, meios prophylaticos e de combate; climatologia zootechnica; adaptação, melhoria e selecção animal; transporte e seguro de animaes; zootechnica industrial e commercial; *envernadas, estancias, etc.*; hospitaes veterinarios ruraes; postos ruraes de inspecção e de assistencia zootechnica; industria de lacticinios, de vinhos, de

licores, de alcool, de conservas, de trançado, da ceramica, da tecelagem, de pelles e couros, de machinaria e de instrumental agricola, pastoril e de applicação rural em geral; de pesca, de caça, doceria, etc., etc. Cooperativas e bancos de credito industrial; commercio de lacticinios, de conservas, de doces, de carnes, de fructas, de legumes, de verduras, de materias primas, de bebidas, de peixe, de caça, de ceramica, de pellearia, de couros, do trançados; commercio ambulante e estacionario; commercio atacadista e retalhista; commercio de importação e de exportação, interno e externo; cooperativas e bancos de credito mercantil, etc., etc. hygiene rural; prophylaxia rural; hygiene individual e da habitação; hygiene alimentar e educação physica; educação sexual; medicina caseira; primeiros socorros (emquanto não vem o medico); enfermagem; assistencia medica e dentaria; pharmacopéa rural; ambulatorios e hospitalização rural; saneamento rural; molestias tropicaes, propaganda sanitaria, cooperativas de assistencia medica, etc., etc.; habitação rural; predios escolares ruraes; aguas e exgottos; engenharia sanitaria; levantamentos e explorações (do solo e sub-solo); engenharia de minas; engenharia industrial rural; mechanica agricola, pastoril e industrial; illuminação publica e domestica rural; ensino elementar profissional rural; ensino tecnico profissional secundario; superior, especializado, de aperfeiçoamento, de extensão e de alta especialização; ensino itinerante; legislação rural; economia rural e domestica; estatistica e contabilidade domestica; pequenas industrias ruraes e artes applicadas; musica, artes e litteratura popular rural; commercio e propaganda; geographia economica; psychologia educacional; alimentação racional e economica; dietetica; puericultura; hygiene alimentar; elementos de geologia agricola, e extractiva; botanica e zoologia applicadas; biologia geral elementar e hydrobiologia em particular; elementos de biologia applicada; chimica agricola, mineralogica e industrial; historia natural; museus escolares de hist. natural; museus regionaes; museus commerciaes; pedagogia industrial; industria de material pe-

dagogico; educação physica; protecção á natureza; reflorestamento em geral e economico em particular; clubs agricolas; clubs agricolas escolares; clubs de protecção á natureza; clubs de actividades ruraes; cooperativas escolares; bibliothecas escolares; bibliothecas tecnico profissionaes especializadas; bibliothecas municipaes; bibliothecas ambulantes, etc.; avicultura geral, especial, extractiva, industrial e commercial; immigração e povoamento; fixação do homem á região; secas e açudagem; viação e transportes; defesa nacional; colonização nas fronteiras; colonias militares; influencias racioes, etc.; banditismo (meios de combate ao); policia rural; guardas florestaes, etc., etc.

(N. B. — Por falta de tempo, a relação supra fez-se em desordem).

São estas em linhas geraes as considerações e schema que venho aqui apresentar a V. S. para que examine e se achar o trabalho digno de estudo submetta-o á apreciação do Conselho Director da Sociedade dos Amigos de Alberto Torres.

Si não consegui desincumbir-me a contento do encargo com que V. S. me honrou, seja-me licito ao menos invocar a falta da necessaria competencia, a maxima boa vontade que me animou na elaboração deste trabalho e ainda a exiguidade de tempo de que dispunha.

Rio de Janeiro, 25 de Abril de 1935.

(a.) — José VIDAL, *naturalista*.

## CONSELHOS DA SAUDE PUBLICA

### PEQUENO CONSELHO

*Para equilibrar seu orçamento, não desequilibre sua alimentação. Corte fundo em guloseimas, economize na carne, de modo a deixar uma boa verba para leite e verduras — alimentos protectores da saude. — IPES.*

# Cordialidade argentino-brasileira

(Comunicado da Directoria Geral de Informaçoēs, Estatística e Divulgaçoão do Ministerio de Educaçoão e Saude Publica)

Entre as captivantes demonstraçoões de cortezia com que commerorou o povo argentino a recente visita do Presidente do Brasil, merece especial mençoão o luxuoso album de aspectos escolares offerecido ao nosso primeiro magistrado pelo "Consejo Nacional de Educacién".

O volume alludido, ricamente encadernado, em couro da Russia, tem as dimensões de 43x34 centimetros, e acha-se acondicionado em artistico estojo de madeira e de vidro.

Na capa, dois medalhões dourados ostentam, lada a lado, os escudos da Argentina e do Brasil.

Na primeira pagina, uma expressiva allegoria exhibe as figuras de duas creanças, uma brasileira e outra argentina, em palestra cordial, sob o olhar de uma mulher de azas que se esbate, vaporosa, no segundo plano, symbolizando a imagem da Paz. Sob o desenho collorido, lê-se, apenas, a sentença immortal de Roque Saens-Peña: "Todo nos une, nada nos separa".

Vem em seguida um esplendido retrato em cores de Domingos Sarmiento, primeiro presidente do "Consejo Nacional de Educacién" e, logo depois, um aspecto do mesmo Conselho, reunindo em sua sala de deliberaçoões.

Dahi por deante, succedem-se photographias de educandarios com suas salas de classe repletas de creanças de semblante alegre e sadio, iniciando-se a serie dessa suggestiva documentaçoão das actividades escolares com primorosas vistas das Escolas "Republica do Brasil" e "Sete de Setembro".

O Sr. Ministro da Educaçoão e Saude Publica confiou á guarda da Bibliotheca da Secretaria de Estado o precioso volume, destinado a perpetuar a lembrança dos dias gloriosos para a America, que se vêm succedendo, desde que a troca de visitas entre os Chefes de Estado, robustecendo as tradiçoões de amizade intercontinental, revelou, mais uma vez, ser a senda da concordia o caminho mais curto para salvar o mundo das apprehensões que, sus-

citadas alhures pela falsa comprehensão dos destinos humanos, fazem recluir para a sociedade civilizada um futuro incerto e ameaçador.

Outro interessante documento dessa atmospheria bemfazeja que acaba de se firmar pela dissipação das ultimas nuvens que pairavam sobre os destinos do continente, é a mensagem que dirigiram á nossa mocidade escolar, por intermedio do nosso supremo magistrado, os corpos directivo, docente e discente da Escola "Alfredo Lanari".

Ilustrado com a figura da Paz e uma corõa em que se entrelaçam fitas com as cores argentina e brasileira, contém esse pergaminho mais de uma centena de assignaturas e pede que o Chefe da Nação Brasileira faça chegar ao conhecimento de todas as creanças deste paiz os votos que formulam os corações argentinos para que se consiga, á sombra das duas bandeiras unidas, a pacificação completa e permanente da America, de modo que a infancia

desta parte do mundo possa usufruir com plenitude "todos os beneficios do progresso pacifico, ao abrigo das lagrimas e do sofrimento".

Em memoravel conferencia que realizou nesta Capital, ás vespe-

ras do centenario da nossa emancipação politica, o eminente demographista portenho Alberto Martinez Avellaneda, em 1922, a um colloquio entre Avellaneda e D. Pedro II, recordando certa expressão do primeiro daquelles estadistas, a proposito do futuro da America, considerado por Nicolau Avellaneda um mysterio que cumpria decifrar á força de amizade e de paz.

Isso importa em affirmar que se encontra a chave do problema dos destinos da America na educaçoão da juventude, depositaria do legado de concordia que lhe transmittirão as geraçoões adultas de hoje e responsavel pela conservaçãõ desse patrimonio que lhe cumpre enriquecer e aperfeçoar no futuro.

A mensagem da Escola "Alfredo Lanari" constitue, sob esse aspecto, um documento confortador e precisa ser amplamente divulgada para encontrar a resonancia merecida e esta não lhe faltará nos jovens corações brasileiros que lhe repetirão, cheios de affecto, as palavras tocantes, como o velho imperador reproduziu, no dizer de Martinez, formulando uma promessa de perenne amizade, o conceito, que era afinal uma prophécia, do glorioso estadista argentino.

Traductor publico juramentado

*Prof. Wolfgang Apfel*

Encarrega-se, mediante preços previamente combina-  
dos, da traducção de livros, artigos, documentos,  
etc. — em francez, inglez e allemão.

Rua Carijós n. 108 -- C. Postal n. 576  
Tel. n. 4028 -- **Bello Horizonte**

ASSIGNATURA DA "REVISTA"

Anno . . . . . 24\$000

Semestre . . . . . 12\$000

Numero avulso, 2\$000

Collecção de um anno. . . . . 25\$000

Os pedidos devem ser enviados á Directoria  
da "Revista do Ensino", na Secretaria da  
Educação e Saude Publica, Bello Horizonte.

## Indice geral

(2.º TRIMESTRE DE 1936)

ABRIL

	PAGS.
A NOVA ADMINISTRAÇÃO DO ENSINO — <i>Redacção</i> . . . . .	3
PRE-HISTORIA DA PEDAGOGIA ACTUAL — <i>Benjamin Ramos Cesar</i> . . . . .	12
A PROFISSÃO — <i>Firmino Costa</i> . . . . .	17
A HIGIENE DENTARIA NAS ESCOLAS — <i>Alice de Andrade Santiago</i> . . . . .	21
CONSIDERAÇÕES EM TORNO DO ENSINO — <i>João Rezende da Costa</i> . . . . .	25
O QUE É, O QUE NÃO É... — <i>Abel Faqundes</i> . . . . .	29
ESTUDO EM TORNO DAS EMOÇÕES — <i>Natr Starling</i> . . . . .	31
JULGAMENTO OBJECTIVO (Notas Semanaes) — <i>Oscar Arthur Gutmarães</i> . . . . .	34
A AVICULTURA NA ESCOLA PRIMARIA — <i>Pearli M. Wrigthe Louis G. Boch</i> . . . . .	37
INSPECÇÃO DO ENSINO EM PORTUGAL — <i>Aurea Judith do Amaral</i> . . . . .	48
ORGANIZAÇÃO E EDUCAÇÃO DO BRASIL RURAL PELAS COLONIAS-ESCOLAS — <i>M. A. Teixeira de Freitas</i> . . . . .	75
TENDENCIAS RECENTES NA EDUCAÇÃO DOS ANORMAES — <i>Christine P. Ingram</i> . . . . .	82
CENTRO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO ETHNICA . . . . .	94
UNIVERSIDADE DO DISTRICTO FEDERAL . . . . .	96
FORMAÇÃO DE TECHNICOS PARA OS MUSEUS BRASILEIROS . . . . .	99

	PAGS.
THEORIAS DA HISTORIA DO BRASIL — <i>Affonso dos Santos</i>	108
LITERATURA INFANTIL (Exercícios escolares) — <i>Glaucia Maria de Carvalho</i> . . . . .	113
BIBLIOTHECA INFANTIL — <i>Maria Suzel de Padua</i> . . . . .	127
EDUCAÇÃO SANITARIA — <i>Abel Fagundes</i> . . . . .	131
EDUCAÇÃO PHYSICA NA ESCOLA PRIMARIA — <i>Diumira Campos de Paiva</i> . . . . .	134
CREANÇA E ADULTO — <i>José Americo da Costa</i> . . . . .	148
A IMPORTANCIA DO DESENHO COMO AUXILIAR DO PROFESSOR — <i>Clelia D. de Resende</i> . . . . .	151
HORA DE HISTORIAS — <i>Gilberto Guaracy</i> . . . . .	154
EXCURSOES ESCOLARES — <i>Guiomar Silva</i> . . . . .	157
PLANO DE EXCURSAO — <i>M. da Conceição Cabral de Vasconcellos</i> . . . . .	166
AUDITORIO — <i>Maria do Rosario Oliveira</i> . . . . .	169
UM TRABALHO EM DUAS CLASSES DO 1.º ANNO — <i>Lygia de Araujo</i> . . . . .	173
ACTIVIDADES PROVEITOSAS — <i>Alice Moura</i> . . . . .	175
ESTUDOS INTERESSANTES — <i>Leopoldina Maia</i> . . . . .	178
VISITA DE PROFESSORES A'S CLASSES — <i>Francisco Manoel do Nascimento</i> . . . . .	181
O ENSINO NA ALLEMANHA — <i>Jules Isaac</i> . . . . .	195
CONTRIBUIÇÃO PARA O ENSINO DA ESCRIPTA NA ESCOLA PRIMARIA — <i>Ormindá Isabel Marques</i> . . . . .	204
CIVILIZAÇÃO E ESCOLAS — <i>Anisio Teixeira</i> . . . . .	239
PSYCHOLOGIA VIVA — <i>Charles Baudouin</i> . . . . .	244
O ENSINO SCIENTIFICO DAS LINGUAS MODERNAS — <i>Maria Junqueira Schmidt</i> . . . . .	249
PARA LER E RELER — <i>John Dewey</i> . . . . .	261
UNIVERSIDADE NACIONAL DE ENSINO TECHNICO PROFISSIONAL RURAL — <i>José Vidal</i> . . . . .	263
CORDIALIDADE ARGENTINO-BRASILEIRA . . . . .	282
INDICE GERAL DO 2.º TRIMESTRE . . . . .	285

## LIVROS DE LEITURA DE JOÃO KOPKE

Adoptados oficialmente pelo Governo do Estado de Minas

Nova serie, inteiramente revista e melhorada, de conformidade com a nova orientação pedagogica do ensino primario em Minas, pela Exma. Snra. D. Lucia Monteiro Casasanta, professora de methodologia da Escola de Aperfeiçoamento de Bello Horizonte.

2.º anno: Historias de creanças e animaes.....	2\$500
3.º anno: Historias de meninos na rua e na escola .....	3\$000
4.º anno: Historias que a mamãe contava.....	3\$000

Editores: Livraria Francisco Alves  
Rio, S. Paulo e Bello Horizonte



## ESCRITORIO DE PROCURATORIOS

DE

**Apigáua Paulo Guilherme e Afonso Ferreira Paulino**  
**brasileiros, casados, residentes na Capital**  
**ANNEXO A CASA BANCARIA Dr. Antonio Ferreira Paulino**

Extracção de títulos. Remoções. Licenças. Férias especiaes. Certidões. Aposentadorias. Adicionaes sobre vencimentos. Gratificações regulamentares. Material escolar. Matricula na Escola de Aperfeiçoamento. Diarias. Previdência dos Servidores do Estado, a saber, inscrição na Sociedade; resgate e adeantamento, sem juros, de empréstimos da mesma.

Quaesquer serviços perante as repartições publicas

**Rua Rio Grande do Norte, n. 641 -- Tel. 3030**

**C A P I T A L**

## ESCRITORIO DE ADVOCACIA E PROCURATORIOS

**Carlos da Cunha Corrêa e Carlos Alberto Corrêa**

Encarregam-se de todos os serviços perante Repartições publicas estaduais, especialmente o processado de aposentadoria consoante o novo Decreto.

Remettem antecipadamente os vencimentos de constituintes permanentes, de accordo com as normas estabelecidas pelo escriptorio.

**PEÇAM PROSPECTOS**

**Rua Santa Catharina, 478 — Bello Horizonte**

Origem: Doação

Preço: \_\_\_\_\_

## PERMUTA

Desejamos estabelecer permuta com todas as revistas profissionaes similiares .

Deseamos estabelecer el cambio con todas las revistas profissionales similiares.

Desideriamo cambiare questa Rivista con altre publicazione similari italiane.

On désire établir l'échange avec les revues professionnelles françaises similiares.

We wish to establish exchange all similar professional Reviews.

Wir wünschen den Austausch mit allen ähnlichen Berufzeltschriften einsuerichten.